



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Hysla Magalhães de Moura

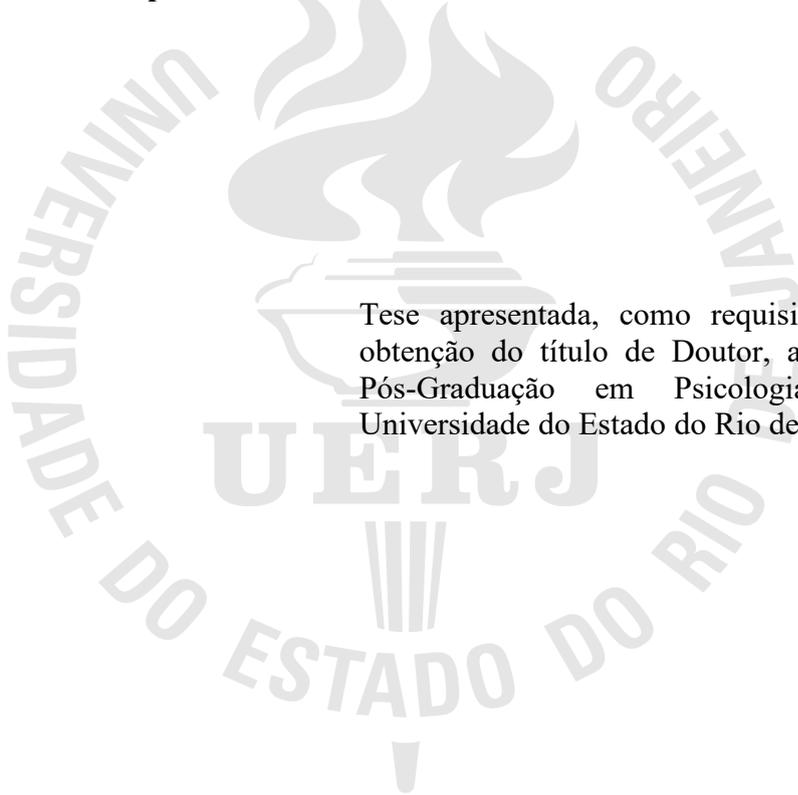
Relação entre empatia e altruísmo em mães e filhos no final da infância

Rio de Janeiro

2021

Hysla Magalhães de Moura

Relação entre empatia e altruísmo em mães e filhos no final da infância



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Deise Maria Leal Fernandes Mendes

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

M929	<p>Moura, Hysla Magalhães Relação entre empatia e altruísmo em mães e filhos no final da infância / Hysla Magalhães Moura. – 2021. 137 f.</p> <p>Orientadora: Deise Maria Leal Fernandes Mendes. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.</p> <p>1 Psicologia Social – Teses. 2. Empatia - Teses. 3. Altruísmo – Teses. 4. Parentalidade – Teses. I. Mendes, Deise Maria Leal Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.</p>
mvf	CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Hysla Magalães de Moura

Relação entre empatia e altruísmo em mães e filhos no final da infância ponto final

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 20 de abril de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Deise Maria Leal Fernandes Mendes (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Patrícia Lorena Quiterio
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Luciana Fontes Pessôa
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Dandara de Oliveira Ramos
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por sempre me dar forças para superar as adversidades e por ter colocado pessoas abençoadas na minha vida que, sem dúvidas, fizeram o diferencial para que eu pudesse realizar o sonho de concluir meu doutoramento.

À minha família por ter sempre acreditado em mim, mesmo quando eu mesma não acreditei. Neste sentido, em primeiro lugar agradeço aos meus Pais. Ao meu pai, Bernardo Moura, eu te agradeço por ter me ensinado a correr atrás dos meus sonhos, por ter me mostrado o valor da dedicação, persistência e empenho. À minha mãe, Wizêlda Moura, minha base, te agradeço por ter me consolado quando eu precisei e por ter me apoiado em cada sonho e em cada decisão que tive ao longo da minha vida. Aos meus irmãos, Rômulo Moura e Guido Moura, agradeço pela torcida, apoio, e palavras e gestos de incentivo e ânimo. Às minhas cunhadas agradeço por fazerem meus irmãos felizes e por terem me dado filhos emprestados, meus sobrinhos.

Agradeço à minha família Magalhães por ter me ensinado o poder da união familiar, do carinho e do apoio. Em especial agradeço aos meus padrinhos, Dagmar e Amadeu Magalhães, por mesmo longe sempre se mostrarem presente em minha vida, acompanhando meus passos, e por sempre torcerem pela minha felicidade e meu sucesso.

Às minhas amigas de infância, Luciana Ramalho e Iara Magalhães, agradeço pela amizade de mais de 20 anos, pelos momentos vividos e sorrisos compartilhados. Saibam que vocês sempre farão parte de minha vida.

Aos meus amigos de graduação, Laurentino Gonçalo, Káren Costa, Bruna Nascimento, Ela Sá, Ernandes Barbosa, vocês foram os primeiros presentes que a Psicologia me deu. Mesmo com a distância e com a correria do dia a dia a nossa amizade continua se fortificando cada dia mais.

Aos meus professores de Graduação Nara Diogo e Ludgleyson Araújo, vocês foram os responsáveis por me apresentar uma das grandes paixões na minha vida: a pesquisa acadêmica.

À minha amada professora, minha primeira e eterna, orientadora acadêmica e de vida, Prof. Dr^a. Estefânea Gusmão, não há como eu não pensar em você e não me emocionar. Desde quando Deus me deu a benção de ter nos apresentado minha vida mudou tanto... Você me fez criar amor pela área acadêmica, pela clínica e pela docência. Desde 2009, nos melhores e nos piores momentos da minha vida você estava lá, me aconselhando, me

incentivando, me dando oportunidades. Tenho um carinho enorme por você e por sua família. Saiba que onde quer que eu esteja você pode sempre contar comigo para o que precisar.

Agradeço ainda aos meus companheiros do núcleo Base Normativas do Comportamento Humano. Particularmente, agradeço à Camilla Figueiredo e Alessandro Teixeira. É incrível como Deus, em seus mistérios, coloca pessoas na nossa vida para fazer a diferença e vocês foram os presentes que o mestrado me deu. Vocês têm sido não só meus parceiros de pesquisas, mas também meu suporte nos momentos de aflição e dor. Obviamente que eu tenho que falar daquela pessoinha que eu tanto amo, Carla Fernanda: obrigada por toda força e carinho! Sua amizade para mim é essencial. Que vocês saibam que cada um tem um espaço especial na minha vida e no meu coração.

Agradeço também ao grupo de pesquisa DESEP, o qual faço parte. Logo, começo agradecendo à minha orientadora Deise Mendes. Professora, muito obrigada por todo o ensinamento, paciência, orientações e apoio! Sou grata ainda a cada integrante desse grupo. Cada um de vocês teve considerável impacto sob minha formação. Abro um parêntese para fazer um agradecimento à minha inseparável amiga Roberta Curvello. Você foi o presente que o doutoramento me deu. Agradeço à Deus por nossa amizade!

Finalmente, agradeço aos professores componentes de minha banca examinadora por aceitarem avaliar minha tese e pelas contribuições que servirão para o aprimoramento dessa pesquisa.

RESUMO

MOURA, H. M. *Relação entre empatia e altruísmo em mães e filhos no final da infância*. 2021. 137 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A necessidade de criar laços intragrupais e agir visando o benefício de terceiros parece estar presente desde o início da história de nossa espécie e em diferentes sociedades. Compreender os comportamentos pró-sociais e as emoções relativas a eles é fundamental para entender a natureza humana, suas limitações e suas habilidades. Neste sentido, a presente tese buscou investigar acerca da empatia e do altruísmo uma vez que estes fenômenos permitem entender as necessidades físicas e emocionais de outras pessoas, assim como partir em auxílio de outrem. No que tange especificamente ao altruísmo, refere-se a um comportamento em prol de outrem que implica custo para o benfeitor, seja no que tange a tempo, dinheiro ou mesmo disposição. Já quanto à empatia, assume-se que a mesma estaria compreendida em dois processos que se traduzem na implicação emocional e no potencial de compreender as emoções de terceiros. Vale ressaltar, ainda, a importância de se estudar a parentalidade uma vez que esta tem se mostrado fundamental para o entendimento das manifestações iniciais dos comportamentos pró-sociais de crianças. Assim, essa tese teve como objetivo verificar a relação entre a empatia e o altruísmo em mães e filhos, para crianças no final da infância. Participaram do estudo 40 crianças de ambos os sexos, com idade entre oito e 12 anos, e suas mães. Quanto aos instrumentos e as tarefas, aplicou-se nas mães a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal-versão reduzida, a Escala de Altruísmo Autoinformado, a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowe e um questionário sociodemográfico. Já com as crianças, realizou-se tarefas de empatia e de altruísmo, e aplicou-se a Escala de Desejabilidade Social Infantil. As análises de dados foram realizadas a partir do pacote estatístico SPSS, versão 22.0. De modo geral, os resultados indicaram que a empatia e o altruísmo expresso por mães e filhos não apresentam relações estatisticamente significativas. Contudo, verificou-se que os níveis de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos se mostraram positiva e significativamente associados. No que se refere ao primeiro achado mencionado, supõe-se que isto se deveu a fatores como a possíveis problemáticas de sensibilidade das medidas empregadas (escalas e tarefas de empatia e altruísmo), a quantidade reduzida de participantes e a quantidade e a qualidade de vivências empáticas e altruístas anteriores. Já quanto à associação verificada entre os níveis de altruísmo e comportamentos de doação dos filhos, entende-se que isto pode se dever ao entendimento gradativo que as crianças vão adquirindo quanto aos ganhos de agir altruisticamente. Acredita-se que conhecer as implicações da parentalidade sobre os comportamentos pró-sociais possa contribuir com as definições de pesquisas futuras e para a elaboração de programas de desenvolvimento destes comportamentos pró-sociais, voltados especificamente para pais e filhos.

Palavras-chave: Empatia. Altruísmo. Parentalidade

ABSTRACT

MOURA, H. M. *Relationship between empathy and altruism in mothers and children in late childhood*. 2021. 137 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The need to create intragroup ties and act for the benefit of others seems to be present since the beginning of the history of our species and in different societies. Understanding prosocial behaviors and the emotions related to them is believed to be fundamental to understanding human nature, its limitations and its abilities. In this sense, the present thesis sought to investigate empathy and altruism since these phenomena allow us to understand the physical and emotional needs of other people, as well as to help others. With regard specifically to altruism, it refers to behavior for the benefit of others that implies cost to the benefactor, whether in terms of time, money or even disposition. As for empathy, it is assumed that it would be understood in two processes that translate into the emotional implication and the potential to understand the emotions of others,. It is also worth mentioning the importance of studying parenting since it has been shown to be fundamental for understanding the initial manifestations of children's pro-social behaviors. Thus, this thesis aimed to verify the relationship between empathy and altruism in mothers and children, for children in late childhood. Forty children of both sexes, aged between eight and 12 years old, and their mothers participated in the study. As for instruments and tasks, the Multidimensional Scale of Interpersonal Reactivity - reduced version was applied to the mothers, the Self-informed Altruism Scale, the Marlowe-Crowe Social Desirability Scale and a sociodemographic questionnaire. With children, tasks of empathy and altruism were performed, and the Child Social Desirability Scale was applied. Data analysis was performed using the SPSS statistical package, version 22.0. In general, the results indicated that empathy and altruism expressed by mothers and children did not show statistically significant relationships. However, it was found that the levels of altruism and donation behavior of the children were positively and significantly associated. With regard to the first finding mentioned, it is assumed that this was due to factors such as possible sensitivity issues of the measures employed (scales and tasks of empathy and altruism), the reduced number of participants and the quantity and quality of experiences previous empathetic and altruistic ones. As for the association found between the levels of altruism and donation behaviors of children, it is understood that this may be due to the gradual understanding that children are acquiring as to the gains from acting altruistically. It is believed that knowing the implications of parenting on prosocial behaviors can contribute to the definitions of future research and to the development of programs to develop these prosocial behaviors, specifically aimed at parents and children.

Keywords: Empathy. Altruism. Parenting.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	10
	INTRODUÇÃO.....	12
1	EMPATIA.....	13
1.1	Conceitualização.....	15
1.2	Aspectos neurobiológicos, filogenéticos, ontogenéticos e culturais.....	19
2	ALTRUISMO.....	27
2.1	Conceitualização.....	28
2.2	Aspectos neurobiológicos, filogenéticos, ontogenéticos e culturais.....	30
3	INTERFACES DA PARENTALIDADE COM O DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA E DO ALTRUISMO.....	39
3.1	Influência da parentalidade na aquisição e no desenvolvimento de capacidades.....	39
3.2	Parentalidade e empatia.....	42
3.3	Parentalidade e altruísmo.....	44
3.4	Hipótese de empatia-altruísmo.....	48
4	OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	54
4.1	Objetivo Geral.....	54
4.1.1	<u>Objetivos específicos.....</u>	54
4.2	Hipóteses.....	54
5	MÉTODO.....	56
5.1	Delineamento.....	56
5.2	Participantes.....	56
5.3	Instrumentos e Tarefas.....	57
5.4	Procedimentos.....	61

5.4.1	<u>Coleta de dados</u>	61
5.4.2	<u>Análise de dados</u>	63
5.4.3	<u>Procedimentos Éticos</u>	64
6	RESULTADOS	65
7	DISCUSSÃO	67
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	90
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	127
	APÊNDICE B – Formulário de identificação mãe e criança.....	128
	ANEXO A - Escala de Multidimensionalidade de Reatividade Interpessoal de Davis.....	129
	ANEXO B - Escala de Altruísmo Autoinformado.....	130
	ANEXO C - Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne.....	131
	ANEXO D - Escala de Desejabilidade Social Infantil.....	132
	ANEXO E - Tarefa de Empatia – vinheta tristeza.....	133
	ANEXO F - Tarefa de Empatia – vinheta alegria.....	134
	ANEXO G - Tarefa de Altruísmo – vinheta repartir.....	135
	ANEXO H - Tarefa de Altruísmo – vinheta abdicar.....	136
	ANEXO I - Questionário Sociodemográfico.....	137

APRESENTAÇÃO

O tema que me propus estudar esteve estreitamente relacionado com meu interesse em construtos relativos à Psicologia Positiva, perspectiva sobre a qual nutro profunda afeição desde o início da graduação. Particularmente, a presente tese se propôs a investigar os fenômenos da empatia e do altruísmo.

Ingressei no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí em 2008. Logo no início da graduação, tive oportunidade de participar de grupos de pesquisas em que pude constatar minha inclinação por realizar investigações científicas. Minhas primeiras pesquisas realizadas perpassaram por temáticas de cunho social como as “representações sociais dos bombeiros acerca do perigo e da morte” e pelo estudo das “implicações da gravidez em adolescentes e em jovens adultas”. Foi a partir dos achados de pesquisas como estas que pude observar minha inquietação quanto a trabalhar as forças e as habilidades dos indivíduos frente às adversidades. Logo, me vi diante da Psicologia Positiva como uma corrente teórica que atendia a meus interesses acadêmicos e demanda de formação pessoal. Neste sentido, comecei a pesquisar em duas frentes, sendo uma voltada a investigar construtos ligados às potencialidades humanas, e outra, a estudar temáticas sobre fatores que acarretassem prejuízos e/ou dificuldades ao desenvolvimento dessas competências.

No decorrer do meu mestrado tive contato com algumas produções acadêmicas que tomaram como suporte teórico a Psicologia Evolucionista. Foi ali que a curiosidade e a admiração por esta perspectiva começaram a germinar. Assim, meu interesse pela Psicologia Evolucionista, aliado ao trabalho já desenvolvido pela minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Deise Mendes, levaram-me a entrar em contato com a mesma. Diante desta conjuntura, aproveitei para demarcar que esta tese adotou como referencial teórico a Psicologia Evolucionista, considerando os princípios da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista, que aplica o pensamento evolutivo ao estudo do desenvolvimento humano. De acordo com a Psicologia Evolucionista, certos mecanismos psicológicos são resultados evolutivos que estiveram direcionados, em determinado momento da filogênese, a solucionar problemas específicos (Bus, 2015). Já no que tange mais especificamente à Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista, a mesma está voltada para analisar de que modo a história filogenética humana se repercute sobre a ontogênese de nossa espécie. Esta abordagem leva em consideração tanto aspectos universais da espécie, quanto fatores particulares de cada

indivíduo, estes que, por sua vez, dependeriam do contexto e dos estímulos recebidos (Vieira & Prado, 2004).

Entender as bases evolutivas e desenvolvimentistas dos construtos em questão (empatia e altruísmo) promovem uma melhor compreensão acerca do modo como os mesmos se desenvolvem em termos ontogenéticos (Seidl-de-Moura, 2011). Ademais, acredito que a parentalidade pode ter papel fundamental no desenvolvimento de predisposições biológicas, de maneira a estimular/inibir a expressão dessas e de outras potencialidades humanas (Motta, Falcone, Clark, & Manhães, 2006).

A relevância desta pesquisa se dá por buscar preencher lacunas na literatura. Especificamente, são escassos os estudos que levaram em consideração aspectos evolucionistas e desenvolvimentistas da empatia (Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011), e o mesmo pode ser verificado com o altruísmo. Portanto, valoriza-se o estudo desses fenômenos psicológicos levando em consideração aspectos da sua história filogenética e da parentalidade, que se entende desempenhar um papel central na sua ontogênese. Assim sendo, a presente tese verificou a relação entre empatia e altruísmo em mães e em filhos, para crianças no final da infância.

A organização desse trabalho é tal que, no capítulo um (**Introdução**) dissertou-se sobre os construtos em foco. Especificamente, este capítulo discorreu sobre os seguintes subtópicos: *empatia*, *altruísmo* e *interfaces da parentalidade com o desenvolvimento da empatia e do altruísmo*. No que tange ao primeiro mencionado, o mesmo contemplou uma discussão conceitual sobre a empatia, em que foram discutidos os fatores que compõe este fenômeno, a partir da perspectiva adotada, assim como se abordou os aspectos neurobiológicos, ontogenéticos, filogenéticos e culturais. A mesma estrutura segue no segundo subtópico, em que se abordou o altruísmo. Por fim, o último subtópico tratou-se das implicações da parentalidade sobre ambos os construtos, assim como debateu-se sobre a hipótese de empatia-altruísmo tendo em vista elucidar a vinculação entre os fenômenos de empatia e altruísmo. O capítulo dois se referiu ao **Método**, em que se apresentou os *participantes* desta pesquisa, assim como os *instrumentos*, *procedimentos* e *análise de dados*. No capítulo três tratou-se dos **Resultados** encontrados no presente estudo. O capítulo quatro (**Discussão**) retratou uma tentativa de entender os achados à luz da literatura. O capítulo final (**Considerações Finais**) apresentou ponderações sobre contribuições, dificuldades e limitações da decorrente tese.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos tem-se questionado como e o porquê das pessoas desempenharem atos de autossacrifício em dada ocasião, enquanto que em outras situações desconsideram pedidos desesperados de ajuda (Gouveia, Athayde, Gouveia, Gomes, & Souza, 2010). Paralelamente a isto, pode-se verificar cada vez mais nos dias atuais o apelo pela responsabilidade social (Gouveia, Santos, Athayde, Souza, & Gusmão, 2014). Neste cenário de demanda de comportamentos que visam o benefício de terceiros, destacam-se os comportamentos pró-sociais. Esta modalidade de ação é tida pela sociedade como sendo fundamental para as relações sociais exitosas e para aceitação pelos pares (Kuk, Czechoowski & Femiak, 2015).

Estima-se que compreender os comportamentos pró-sociais possa colaborar para entender a natureza humana, suas limitações e suas habilidades (Gouveia, Santos et al., 2014). Apesar da importância da compreensão desta modalidade de conduta, ainda se verifica uma reduzida quantidade de estudos brasileiros sobre comportamentos pró-sociais (Pilati, Leão, Vieira, & Fonseca, 2008), o que pode indicar a necessidade de mais pesquisas acerca dessas potencialidades humanas, particularmente da empatia e do altruísmo. Há de se destacar ainda que a empatia e o altruísmo são fenômenos sumamente intragrupais e familiares (Lencastre, 2013), que se desenvolvem desde a infância (Bussab, Pedrosa, & Carvalho, 2007; Cialdini, Baumann, & Kenrick, 1981). Parece, então, razoável e promissor, para um melhor conhecimento acerca desses processos, verificar a relação entre empatia e altruísmo em mães e em filhos para crianças no final da infância. Neste sentido, ambos os construtos serão abordados nos tópicos que se seguem.

1 EMPATIA

Os seres humanos, tais como os demais animais, nascem predispostos para o contato com um mundo prévio, sendo especialmente importante para a sobrevivência, no caso da espécie humana, o potencial para e o interesse pelo reconhecimento facial (Bjorklund, 2015). Ademais, podem-se mencionar ainda habilidades que permitem a identificação e a expressão de pistas emocionais (Grossmann, 2010; Montagner, 1996; Lee, 2009), a distinção entre pessoas e objetivos e o reconhecimento do cheiro e da voz materna (Mendes, 2017). Estas habilidades ganham significativo destaque, uma vez que os recém-nascidos são dependentes de cuidados, o que implicaria, por sua vez, a formação da vinculação com os cuidadores e a necessidade de desenvolver formas de reconhecimento destes (Seidl-de-Moura, 2005). Com base nesse quadro referencial, ressalta-se o interesse pela investigação da empatia, esta que está relacionada à capacidade de contemplação dos estados emocionais de terceiros (Pasalich, Dadds, & Hawes, 2014).

O estudo da empatia apresenta-se como sendo basilar por diversas razões, dentre as quais o fato de que disfunções em suas dimensões afetiva e cognitiva apresentam ligações com problemas comportamentais na infância e na adolescência. Há relatos, por exemplo, de que problemáticas de ordem comportamental têm se vinculado a deficiências na dimensão cognitiva e afetiva da empatia em meninos, e ao *déficit* da empatia cognitiva em meninas (Dadds et al., 2009), em crianças e adolescentes. Achados como estes também foram encontrados em amostra de adultos (Schwenck et al., 2012). Adicionalmente, autores como Warrier et al. (2018) defendem a ideia de que a empatia é um construto de fundamental importância, visto que favorece as interações sociais e os relacionamentos íntimos por possibilitar que o sujeito responda adequadamente às demandas de outrem.

Nesse sentido, pesquisas têm demonstrado que comportamentos empáticos possuem uma estreita relação com satisfação com a vida (Batson, Duncan, Ackerman, Buckley, & Birch, 1981; Grevenstein & Bluemke, 2015; Lachmann et al., 2018; Lankau; Krajewska-Kulak, Jankowiak, Baranowska, & Bejda, 2017) e resolução de conflitos nos relacionamentos interpessoais (Influs, Pratt, Masalha, Zagoory-Sharon, & Feldman, 2017; Lissa, Hawk, Branje, Koot, & Meeus, 2016), com saúde e bem-estar (Bourgault et al., 2015; Rosen, Mooney, & Muise, 2017) e com comportamentos pró-sociais (Beadle, Sheehan, Dahlben, & Gutch, 2013; Roalf, Mitchell, Harbaugh, & Janowsky, 2012; Sze, Gyurak, Goodkind, & Levenson, 2012), inibindo a expressão de comportamentos agressivos e antissociais (Batson,

2011; Villandangos, Errasti, Amigo, Jolliffe, & García-Cueto, 2016) e reduzindo a probabilidade de rompimento relacional (Falcone, 1999). Logo, a empatia tem se mostrado um conceito essencial para as relações interpessoais, sendo que Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005) e Blanke, Rieurs e Riediger (2016) a destacam como primordial para as relações sociais exitosas e para o ajustamento social. Ademais, este construto tem sido empregado para a compreensão de diferentes características do ser humano, a exemplo de traços da personalidade (Davis et al., 1999), abuso sexual (Moura, & Koller, 2010; Perez-Albeniz & Paul, 2003), ou mesmo tem sido utilizado como um valioso recurso em procedimentos educacionais (Garcia-Serpa, Del Prette, & Del Prette, 2006), intervenções em grupo (Galvão, Camino, Gouveia, & Formiga, 2010), psicoterapia (Oliveira, Falcone, & Ribas Júnior, 2009), etc.

No que se refere, especificamente, à empatia em crianças, a literatura tem enfatizado sua importância como mecanismo protetor de fatores de risco, a exemplo da agressividade (Pavarino et al., 2005) e como ativador de potencialidades humanas. Pode-se, por exemplo, mencionar o estudo desenvolvido por Ceconello e Koller (2000), realizado em Porto Alegre com 100 crianças (de seis a nove anos de idade, estudantes da primeira a terceira séries de escolas públicas) que viviam em contexto de pobreza, no qual, ao avaliarem a competência social e a empatia, verificaram que crianças mais empáticas apresentaram maiores índices de competência social, de modo que estas características atuaram conjuntamente como mecanismos de adaptação psicossocial e de resiliência.

A literatura tem apontado ainda que maiores índices de empatia estão relacionados com comportamentos de cuidado parental mais sensíveis. Nesse sentido, Stern, Borelli e Smiley (2015), ao estudarem a relação entre empatia e relações de apego expresso por pais e filhos, verificaram que a maior expressão de empatia por parte dos pais mostrou-se positivamente relacionada com a afetividade parental percebida pelas crianças, notadamente no que tange a ações que transmitiam amor e cuidado.

Acompanhando a visão de alguns autores, assume-se que a empatia se desenvolve ao longo do ciclo vital e, deste modo, acredita-se que a idade e o momento do desenvolvimento em que o indivíduo se encontra, repercutem fortemente nas possibilidades e formas de manifestação da empatia (Bussab, Pedrosa, & Carvalho, 2007; Fleshbach, 1997). Assim sendo, o exame e uma discussão sobre sua conceitualização serão realizados a seguir no intuito de demarcar a perspectiva teórica adotada neste trabalho, bem como explorar as dimensões e as etapas de desenvolvimento da empatia.

1.1 Conceitualização

Os estudos sobre empatia têm uma extensa trajetória (Davis, 1980), sendo marcada por conceitos, muitas vezes, um tanto contraditórios nos diferentes campos de investigação, tais como estética, sociologia e psicologia (Pavarino et al., 2005; Preston & De Waal, 2002). De fato, a empatia é um construto complexo e multidimensional (Vieira & Kupermann, 2017), de modo que alguns autores a concebem incluindo dois (Hoffman, 2000), três (Formiga et al., 2013), ou mesmo quatro (Davis, 1983; Falcone et al., 2008) fatores. Contudo, independentemente da perspectiva adotada, é assumido que as suas dimensões básicas configuram-se em dois processos que se traduzem na *implicação emocional* e no *potencial de compreender os sentimentos de terceiros* (Gaspar, 2015).

No que concerne às diferentes visões teóricas sobre sua distribuição fatorial, há um relativo consenso de que a empatia é melhor entendida como sendo composta por duas dimensões (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Jolliffe & Farrington, 2006; Shamay-Tsoory, 2011). Acompanhando a posição desses autores, antecipa-se que a perspectiva adotada no presente trabalho é a bidimensional – sendo composta pelos fatores cognitivo e afetivo -, argumentando-se nessa direção com base nos estudos citados mais a seguir.

De acordo com Hoffman (2000), durante as interações sociais, o indivíduo vê os estados emocionais do outro ou mesmo percebe a situação pela qual o outro está passando, de modo que a pessoa que observa passa a ter sentimentos compatíveis com a experiência sentimental do sujeito observado, podendo ser nomeados de sentimentos empáticos. Sendo assim, a empatia está associada à capacidade de alguém colocar-se no lugar de outra pessoa, compreendendo o que a mesma está sentindo e dando-lhe uma resposta afetiva adequada à situação vivenciada, com base em informações e pistas situacionais (Hoffman, 1989).

Neste sentido, pode-se dizer que a empatia se dá quando há um contato com a situação e os sentimentos (positivos ou negativos) de outrem, sendo que estes sentimentos podem ser percebidos a partir de expressões emocionais manifestadas, através, por exemplo, da face, do olhar, da tonalidade da voz, ou mesmo a partir do comportamento da outra pessoa, conforme defendido por Richard (2015). Este mesmo autor sinaliza que para haver uma implicação com os direcionamentos futuros de outro indivíduo, faz-se necessário ter-se em conta seu contexto, assumindo sua perspectiva e ter em mente o que sentiria caso se encontrasse naquela situação. Assim, as habilidades empáticas seriam usadas como respostas à necessidade afetiva de outra pessoa, a exemplo de quando o outro vivencia sentimentos positivos ou negativos e tem

expectativas de ser acolhido por seus entes mais íntimos e/ou próximos (Pavarino et al., 2005).

Todavia, para que a ativação empática possa trazer benefício para o indivíduo em sofrimento, é necessário que a pessoa que observa tenha o discernimento de que o indivíduo sofrido é um outro sujeito que não o observador (Richard, 2015). Em verdade, seres humanos possuem controle limitado sobre a ativação empática, de modo que podem se esquivar ou fugir do estímulo (*e.g.* redirecionando o olhar para outra direção) como uma maneira de evitar os desdobramentos que uma empatização poderia causar para si mesmos, a exemplo de uma aflição autocentrada em face a angústia de outrem (De Waal, 2008).

Quanto aos componentes/dimensões da empatia, assume-se que a mesma possui elementos afetivos e cognitivos e estes possibilitam que o indivíduo possa compartilhar afetos e cognições com outras pessoas, propiciando uma resposta emocional condizente com suas necessidades emocionais (Hoffman, 2000). Apesar da estreita relação entre as dimensões cognitiva e afetiva da empatia, as mesmas constituem-se em componentes diferenciados.

O aspecto cognitivo faz menção a processos eminentemente intelectuais, contemplando a habilidade e a percepção social. Assim, a empatia cognitiva refere-se à compreensão do contexto em que o outro indivíduo se encontra e das razões de seu estado emocional (De Waal, 2008). Já o fator afetivo, concerne ao sistema mais básico e/ou primitivo, no qual pode-se dizer que há um contágio de emoções, levando um indivíduo a responder de maneira emocionalmente semelhante (Stotland, 1969). Por conseguinte, a resposta emocional expressa está em consonância com as pistas do estado emocional de outro indivíduo (Hoffman, 1975a). Destaca-se que este componente da empatia se constitui em um importante fator motivacional (Gaspar, 2015). Ambos fatores (cognitivo e afetivo) estão vinculados ao modo pelo qual o indivíduo reagirá frente às vivências dos demais (Batanova & Loukas, 2012).

Há de se destacar que a compreensão empática alude à necessidade de maturidade emocional, além de delimitação da identidade pessoal, a qual se desenvolvendo desde a primeira infância (Hoffman, 2000). Nesta perspectiva, o desenvolvimento da empatia estaria vinculado com o desenvolvimento cognitivo. Entende-se, desse modo, que crianças mais velhas apresentam maiores habilidades para compreender as experiências emotivas de outras pessoas (Sánchez-Pérez, Fuentes, Jolliffe, & González-Salinas, 2014). Logo, parece fazer sentido dizer que a empatia sofre significativas mudanças ao longo do desenvolvimento (Hoffman, 1975a).

Em consonância com esse pressuposto, uma pesquisa desenvolvida por León-

Rodríguez e Sierra-Mejía (2008) estudou crianças entre quatro e seis anos de idade, estudantes do Jardim da Infância e nível fundamental I de escolas públicas da cidade de Bogotá - Colômbia. Os achados indicaram que a idade era proporcional à capacidade de entender as consequências dos estados emocionais de outrem, especialmente no que se referia aos sentimentos positivos, a exemplo da alegria. Considera-se plausível, então, pensar que o desenvolvimento cognitivo interfira de modo direto na forma como as crianças atribuem significado aos sentimentos expressos pelos outros (Howe, Cate, Brown, & Hadwin, 2008; Rieffe, Ketelaar, & Wiefferink, 2010; Sampaio, Moura, Guimarães, Santana, & Camino, 2013), ao se ter em conta que a compreensão cognitiva do estado emocional alheio eleva a possibilidade de uma resposta emocional condizente com a situação em que terceiros se encontram (Strayer & Roberts, 1989).

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, está estritamente relacionado com princípios elementares da teoria de Hoffman (1991a), tais como os de *angústia empática* e *angústia simpática*, de modo que uma breve explanação sobre essas noções se faz necessária. Quanto à *angústia empática (empathic distress)*, esta conota as sensações de desconforto vivenciada no *self* diante de indícios que caracterizam sofrimento, referindo-se ao sentimento empático mais basilar que posteriormente, após o processo de diferenciação do *self*, transforma-se em *angústia simpática (sympathetic distress)*. Já no tocante a este último conceito, trata-se da intenção pró-social concebida no *self*, que a partir de sentimentos tais como compaixão e pena pode vir a se explicitar em ações voltadas para ajudar alguém vítima de algum infortúnio (Sampaio et al., 2013). Neste sentido, a empatização de um indivíduo com outro aparentemente se apresenta em dois estágios onde primeiramente há a identificação dos sentimentos de outra pessoa, para então haver o desenvolvimento da ressonância para com estes estados afetivos (Richard, 2015).

Outra noção de suma importância para a compreensão da empatia, é a que se refere ao potencial cognitivo de entender a perspectiva de outra pessoa, compreendendo sua ótica e elaborando conclusões sobre seus sentimentos e pensamentos (*role-taking*; assumir o papel do outro) (Selman & Byrne, 1974), a qual se aprimora ao longo do desenvolvimento. A partir do refinamento do *role-taking*, as *angústias empáticas e simpáticas* passam a se distinguir em outras modalidades de sentimentos provocados pela empatia, a exemplo da culpa, raiva ou mesmo tristeza (Sampaio et al., 2013). Vale dizer que estes últimos sentimentos mencionados seriam desdobramentos da empatia, de modo que não devem ser confundidos com a mesma.

Hoffman (1975; 1984) evidencia que o desenvolvimento da empatia se dá concomitantemente com a aquisição de habilidades cognitivas das crianças, estando

compreendida em quatro etapas sociocognitivas, a saber:

Empatia global: bebês podem vivenciar aflição empática antes mesmo de adquirirem uma noção consciente de distinção de si e dos outros, o que pode ser constatado já nas primeiras horas de vida (18-72 horas após o nascimento). Contudo, neste estágio a criança está focada em promover o próprio conforto frente a aflição de outrem. Este sentimento de angústia pessoal, vivenciado pelo bebê diante de emoções negativas de outra pessoa, é considerado pela literatura como sendo precursor da empatia.

Empatia egocêntrica: esse segundo nível é alcançado quando o bebê começa a tomar consciência da distinção de si e do outro (dois-três anos de idade), vivenciando o sofrimento empático, mas sabe que a vítima em questão é outro indivíduo. Entretanto, comumente a criança confunde quem está em aflição, se ela ou outra pessoa, de modo que tende a oferecer como ajuda o que para ela seria o mais confortante. Assim, este estágio se caracteriza pelo início de ações voltadas para reduzir o sofrimento de outrem.

Empatia pelos sentimentos dos outros: a partir da aquisição do potencial de assumir o papel do outro, crianças (quatro-cinco anos de idade) se dão conta que, por vezes, seus sentimentos podem ser diferentes do estado emocional de outras pessoas e que a concepção de outrem está fundamentada em suas próprias necessidades e percepções de situações, podendo empatizar por uma pessoa mesmo que esta esteja ausente. Começam a compreender o sentido simbólico dos afetos, alastrando seu entendimento acerca de uma gama maior de sentimentos.

Empatia pela condição geral do outro: nessa fase as crianças desenvolvem significativamente a habilidade empática e se dá a aquisição deste potencial, e suas expressões se apresentam de modo consistente nas etapas de desenvolvimento posteriores, ou seja, crianças mais empáticas estariam mais aptas a se tornarem adultos mais empáticos.

Dissertar sobre aspectos filogenéticos, neurológicos, ontogenéticos e culturais pode contribuir fortemente para o entendimento do surgimento da empatia na espécie humana, na sua expressão em termos cerebrais e hormonais, assim como para a compreensão de como este construto se apresenta no decorrer da vida nas mais diferentes culturas. Em consonância com esta perspectiva, a literatura aponta que as questões do desenvolvimento humano podem ser melhor entendidas ao se levar em consideração aspectos filogenéticos da espécie (Seidl-de-Moura, 2011; Vieira & Prado, 2004). Assim sendo, a perspectiva evolucionista foi assumida como base teórica que norteou esse trabalho. Para mais, discorrer como este construto se dá durante a infância é basilar visto que esta é uma fase primordial para aquisição de diferentes potencialidades humanas que irão se aprimorar ao longo da trajetória de vida do sujeito, como é o caso da empatia (Van Lissa et al., 2015).

1.2 Aspectos neurobiológicos, filogenéticos, ontogenéticos e culturais

Inicialmente, considera-se importante destacar que a presente tese adotou uma perspectiva teórica de articulação da abordagem sociocultural com a Psicologia Evolucionista (Seidl-de-Moura, 2005), e a respeito desta última, particularmente, a Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista. Partindo-se dessa visão, no tocante aos aspectos filogenéticos, alguns mecanismos psicológicos são produtos evolutivos que visaram, em algum momento da filogênese, resolver problemas específicos (Buss, 2015; Keller & Kärtner, 2013). No entanto, seria impreciso afirmar que todos os comportamentos humanos possuem valor adaptativo. Em verdade, os mecanismos psicológicos também podem ser subprodutos adaptativos, ou seja, os mesmos não foram selecionados por si próprios, permanecendo, então, durante a evolução da espécie, por terem associações a outro traço adaptativo. Ao mesmo tempo, a expressão destes mecanismos pode não possuir um valor desadaptativo considerável que seja responsável por sua extinção (Bjorklund, 1997; Bjorklund & Pellegrini, 2000).

Aparentemente, a pressão evolutiva, no que tange à empatia, teve suas raízes no cuidado parental e na vida em grupo (Decety & Cowell, 2014), haja vista a necessidade de conexão emocional que garantisse a sobrevivência dos membros de espécies cuja prole dependesse de cuidados em períodos iniciais da vida (Vieira & Prado, 2004). O longo período de imaturidade verificado em algumas espécies é uma característica evolutivamente selecionada que auxilia na sobrevivência do indivíduo naquele momento específico do desenvolvimento (Bjorklund & Pellegrini, 2000). Em se tratando especificamente da espécie humana, este prolongado período de infância possibilita a aprendizagem das complexidades inerentes aos diversos contextos socioculturais (Seidl-de-Moura, 2011).

De acordo com a concepção evolucionista, a empatia manifesta-se a partir de uma capacidade inata de identificar e compartilhar pistas emocionais de outrem (Clay, Palagi, & De Waal, 2018; De Waal, 2018; Motta et al., 2006). Isto posto, parece fazer sentido pensar que a empatia e o contágio emocional assumem funções adaptativas, visto que ambos os construtos possibilitam aos progenitores identificar os sentimentos manifestados pelos filhos, agindo, então, de maneira condizente (De Waal, 2008; Preston & De Waal, 2002; Viera & Prado, 2004). Por outro lado, a prole desenvolve desde cedo uma vinculação com os cuidadores e a necessidade de desenvolver formas de reconhecimento destes (Bjorklund, 2015; Seidl-de-Moura, 2005).

De fato, o potencial de identificar e interpretar os pensamentos de outrem verificados em primatas humanos e não-humanos pode assumir papel fundamental na cadeia evolutiva ao permitir o reconhecimento de trapaceiros e colaboradores (Humphrey, 1976). Além disso, a identificação dos sentimentos parece ser basilar para a comunicação (Camras & Halberstadt, 2017; Darwin, 1872/1998). Assim, o entendimento da mente dos outros, do mesmo modo que o compartilhamento vicário de sentimentos, configuram-se em aspectos evolutivamente demarcados (Smith, 2006).

Nesta perspectiva, indivíduos nascem munidos de predisposições e aparatos biológicos que os auxiliam em contextos sociais sem, contudo, haver uma maior demanda de processos cognitivos (Hoffman, 1981a; Trommsdorff & Cole, 2011), conforme será abordado a seguir. Assim, parece plausível considerar que a empatia pode ter evoluído filogeneticamente ao se considerar que a seleção natural tem beneficiado seres que se mostram dispostos a empatizar e cuidar de seus vínculos sociais (Seyfarth & Cheney, 2013).

Evidências têm indicado que diferentes animais têm demonstrado respostas emocionais diante da exibição de sentimentos de outros (De Waal, 2003; Preston & De Waal 2002). O contágio emocional em outros animais pode ser verificado no estudo de Watanabe e Ono (1986), no qual pombos e ratos reduziram a reprodução de comportamentos condicionados que provocam dor nos outros ao verificarem a aflição causada em seu coespecífico. Outro exemplo que pode ser mencionado sobre contágio emocional, diz respeito a situações em que há a disseminação do medo em uma revoada de pássaros devido à demonstração do temor por um de seus membros (De Waal, 2008). Este comportamento pode ser adaptativo na medida que pode reduzir os riscos de vida destes animais frente a um predador, ou mesmo a qualquer outro fator que tenha sido entendido como ameaçador por um dos integrantes do grupo.

No que se refere à verificação de empatia em primatas não-humanos, a mesma pode ser observada na demonstração de consolo para um perdedor de uma briga (De Waal & Aureli, 1996; De Waal & Van Roosmalen 1979). Outro indício de empatia pode também ser verificado com macacos símios que tiveram suas vidas poupadas das consequências que uma falta de cuidado pode acarretar quando são rejeitados durante seu desmame, de modo que outro membro de seu grupo assume estes cuidados para evitar sua morte prematura (De Waal, 2008). Aparentemente, raízes evolutivas em ancestrais comuns podem ser constatadas entre primatas humanos e não-humanos, por exemplo, a partir da similaridade existente da comunicação emocional (Parr & Waller 2007).

No tocante à conexão emocional em primatas humanos, Hoffman (1975a) defende que

a mesma pode ser percebida desde tenra idade. Entretanto, em seres humanos, os potenciais empáticos estão sujeitos às condições de socialização dos ambientes nos quais estes estão imersos (Motta et al., 2006). De acordo com estes autores, aspectos ambientais que propiciam o desenvolvimento da empatia se relacionam ao contexto que dá à criança um rol de possibilidades para vivenciar e exprimir variadas emoções, bem como atendem suas necessidades emocionais e físicas, desencorajando preocupações demasiadamente autocentradas. Em humanos, as implicações da empatia podem ser verificadas em uma sala repleta de recém-nascidos quando há um choro coletivo como desdobramento do início desta reação realizada por algum bebê naquele ambiente (De Waal, 2008).

No que diz respeito propriamente aos aspectos neurológicos, pesquisas têm apontado que a empatia está relacionada ao funcionamento da amígdala, do córtex pré-frontal e do ventromedial (Morelli, Rameson, & Lieberman, 2014), do sulco temporal superior, do pólo temporal (Frith & Frith, 1999) e do córtex sensorial (Blair & Perschardt, 2002). Além disso, o sistema nervoso autônomo ganha especial atenção já que exerce influência na percepção dos sentimentos de seres humanos, definindo a qualidade de comunicação social (Porges, 2007), bem como interfere na vivência afetiva, na expressão emocional, nos gestos faciais, na comunicação verbal e no comportamento social (Carter, Harris, & Porges, 2009). Estes autores vêm trazer, no tocante aos fatores hormonais, que os neuropeptídios, em especial a ocitocina e a vasopressina, agem sobre o cérebro de maneira a intervir sobre os comportamentos sociais, os sentimentos e as respostas emocionais e o sistema nervoso autônomo.

Somando ao exposto, ao se tomar em conta que um pré-requisito para o desenvolvimento do comportamento pró-social é a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa, considerando o que ela está pensando, sentindo e/ou como está agindo, os neurônios-espelhos ganham destaque por apoiar a compreensão desses fenômenos, pois envolvem habilidades que são influenciadas, ao menos parcialmente, pelo funcionamento desses neurônios (Rizzolatti & Fabbri-Destro, 2008). Os neurônios-espelhos são células nervosas vinculadas ao córtex motor que são ativadas quando há a execução de um ato pelo indivíduo ou mesmo quando este observa a ação alheia (Hauser & Mood, 2010). Assim, a relação estabelecida entre perceber e agir estaria também baseada nas atividades destes neurônios (Preston & De Waal, 2002). Efetivamente, estes mecanismos neuronais dão suporte para a cooperação, o comportamento de ajuda e a empatia, dado que possibilitam o compartilhamento de metas e o desenvolvimento de ações coordenadas (Iaboni, 2009), além de propiciar que seres humanos compreendam os estados emocionais de outrem sem

necessitar de elaborações cognitivas complexas (Trommsdorff & Cole, 2011).

Estudos têm demonstrado fortes evidências de que há um componente hereditário da empatia (Davis, Luce, & Kraus, 1994; Emde et al., 1992; Zahn-Waxler, Robinson, & Emde, 1992). Neste sentido, Smith (2006) destaca que há uma variação hereditária de cunho filogenético na relação mental verificada entre os componentes afetivo e cognitivo da empatia, produzindo alterações nas tendências comportamentais. Além do que, a literatura sinaliza que a empatia é constituída de mecanismos biológicos, a exemplo de tendências temperamentais (Rothbart, Ahadi, & Hershey, 1994).

Já no que tange aos aspectos ontogenéticos da empatia, a mesma desenvolve-se ainda nos estágios iniciais da vida, estando presente antes mesmo que as crianças adquiram a habilidade de expressá-la (Dadds et al., 2008). Logo, quanto ao desenvolvimento da empatia em tenra idade, pode-se dizer que essa capacidade aumenta sua complexidade com o passar dos anos, passando inicialmente de um estado de estresse diante do sofrimento alheio e da busca do próprio conforto, para a posterior expressão de ações dirigidas para o auxílio do outro em sofrimento (Duan & Hill, 1996).

De fato, a literatura pontua que crianças mais jovens demonstram ser menos hábeis do que as maiores, ou mesmo adultos, no reconhecimento acurado dos sentimentos de outras pessoas (Fleshbach, 1997), conforme anteriormente mencionado. De acordo com Strayer, Von Rossberg-Gempton e Roberts (1992), essa limitação pode ser atribuída à necessidade de tomada de perspectiva do outro que se encontra em desenvolvimento e que ainda não se apresenta em crianças até em torno dos quatro anos, bem como, em decorrência da ausência de clareza no discernimento de sentimentos semelhantes. Para mais, outros fatores que parecem exercer influência são o processo maturacional (Tsujimoto, 2008), além do aprimoramento progressivo da cognição social (Saxe, 2006).

De acordo com Legerstee, Haley e Bornstein (2013), bebês de três meses já são capazes de sentir empatia, o que é propiciado pelo desenvolvimento neuronal e vivências socioemocionais e sensoriais adquiridas até então. Ressalta-se que níveis de empatia expressos em períodos iniciais do desenvolvimento podem exercer forte influência sobre a trajetória do seu desenvolvimento em etapas posteriores (Van Lissa et al., 2015).

Em se tratando do período por volta dos dois a seis anos de idade, este compreende o início do entendimento do estado mental do outro, no qual se faz uso desta perspectiva para deduzir seu estado emocional, aumentando concomitantemente a expressão da empatia por parte das crianças (Wellman, Cross, & Watson, 2001). Assim, conforme as crianças vivenciam uma crescente variedade de emoções, estas se tornam gradativamente mais capazes

de discernir pistas emocionais e compreender sentimentos de outras pessoas (Hoffman, 2000). Notadamente, crianças possuem propensão a responderem mais empaticamente a indivíduos tidos por elas como semelhantes, tanto no que tange aos aspectos físicos, como no que se refere às vivências pessoais compartilhadas (Motta et al., 2006). Neste sentido, estes autores evidenciam que estimular a criança a ver as outras pessoas como seus semelhantes pode colaborar para o desenvolvimento e exibição da empatia.

Vale trazer à luz outros importantes fatores que exercem influência sobre a empatia, a saber: I) *fatores idiossincráticos*, ou seja, características particulares de cada indivíduo; II) *níveis de empatia*, visto que as vinculações sociais intervêm na forma de perceber o outro; III) *tipo de relação estabelecida entre os indivíduos*, apesar de se considerar que a associação entre o envolvimento sentimental e a ação em resposta à empatização não é simples ou direta (Stotland, 1969). Especificamente, no que diz respeito a este último elemento, Singer et al. (2006) frisam que a presença de vínculos afetivos com o sujeito alvo da empatia exerce influência na intensidade da resposta empática, tal como na profundidade, na clareza e na qualidade da emoção (positiva ou negativa) expressa diante do outro.

Destaca-se ainda o sexo como sendo fundamental para o entendimento da expressão empática. Pesquisas têm indicado diferença dos níveis de empatia entre ambos os sexos nos diferentes momentos ou etapas do desenvolvimento, a saber: infância (Zajdel, Bloom, Fireman, & Larsen, 2012; Schwenck et al., 2013), adolescência (Stuijzand et al., 2016; Topcu & Erdur-Baker, 2012) e adultez (Fernández et al., 2011; Gilet, Mella, Studer, Grünh, & Labouvie-Vief, 2013).

De modo geral, evidências têm indicado que mulheres têm maiores escores em avaliações de empatia do que homens (Mehrabian, Young, & Sato, 1988; Sánchez-Pérez et al., 2014). Neste sentido, a literatura tem indicado que crianças do sexo feminino apresentam maiores níveis de empatia se comparadas as do sexo masculino (Zajdel et al., 2012).

Em consonância com esses achados, um estudo desenvolvido por Sánchez-Pérez et al. (2014) na Múrcia – Espanha, com crianças de seis a 12 anos, as quais estavam cursando o Ensino Fundamental I (obs.: os autores não especificaram se as escolas eram públicas ou privadas), verificou associações entre a empatia afetiva e cognitiva com o ambiente familiar e com o ajustamento social das crianças. Para tanto, utilizou-se uma amostra de 364 famílias, sendo que os questionários sobre as crianças foram respondidos por ambos os pais. A partir desta pesquisa, foi possível verificar que o sexo se apresentou como uma variável importante para explicar as diferenças existentes entre meninos e meninas, de modo que meninas apresentaram maiores pontuações na empatia afetiva. Todavia, não houve diferença

significativa quanto à sua dimensão cognitiva. Por fim, a empatia mostrou-se positivamente relacionada com ajustamento social. Vale dizer que estes autores vêm tratar esta questão de diferenças existentes entre os sexos tomando como ponto de partida aspectos biológicos.

Sánchez-Pérez et al. (2014) têm argumentado que tais variações são influenciadas por fatores maturacionais e etários, logo as mudanças nos circuitos neurais envolvidos nos fatores afetivo e cognitivo da empatia mostram-se imbricados à ontogênese. Assim, enquanto o componente afetivo contempla uma área cerebral (sistema límbico) que se desenvolveria de maneira mais acentuada até a infância, o fator cognitivo abarca uma região do cérebro (lobo frontal) que sofreria transformações significativas até a adolescência (Decety, 2010).

Ainda de acordo com evidências relatadas, as diferenças com relação ao sexo aparecem desde muito cedo na ontogênese (Christov-Moore et al., 2014; Michalska et al., 2013; O'Brien et al., 2013). Ao que parece, neonatas são mais propensas a chorar ao ouvir o choro de outra criança, se comparadas com neonatos (Hoffman, 1977a; Sagi & Hoffman, 1976), o que a literatura tem assumido como sinal de um desenvolvimento inicial para a empatia (De Waal, 2008).

É relatado, ainda, que bebês do sexo feminino (três-quatro meses) parecem demonstrar maior potencial para identificar as expressões emocionais de outras pessoas se comparadas com bebês da mesma faixa etária do sexo oposto (McClure, 2000), o que é considerado como capacidade necessária ao desenvolvimento da empatia. Esta prevalência também pode ser encontrada para crianças na faixa etária de três a quatro anos, sendo que meninas apresentam maiores pontuações do que meninos para a compreensão emocional (Bosacki & Moore, 2004). Ao que tudo indica, meninas/mulheres apresentam uma maior apreensão do estado emocional de terceiros do que meninos/homens, assim como apresentam mais comportamentos de ajuda motivados pela empatia (Abdullahi & Kumar, 2016).

Cabe apontar, no entanto, que os achados quanto às diferenças atribuíveis ao sexo em pesquisas sobre empatia não são conclusivos, uma vez que há investigações que indicam a ausência de diferença, ou mesmo a prevalência dos níveis de empatia pelo sexo masculino. Neste sentido, pode-se mencionar o estudo desenvolvido por Donaldson e Westerman (1986) em que foi verificado que crianças de ambos os sexos não apresentaram diferença na identificação de emoções. Já os achados do estudo desenvolvido por Laible e Thompson (1998), indicaram que meninas apresentaram menor capacidade de compreensão emocional do que meninos, o que pode ser indicativo de menor grau de empatia. Diante dos resultados não concludentes dessas pesquisas, faz-se necessário mencionar que a empatia tem sido mensurada a partir de diferentes recursos metodológicos, sejam eles métodos correlacionais,

tendo se valido do uso de instrumentos psicométricos (O'Brien et al., 2013), estudos observacionais (Laible & Thompson, 1998), ou mesmo experimentais (Michalska et al., 2013). Estima-se que esta multiplicidade de métodos utilizados para avaliar o fenômeno psicológico em questão pode levar a divergências, ainda que em parte, quanto aos achados relacionados ao sexo.

Ao se tomar em conta que a presente tese contempla princípios evolucionistas e socioculturais (Seidl-de-Moura, 2005), estima-se que abordar os papéis de gênero seja fundamental, uma vez que este fator tem sido apontado pela literatura como sendo relevante para se compreender a presença (ou ausência) de diferença em expressões empáticas (Christov-Moore et al., 2014) e altruístas (Heyman & Legare, 2004) verificadas em meninas/mulheres e meninos/homens. Todavia, entende-se para ter uma melhor compreensão das implicações deste construto sobre a empatia e o altruísmo, primeiramente é necessário explicitá-lo. Os papéis de gênero referem-se às expectativas tidas pela sociedade, indivíduos e grupos acerca de cada um dos sexos, estando estas alicerçadas nos valores e nas crenças do contexto cultural em questão (Belo & Camino, 2013; Blackstone, 2003; Bosson & Michniewicz, 2013).

Nos estudos sobre este fenômeno social, é possível verificar uma naturalização do discurso acerca de ambos os sexos, de modo que homens e mulheres acabam por serem, de certa forma, pressionados para agirem em conformidade com os papéis almejados para cada um (Figueiredo & Pereira, no prelo; Hennigen & Guareschi, 2008). Assim, essas expectativas acabam por forjar implicitamente as delimitações e possibilidades das ações/emoções socialmente (in)aceitáveis para homens e mulheres (Connor, Glick, & Fiske, 2015). Por exemplo, é esperado que pessoas do sexo biológico feminino sejam mais passionais ou emotivas, enquanto para as do sexo biológico masculino é almejada maior racionalidade (Christov-Moore et al., 2014). Logo, partindo-se dos estereótipos associados aos papéis de gênero, espera-se que indivíduos do sexo feminino sejam mais empáticos, do que do masculino. Estes últimos autores mencionados vêm argumentar ainda que as diferenças filogenéticas e ontogenéticas quanto ao sexo podem ter se desenvolvido em resposta às diferenças de papéis/atuações dos machos/homens e das fêmeas/mulheres no decorrer da evolução.

Ademais, uma diversidade de aspectos psicossociais e morais tem sido vinculados à empatia em crianças e adolescentes (Batanova & Loukas, 2012), a exemplo da compreensão social ou problemas comportamentais. No que tange à compreensão social, Roberts, Strayer e Denham (2014) vêm destacar que esta, juntamente com a condição de ser pró-social, pode ser

verificada em crianças que possuem níveis mais elevados de empatia. Em síntese, os achados da pesquisa destes autores indicaram que crianças empáticas apresentaram mais comportamentos pró-sociais, assim como maiores níveis de culpa adaptativa e menores níveis de raiva, diante de adultos que se encontravam em situação de necessidade de ajuda, o que foi interpretado por estes pesquisadores como sendo indicativo de compreensão social por parte da criança. É válido dizer que apesar de frequentemente ser atribuída uma valência negativa à culpa, esta emoção básica possui uma função adaptativa na medida que ajuda o indivíduo a nortear suas ações conforme os padrões comportamentais estabelecidos nas relações e/ou nas sociedades em que a pessoa está inserida (Melo, 2005).

Em consonância com esta perspectiva, Barnett, King, Howard e Dino (1980) relatam que a habilidade empática, ou mesmo a sintonia com a vivência emocional de outras pessoas, apresentam-se vinculadas ao desenvolvimento moral infantil. A empatia é frequentemente concebida como um fator propulsor de comportamentos morais e de justiça (Decety & Cowell, 2015), atuando, por vezes, como agente motivadora no engajamento de ações corretas e/ou moralmente adequadas para cada contexto (Masto, 2015).

Já quanto a problemas comportamentais, pesquisas tem alertado que a empatia tem se mostrado negativamente relacionada com ações antissociais (House, Laan, Molden, Ritchie, & Stowe, 2017; Kavussanu, Ring, & Kavanagh, 2014; Morgado & Dias, 2016) e/ou agressivos (Stanger, Kavussanu, & Ring, 2012). A literatura tem sinalizado, por exemplo, a relação entre os níveis de empatia e as práticas de *bullying* virtual (Kowalski et al., 2014). Especificamente, crianças que praticam o *bullying* virtual apresentam menores índices de empatia, assim como não esboçam pena por suas vítimas; por outro lado, crianças que são vítimas de *bullying* virtual apresentam patamares mais elevados de empatia, sendo, então, mais perceptivas quanto ao sofrimento alheio (Zych, Baldry, Farrington, & Llorent, 2018).

Em síntese, fatores socioemocionais são de fundamental importância para o desenvolvimento e a manutenção de comportamentos pró-sociais (Beadle et al., 2013). Ressalta-se que este construto tem sido amplamente investigado, especialmente quando o interesse se volta para as reações de emotividade diante do outro (Formiga, Barboza, & Camino, 2016). Além da empatia, outro construto que tem sido objeto de interesse em investigações psicológicas é o altruísmo. Há de se destacar que ambos os construtos possuem uma estreita relação (Hoffman, 1981b), de modo que o altruísmo será objeto de interesse a seguir.

2 ALTRUÍSMO

Seres humanos e membros de outras espécies, a exemplo de primatas não-humanos (Warneken & Tomasello, 2006) ou insetos, como formigas e abelhas (Fehr & Fischbacher, 2003), mostram engajamento em ações de cooperação, e até mesmo de autossacrifício em prol de outros seres vivos (Kurzban, Burton-Chellew, & West, 2015). Estes últimos autores pontuam ainda que dentre o rol de comportamentos a favor de outro indivíduo, as ações que implicam custos para o benfeitor, a exemplo do altruísmo, apresentam-se como um dos mais controversos fenômenos a serem estudados.

No que tange propriamente aos seres humanos, estes têm demonstrado seu potencial de agir de forma pró-social de modos diversos (Andreoni, Rao, & Trachtman, 2017), como ocorre ao se realizar doação de órgãos (Clarcke, Mitchell, & Abraham, 2013; Hill, 2015; Moorlock, Ives, & Draper, 2014), ou de sangue (Ferguson & Lawrence, 2016; Kumari & Raina, 2015). Neste sentido, os seres humanos, por vezes, contribuem com outros sujeitos, mesmo que estranhos, sem almejar benefício imediato para si, contemplando circunstâncias que poderiam ser consideradas de improvável reciprocidade (Warneken, Hare, Melis, Hanus, & Tomasello, 2007; Warneken & Tomasello, 2006), e manifestando altruísmo, que é concebido como uma categoria de ação pró-social. Evidências têm demonstrado que esta modalidade de comportamento está correlacionada com diferentes aspectos positivos, a exemplo da satisfação com a vida (Samuel & Pandey, 2018; Ummet, Eksi, & Otrar, 2017), bem-estar social (Brethel-Haurwitz & Marsh, 2014; Rodriguez, Sánchez, & Arocena, 2013) e empatia (Batson, 2012; Persson & Kajonius, 2016).

Vale dizer que ações pró-sociais referem-se a comportamentos que visam o benefício de terceiros, e esta modalidade comportamental tem ganhado cada vez mais atenção visto que é tida como sendo fundamental para as relações sociais exitosas e para a aceitação pelos pares (Kuk, Czechoowski, & Femiak, 2015). No que tange especificamente ao comportamento altruísta, o mesmo favorece as relações interpessoais e eleva o índice de sociabilidade e bem-estar (Becchetti, Corrado, & Conzo, 2016; Szuster, 2016), assim como se apresenta vinculado a bons índices de regulação emocional (Eisenberg & Fabes, 1998). Tem sido enfatizado ainda que um índice elevado de altruísmo está comumente associado a diferentes tipos de comportamentos pró-sociais, a exemplo da cooperação (Simpson & Willer, 2015), do comportamento de ajuda (Gouveia, Santos et al. 2014), do trabalho voluntário (Steimel, 2018) e do comportamento de doação (Andreoni et al., 2017). Ademais, o altruísmo aparentemente

está relacionado com o desenvolvimento da personalidade visto que estudiosos têm acenado para a presença de traços positivos e virtuosos em pessoas altruístas (Ferguson et al., 2014).

Para alguns estudiosos, o altruísmo é desenvolvido tendo em conta os ganhos futuros que tais ações poderiam ocasionar, sendo, então, atribuído ao egoísmo, ainda que indiretamente (Andreoni et al., 2017), como ocorre com a cooperação mutualista (Drolet & Morris, 2000), em que dois seres vivos se ajudam de maneira que ambos se beneficiam. Não obstante, a literatura tem indicado que mesmo após suprimir incentivos, é possível verificar, em um número considerável de situações, que os participantes de pesquisas escolheram opções que envolviam benefícios equivalentes a serem recebidos por todos os envolvidos, assim como evitaram escolhas egoístas (Andreoni et al., 2017).

Forsythe, Horowitz, Savin e Sefton (1994), por exemplo, ao testarem a hipótese de justiça, fizeram uso do jogo do ditador e do jogo do ultimado, nos quais os jogadores possuem uma quantia para dividir entre eles. Ao contrário do esperado, os resultados apontaram, em uma proporção significativa, que os jogadores decidiram doar uma quantidade igual ou maior que suas recompensas para seu oponente, de modo que esta ação não pode ser unicamente explicada pelo anseio de justiça, acreditando-se, assim, que os achados podem ser atribuídos ao altruísmo, ao menos em parte.

Efetivamente, evidências têm sinalizado que ações altruístas são antecedidas frequentemente por estímulos empáticos (Andreoni & Rao, 2011; Batson 1991; Hoffman, 1981c; Preston & De Waal, 2002) e pela compaixão (Weng et al., 2013). Ao se ter em mente a complexidade e a relevância do construto em questão, ressalta-se a importância de discutir seu conceito, no anseio de melhor apreendê-lo.

2.1 Conceitualização

O altruísmo diz respeito a um fenômeno psicológico expresso a partir de um comportamento em prol de outrem que implica custo para o benfeitor (Decety, Cowel, & Lee, 2015; Kurzban et al., 2015). No que tange especificamente a comportamentos de autossacrifício, estes se referem a ações que demandam certo custo para o benfeitor, seja no que tange a tempo, dinheiro ou mesmo disposição (Rodrigo, Assmar, & Jablonski, 2009), apresentando reduzidas chances da obtenção de recompensa material ou social. Contudo,

nesta definição, considera-se a viabilidade da realização deste ato haja visto o reforço interno obtido ao se ajudar outrem (Bryan & London, 1970), a exemplo da satisfação pessoal, desde que isto se dê como um desdobramento da conduta altruísta, e não como seu objetivo principal (Batson, Duncan, Ackerman, Buckley, & Birch, 1981).

Assim, o benfeitor é capaz de arriscar-se para socorrer alguém, mas sem que haja uma preocupação com retorno/recompensa externa, ainda que seja algo como uma possível imagem heroica. Nesse sentido, o autossacrifício é uma característica marcante no altruísmo tendo em conta que este, por vezes, envolve riscos, insalubridade e periculosidade. Em vista disso, acredita-se que este fenômeno esteja relacionado com uma consciência societal (Cavalcante, Souza, Cunha, Nascimento, & Fernandes, 2012).

Para que haja um comportamento altruísta, primeiramente faz-se necessária a identificação dos objetivos do outro e das dificuldades existentes para alcançá-los (Warneken & Tomasello, 2006; 2009). Entretanto, este construto ainda apresenta um componente motivacional, pois o ato de ajudar pode ocasionar altos custos para o benfeitor (Pessôa, Seidl-de-Moura, Mendes, Carvalho, & Stobäus, 2015; Warneken & Tomasello, 2006). Vale mencionar, ainda, que a noção de altruísmo envolve três características, a saber: I) o ato de ajudar consiste em um fim em si, não visando ganhos para si mesmo; II) é praticado de maneira voluntária; III) está voltado para beneficiar outros indivíduos (Cavalcante et al., 2012; Gouveia, Milfont et al., 2014; Leeds, 1963).

Um comportamento especialmente informativo para o estudo do altruísmo é o da *ajuda instrumental*, na qual um indivíduo desempenha uma ação em auxílio a outro no intuito de fazer com que este consiga alcançar um objetivo concreto (Warneken, 2010). Neste contexto, faz-se necessário frisar que a ação altruísta é avaliada a partir da observação do comportamento de ajuda instrumental (Pessôa et al., 2015), sendo que esta última se configura enquanto uma das primeiras formas de expressões do altruísmo na ontogênese humana (Warneken & Tomasello, 2009). Não obstante, é fundamental dizer que o altruísmo pode se expressar de diferentes maneiras, a exemplo de solidariedade, conforto ao outro, partilha, cooperação, cuidado com o outro, dentre algumas possibilidades mais (Escobar, 2010; Warneken & Tomasello, 2009).

O altruísmo é um construto de suma relevância na Psicologia, notadamente na Psicologia do Desenvolvimento e na Psicologia Social, de modo que se pode verificar um número crescente de empreendimentos científicos direcionados para estudá-lo e mensurá-lo (Andreoni et al., 2017; Gouveia et al., 2010; Kurzban et al., 2015), no intuito de compreendê-

lo, estimulá-lo e explicá-lo. Pode-se, por exemplo, mencionar o estudo desenvolvido por Gouveia, Santos et al. (2014), o qual verificou sua relação com o comportamento de ajuda e com os valores humanos. Os achados dessa pesquisa sinalizam que pessoas mais altruístas apresentam mais comportamentos de ajuda e possuem prioridades valorativas mais universalistas, ou seja, trata-se de indivíduos que se preocupam com todas as pessoas, e não somente com aquelas com quem possuem ligação afetiva e social. Outro estudo que pode ser mencionado foi desenvolvido por Rodriguez et al. (2013), em que foram investigadas as implicações do altruísmo e do bem-estar para a explicação do comportamento voluntário. Seus resultados indicaram que o altruísmo se apresenta como uma variável mediadora do bem-estar e do voluntariado, ou seja, os níveis de altruísmo apresentados pelo indivíduo interferem em seus índices de bem-estar e na frequência do comportamento voluntário.

Acredita-se que discorrer sobre os fatores filogenéticos, ontogenéticos, neurológicos e culturais é fundamental tendo em vista a melhor apreensão de como se dá o aparecimento do altruísmo na espécie humana, como este fenômeno se apresenta em diferentes momentos do ciclo vital e nas mais variadas sociedades, e como pode ser verificado em termos cerebrais e hormonais.

2.2 Aspectos neurobiológicos, filogenéticos, ontogenéticos e culturais

No que diz respeito propriamente aos aspectos neurobiológicos, pesquisas têm apontado que o altruísmo está relacionado ao funcionamento do córtex pré-frontal, tendo em conta a função dessa região do cérebro no processamento de informações (Miller & Cohen, 2001). Estudos têm indicado ainda a influência do hipotálamo e dos hormônios oxitocina e peptídeo sobre o altruísmo (Declerck, Boone, & Kivinari., 2014; Huffmeijer, Lenneke, Alink, Bakermans-Kranenburg, & Jzendoor, 2012; Marsh, Scheele, Gerhardt, Strang, & Emax, 2015; Rilling et al., 2012). Neste sentido, há evidências de uma maior ativação destas áreas e hormônios quando os indivíduos estão envolvidos em relações românticas (Hurlemann & Scheele, 2015; Schneiderman, Zagoory-Sharon, Lecman, & Feldman, 2012) e cuidado parental de crianças (Rilling & Young, 2014). Acredita-se que estas modalidades de vínculos e papéis sociais, respectivamente, possuam ligações com o construto aqui em foco, de modo que o altruísmo pode influenciá-los, seja contribuindo para a escolha do par romântico (Stavrova & Ehlebracht, 2015), ou mesmo afetando a qualidade do cuidado parental (Swain et

al, 2012). Discorrer acerca dos aspectos neurobiológicos é de suma relevância para entender e situar o altruísmo em termos cerebrais. No entanto, ao estudar altruísmo é fundamental ter em mente o plano de análise filogenético.

Entende-se que o altruísmo não surgiu nos primatas (humanos e não-humanos) de forma abrupta, mas sim, adveio de um processo evolutivo, por possuir valor adaptativo para as espécies (De Waal, 2018; Tooby & Cosmides, 1996; Warneken, 2010). Assim sendo, a visão da perspectiva evolucionista permite um melhor entendimento de como se deu este comportamento em termos evolutivos, e mesmo desenvolvimentistas, entre os seres humanos.

O estudo desta modalidade de comportamento com primatas não-humanos tem se mostrado uma enriquecedora fonte de informações para se compreender os aspectos filogenéticos deste construto. A respeito disso, a literatura defende que primatas não-humanos aparentemente possuem potenciais, a exemplo das habilidades motivacionais e cognitivas, que os capacitam a se inserirem em ações altruístas (Tomasello, 2010). Não obstante, os resultados sobre a expressão de comportamentos altruístas em primatas não-humanos ainda são controversos (Jensen, Hare, Call, & Tomasello, 2006; Warneken & Tomasello, 2006). Frente a isto, pode-se levantar um questionamento: por que primatas não-humanos se engajam em comportamentos em prol do outro em algumas situações, mas não em outras?

Evidências têm apontado que isto pode ser atribuído à necessidade de demonstração expressa do anseio por auxílio (Warneken & Tomasello, 2008b), como é o caso de um primata não-humano observar que um indivíduo de sua espécie está tentando alcançar um alimento que está fora de seu alcance. Corroborando esta perspectiva, a literatura tem apontado que, assim como ocorre com primatas humanos, primatas não-humanos aparentemente também são capazes de identificar quando outro indivíduo requer alguma assistência (Warneken & Tomasello, 2006).

Estudos mostram que mecanismos e comportamentos em primatas humanos e não-humanos são semelhantes (Warneken & Tomasello, 2006) até certa idade, mas em algum tempo (ainda cedo na ontogênese) começam a se diferenciar, com os humanos apresentando maior diversidade e sofisticação na expressão do altruísmo (Warneken & Tomasello, 2009). Diferentes pesquisas têm apontado que primatas não-humanos auxiliam outro indivíduo em contextos de ajuda instrumental (Warneken, 2009; 2010; Warneken et al., 2007; Yamamoto, Humle, & Tanaka, 2009), de modo que se admite que estes exibam comportamentos tidos como altruístas ainda que em uma variedade mais reduzida de situações, se comparadas com as envolvendo os humanos (Warneken et al., 2007). Todavia, de modo diverso do observado em primatas não-humanos, seres humanos sofrem forte influência do conjunto de normas

sociais próprias do ambiente em que vivem (Tomasello, 2001).

A título de exemplo de pesquisas que compararam primatas humanos e não-humanos, pode-se mencionar o estudo desenvolvido por Warneken e Tomasello (2006). Estes autores investigaram comportamentos relativos ao altruísmo em chimpanzés e bebês humanos, e seus resultados mostraram certa semelhança, o que pode sugerir que esta modalidade de conduta é parte da evolução humana. Nas situações experimentais realizadas, os bebês humanos se inseriram em comportamentos de ajuda em maior medida do que outros primatas.

Ao se indagar sobre os fatores que podem afetar esta diferenciação quanto à quantidade e à qualidade de comportamentos altruístas, pode-se apontar a influência de fatores cognitivos. Com efeito, as habilidades cognitivas exercem papel fundamental para o desempenho de atos altruístas, o que pode ser observado até mesmo em outras espécies de animais (Stevens & Hauser, 2004; Warneken & Tomasello, 2009). Animais de outras espécies engajam-se em comportamentos pró-sociais em menor número de vezes se comparado com humanos (Richerson & Boyd, 2005; Stevens & Hauser, 2004). Tal situação pode ser entendida pelo fato de que a ação altruísta pode ir além da identificação do problema, exigindo também a resolução de problemas complexos voltados para ajudar terceiros. Isto explicaria a restrição do comportamento altruísta em animais não-humanos, pois, por vezes, o desempenho dessa ação demanda noções de estimativa de tempo, aprendizagem e recursos de memória (Stevens & Hauser, 2004).

No que diz respeito, especificamente, aos primatas humanos, Warneken e Tomasello (2009) defendem que esta seria uma espécie genuinamente altruísta, tendo em vista que a aptidão pelo altruísmo surge no começo da ontogênese, antes que a socialização seja capaz de exercer maiores influências sobre o desenvolvimento do bebê. Em consonância com esta perspectiva, Warneken (2010) vem trazer que o aparecimento de comportamentos altruístas tão cedo na ontogênese sugere que as normas sociais e morais não são a fonte principal do altruísmo. Contra-argumentando que as crianças captam padrões culturais rapidamente e que os pais poderiam estar estimulando comportamentos altruístas, os autores ponderam que se assim fosse não se encontraria as mesmas motivações altruístas em chimpanzés. Com base nesse conjunto de ideias, para além das influências ambientais, é proposto que o altruísmo na espécie humana advenha de uma tendência biológica que não se encontra predeterminada em condutas específicas, possibilitando uma atuação tão variada quanto reconfortante para o sujeito que está em apuros (Warneken & Tomasello, 2009).

No que tange aos aspectos próprios do desenvolvimento, pesquisas têm apontado que desde tenra idade o altruísmo parece estar presente nos indivíduos, sendo que bebês

manifestam preocupação com outras pessoas em contextos estressantes tentando ir ao encontro das necessidades emocionais destas (Warneken & Tomasello, 2006; 2007), e manifestando ajuda espontânea diante de indivíduos impossibilitados de alcançarem seus objetivos (Warneken & Tomasello, 2009; Warneken, 2010). Neste sentido, há evidências de que a preocupação pelo bem-estar de outrem em situação de desconforto pode ser verificada desde muito cedo (crianças menores de um ano de idade), de modo que o bebê pode, inclusive, tentar intervir na situação para proporcionar conforto ou consolo (Eisenberg et al., 1998), tendo em conta as respostas e as alterações das necessidades emocionais do outro (Warneken & Tomasello, 2006).

Crianças pequenas (de 12 a 24 meses de idade) frequentemente se inserem em atos voltados para prestar auxílio a terceiros (Warneken & Tomasello, 2006), a exemplo de ajudar outra pessoa a pegar um objeto fora de seu alcance (Warneken & Tomasello, 2006, 2007, 2009) ou mesmo de tentar consolar alguém que esteja chorando (Johnson, 1982). Todavia, vale dizer que crianças, por volta dos 18 meses de idade, somente conseguem ajudar em situações em que as mesmas são capazes de reconhecer claramente os propósitos almejados pelo beneficiário da ação, que em geral estão envolvidos em situações com objetivos mais óbvios e/ou explícitos (Warneken & Tomasello, 2007).

No tocante propriamente à ação altruísta, bebês humanos de 14-18 meses já expressam os primeiros sinais desta modalidade de comportamento, apresentando-a independentemente de recompensas ou da reação positiva que poderiam causar em quem as presenciasse (Warneken & Tomasello, 2009; Warneken et al., 2007). Na verdade, a oferta de benefícios em troca de auxílio parece levar à redução progressiva de atos de ajuda (Warneken & Tomasello, 2008a). Como relatado por Warneken et al. (2007), crianças envolvem-se em comportamentos de ajuda ainda que não tenham benefícios para si mesmas. Achados como esses representam evidências adicionais para a proposição de que a ajuda fornecida por crianças teria motivações intrínsecas (Warneken, 2010).

Relatos de pesquisas indicam que bebês humanos de 12 a 18 meses entendem as ações de outras pessoas no que se refere a objetivos e intenções (Tomasello, Carpenter, Call, Behne, & Moll, 2005). Corroborando essa visão, Warneken (2013) defende que desde tenra idade, crianças demonstram potencial para deduzir os propósitos alheios, estendendo suas ações em prol destes. Não obstante, é importante sinalizar que nem sempre isso foi verificado, como é o caso do estudo desenvolvido por Pessôa et al. (2015). Estes autores investigaram a cooperação em bebês com idade entre 17-26 meses (residentes no Rio de Janeiro), analisando se eram capazes de discriminar quando a ajuda solicitada era necessária ou não, e resultados

mostraram que não eram. Em todo caso, evidências indicam que as mudanças mais acentuadas na frequência dessas ações são verificadas ao longo da infância e da adolescência, de modo que se pode observar o aumento de sua incidência com o passar dos anos (Eisenberg & Fabes, 1998), havendo posteriormente certa estabilidade temporal (Eisenberg et al., 1999).

Nessa perspectiva, Cialdini, Baumann e Kenrick (1981) defendem a existência de três importantes estágios do desenvolvimento do altruísmo. O estágio inicial, denominado de pré-socialização, pode ser observado em crianças mais novas, com a expressão do altruísmo ainda se apresentando de forma esporádica. Na etapa posterior (consciência das normas), o altruísmo é influenciado, mas não determinado, pela noção das regras sociais. Na última fase, o comportar-se de forma altruísta já implica uma função autogratiificante para quem o desempenha.

Apoiando essa concepção, Kerber (1984) aponta que quanto mais altruísta o indivíduo for, maior será sua sensação de gratificação ao se comportar desse modo. Todavia, anteriormente à vivência do altruísmo como um ato que traga gratificação para quem o realiza, sua manifestação recebe significativas influências culturais (Rosenhan, 1969), de modo que os valores, as expectativas, as crenças e as ações valorizadas pela cultura em que cada pessoa está inserida atuam como importantes aspectos na promoção do engajamento dessa modalidade de ação.

Pode-se conceber que o desenvolvimento do altruísmo na ontogênese está acompanhado, na criança, do aumento da capacidade de entender as ações sociais mais em termos de ganho ao beneficiário, do que em termos de custo a quem presta o auxílio ou socorro. Assim, segundo Lourenço (1990, 1991): I) à medida em que vão ficando mais velhas, crianças vão adquirindo o potencial de compreender as ações altruístas mais em termos de ganhos (para o beneficiado), do que em termos de custos (para si mesmas); II) a aquisição do potencial de interpretação da necessidade alheia se apresenta de forma progressiva e quase que sem regressão ao nível de entendimento anterior; III) a obtenção dessa competência de entender o altruísmo focado mais em termos de ganho, apresenta-se vinculada à maior expressão desta modalidade de comportamento pró-social.

Esta concepção que leva em consideração diferentes momentos do ciclo vital e, mais particularmente, a aquisição de habilidades socioemocionais em diferentes etapas do desenvolvimento, pode ser concebida como uma adaptação às demandas do ambiente, provenientes de uma história filogenética, sofrendo, então, influência de fatores contextuais e culturais (Keller, 2007). Neste sentido, esta autora vem demarcar que nas mais diferentes culturas podem ser verificadas variadas metas de socialização de pais em relação aos filhos,

metas estas que exercem significativa influência sobre as práticas parentais. Desse modo, é possível pensar que as demandas contextuais, que se refletem em metas e práticas parentais, propiciam e forjam o desenvolvimento de diversas combinações de propensões ontogenéticas.

Ainda no tocante ao mesmo período (por volta dos 18 meses de idade), pode-se verificar o desenvolvimento do altruísmo com manifestações de ajuda instrumental de forma espontânea e flexível em diferentes ocasiões (Rheingold, 1982). A título de exemplo, pode-se mencionar a pesquisa desenvolvida por Warneken e Tomasello (2006), em Leipzig – Alemanha, em que se verificou que crianças aos 18 meses já se inseriam em comportamentos direcionados para beneficiar terceiros. Especificamente, neste estudo 24 bebês foram testados em 10 situações diferentes (cinco experimentais e cinco controles) nas quais um adulto estava tendo problemas para alcançar uma meta. Estas tarefas apresentavam uma variação quanto à dificuldade de se identificar o objetivo do adulto e a complexidade para alcançar seus objetivos, de modo que as atividades foram distribuídas em quatro categorias, a saber: objetos fora de alcance, acesso impedido por um obstáculo físico, obtenção de um resultado indesejável e uso de um meio errado para atingir o objetivo. Os achados desta pesquisa evidenciaram que os bebês ajudaram o adulto em seis das 10 tarefas; ao se tomar em conta os 24 bebês que compuseram a amostra da referida pesquisa, 22 dos 24 bebês auxiliaram em pelo menos uma das atividades. Resultados similares podem ser verificados em Warneken, Chen e Tomasello (2006) e Warneken e Tomasello (2007).

Conforme discutido, a partir das evidências disponíveis na literatura, muito embora comportamentos direcionados a beneficiar terceiros possam ser verificados já nos primeiros anos de vida, expressões mais sofisticadas de comportamentos altruístas demandam o desenvolvimento de capacidades cognitivas e socioemocionais para que a criança saiba como agir em cada situação (Hoffman, 1991b). Notadamente, a partir da expansão das habilidades cognitivas, inerente ao desenvolvimento infantil, pode-se verificar o desenvolvimento do potencial de se colocar no lugar do outro e a aquisição do julgamento moral, haja vista o aumento do potencial de pensar de forma abstrata e das motivações empáticas (Eisenberg, Fabes, & Spinrad, 2006; Eisenberg, Lenon, & Roth, 1983;; Svetlova, Nichols, & Brownell, 2010).

Em consonância com a questão das contribuições do desenvolvimento cognitivo, evidências têm indicado que a expressão do altruísmo se intensifica com o passar do tempo, com a idade (Krebs, 1970; Underwood & Moore, 1982). Espera-se, por conseguinte, que as avaliações ligadas a questões pró-sociais sejam, nas crianças, cada vez menos egocêntricas e passem a ser direcionadas para outrem (Eisenberg et al., 1983).

Ademais, a partir do desenvolvimento deste potencial, as crianças poderão entender suas novas vivências, possibilitando-as atuar de maneira altruísta mais repetidamente e em uma diversidade de situações sociais (Warneken & Tomasello, 2009). Entretanto, ao passo que as crianças crescem, ficam mais seletivas quanto às situações em que oferecem ajuda, lançando mão de estratégias e agindo em circunstâncias que demandam auxílio de maneira distinta e de acordo com a situação (Pessôa et al., 2015). Isto possa ser entendido, ao menos em parte, pela capacidade de distinguir uma conduta intencional de uma acidental, isto é, as crianças identificam se o pedido de ajuda tem intenção/necessidade real (Warneken & Tomasello, 2009).

Com o desenvolvimento, gradativamente são adquiridas noções de normas sociais a serem seguidas (Tomasello, 2001). Apesar da influência destes fatores gerais para a expressão de atos altruístas, salienta-se a importância de se levar em consideração comportamentos reconhecidos por cada cultura com sendo autosacrificantes (Staub, 1978), que serão delimitados de acordo com valores, crenças e práticas encontradas em cada contexto.

Outra importante variável que deve ser tomada em consideração na busca de uma melhor compreensão do altruísmo é o sexo. Há relatos em estudos científicos indicando que o sexo feminino apresenta maiores índices de altruísmo se comparado com o sexo masculino (Aghababaei, 2014; Dreber, Essen, Ranehill, 2014; Rand, Brescoll, Everett, Capraro, & Barcelo, 2016), especialmente quando se trata de situações anônimas (Kamas, Preston, & Baum, 2008). Apesar dessas evidências e de se saber que existe uma variação nos níveis de altruísmo entre as pessoas, não há um consenso de que o sexo seja um fator explicativo do altruísmo, especialmente ao se tomar em consideração a diversidade de métodos empregados para mensurar este fenômeno, a exemplo do uso de medidas psicometricas (Aghababaei, 2014) ou de tarefas comportamentais (Dreber et al. 2014). Andreoni e Vesterlund (2001) verificaram que o sexo feminino costumava ser mais generoso que o sexo masculino diante de situações que implicavam altos custos. Contudo, diante de contextos envolvendo reduzidos esforços, o sexo masculino apresentou mais comportamentos de doação, se comparado ao sexo feminino, o que é considerado sinal de altruísmo.

Há também estudos que apontam a ausência de diferença entre os sexos quanto ao altruísmo (Abdullahi, & Kumar, 2016; Ben-Ner, Fanmin, & Louis, 2004; Dufwenberg & Astri, 2006; Eckel & Grossman, 1996; Evans & Krueger, 2013; Gary & Katok, 1995), ou mesmo que o sexo masculino apresenta uma prevalência quanto a este fenômeno. Por exemplo, Brown-Kruse e Hummels (1993) investigaram o efeito do sexo sobre o trabalho voluntário. Seus achados indicaram que o sexo masculino contribuiu significativamente mais

do que o sexo feminino nesta modalidade de comportamento. Resultados similares puderam ser verificados na pesquisa desenvolvida por Visser e Roelofs (2011) sobre doação de dinheiro.

Ainda tomando em consideração a mesma linha de pensamento, Feinman (1978) observou que o sexo masculino se mostrou mais empenhado no comportamento de ajuda do que o sexo oposto. Foi verificada também a diferença entre ambos os sexos no que tange à prestação e recebimento de ajuda. Os achados indicaram a prevalência do sexo masculino quanto à oferta de ajuda, enquanto que o sexo feminino recebeu auxílio mais frequentemente (Eagly & Crowley, 1986).

Somado ao exposto, e tal como pôde ser verificado em relação à empatia, os papéis de gênero também parecem ser um importante elemento para se tentar entender as expressões altruístas. Neste sentido, Eagly e Crowley (1986) vêm relatar que, diante de certas situações, alguns comportamentos pró-sociais são influenciados por este construto. Por exemplo, ao se tomar em conta os estereótipos advindos dos papéis de gênero, estima-se que, em geral, o sexo biológico feminino apresente expressões comportamentais relativas à maior bondade/generosidade (e.g. ações altruístas) do que o sexo biológico masculino (Heyman & Legare, 2004).

No tocante às implicações da questão cultural no desenvolvimento e manifestação do altruísmo, assume-se que indivíduos das mais diferentes culturas se engajam em comportamentos de ajuda voltados para sujeitos mais próximos (Kurzban et al., 2015). Notadamente, os pais investem em diferentes modalidades e níveis de recursos em sua prole (Davies, Krebs, & West, 2012). Isto se dá, segundo Keller (1998), sobretudo em um período inicial da vida, em que os pais, em especial a mãe, possuem um papel fundamental no desenvolvimento e na socialização da criança (Keller, 1998), enquanto, com o passar do tempo, os pares passam a ganhar cada vez mais importância sob a formação da personalidade e do comportamento da mesma (Harris, 1995, 1998). Destaca-se, portanto, os papéis da cultura e do ambiente social e, no contexto mais próximo, da parentalidade, no desenvolvimento desta modalidade de comportamento pró-social.

Partindo-se desta concepção, pesquisas têm mostrado que quando um indivíduo se comporta de modo altruísta diante da criança, há um aumento desta modalidade de comportamento pró-social por parte da mesma (Bryan & Walbek, 1970; Presbie & Coiteux, 1971), influenciando ainda suas formas de expressão (Harris, 1971). Na mesma direção, em estudo desenvolvido por Midlarsky e Bryan (1972), verificou-se que a ação altruísta de fazer doação a uma instituição de caridade expressa por um adulto afetou positivamente as doações

realizadas pelas crianças.

Pode-se considerar que as ações da criança diante de um modelo (seja por manifestação comportamental ou verbal) de um adulto, podem ser atribuídas, ao menos em parte, à influência e pressão social, o que faz com que a mesma se lembre das normas e das expectativas sociais do contexto social e cultural no qual está inserida (Bryan & Walbek, 1970). Contudo, a literatura tem demonstrado que a internalização de normas pró-sociais é mais eficiente quando a criança tem a possibilidade de praticar com o adulto aquela ação observada (Rosenhan, 1969).

Assume-se que a cultura atua na expressão do desenvolvimento pró-social a partir da exibição de modelos, de modo que as pessoas com as quais a criança se relaciona ou tem contato, em especial, pais ou cuidadores primários, cumprem papel de mediadores culturais no desenvolvimento do altruísmo nas crianças (Moore & Eisenberg, 1984). Por certo, a literatura tem acenado para o fato de que os pais são importantes agentes socializadores na socialização desta modalidade de comportamento pró-social (Hoffman, 1975b).

Vale pontuar que apesar das semelhanças verificadas entre os comportamentos altruístas nas mais diferentes culturas, Bowles, Choi e Hopfensitz (2003) sinalizam a existência de diferenças em suas manifestações relativas às práticas culturais em variados grupos e sociedades contemporâneas, de modo que até mesmo grupos vizinhos apresentam particularidades na sua forma de expressão. Mesmo diante da importância de se saber mais a respeito das diferentes trajetórias do altruísmo baseadas em variações culturais, ainda se verifica uma lacuna nas produções acadêmicas quanto a esta questão, de modo que, até o momento, não foi possível encontrar maiores informações a respeito. Muito embora esta tese não tenha como propósito preencher esta lacuna na literatura, acredita-se ter ficado clara a necessidade de maiores estudos que contemplem as especificidades de ambientes socioculturais distintos. Ademais, tentou-se problematizar esta carência, especialmente diante de sua inegável importância para o entendimento do altruísmo.

Por fim, há de se destacar que o altruísmo, assim como a empatia, é um fenômeno com raízes nos contextos intergrupais e familiares (Lencastre, 2013; Vilalva, Löhr, Schmidlin, & Guedes, 2021). Frisa-se que, além de fatores como a composição familiar e seu tamanho (Mulligan, 1996), a educação formal bem como a informal (aquela oferecida no meio familiar) exercem influência no altruísmo (Ma & Leung, 1995). Por conseguinte, parece razoável verificar as implicações da parentalidade nos construtos em foco, ou seja, no altruísmo e na empatia.

3 INTERFACES DA PARENTALIDADE COM O DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA E DO ALTRUÍSMO

3.1 Influência da parentalidade na aquisição e no desenvolvimento de capacidades

Ao se ter em consideração que o ser humano é eminentemente social, variadas competências são adquiridas e aprimoradas, desde o início da ontogênese, na interação com o outro, sendo que os cuidadores assumem papel central neste processo (Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011; Mendes, 2018). Ademais, as trocas estabelecidas entre os cuidadores primários e as crianças configuram-se como parte das interações interpessoais mais antigas e impactantes. Impulsionados pela pressão evolucionária para a sobrevivência, os pais sentem-se compelidos a prestar cuidados aos seus descendentes biológicos (Swain et al., 2012), e mesmo que haja outros atores sociais além dos que compõe a família, esta possui suma importância dado que é o primeiro grupo responsável pela socialização nos estágios iniciais do desenvolvimento (Keller, 2007; Kwok, Gu, & Cheung, 2017).

Frente às diferentes etapas da ontogênese humana, a infância vem sendo objeto de forte interesse nas investigações, visto que as consequências das vivências e dos padrões sociais adquiridos nesta fase do ciclo vital se consolidam e influenciam os estágios posteriores do desenvolvimento (Bornstein, 2002; Keller, 1998; 2007). Ademais, é neste período que se dá o surgimento paulatino da consciência social, o que propiciará o crescente envolvimento e comprometimento com a formação e a manutenção das relações sociais (Green, Gustafson, & West, 1980; Rochat & Striano, 2000; 2010).

Há de se destacar que as interações mãe-bebê, ou mais genericamente cuidador-bebê, podem ser concebidas como decorrentes da evolução da espécie e do desenvolvimento humano, configurando-se como uma “ferramenta social” que atua na inserção da criança ao meio cultural (Seidl-de-Moura, 1999). Neste sentido, as interações estabelecidas entre a díade cuidador-criança são fundamentais para a transmissão de normas e valores culturais, de modo que pais repassam à sua prole formas de ser e agir compatíveis com os significados culturais compartilhados (Oliva, Vieira, Mendes, & Martins, 2017).

Pais e demais cuidadores primários cumprem o papel de ser quem primeiramente apresenta ao bebê o mundo físico e social (Bornstein, 2002; Coltro, Paraventi, & Vieira, 2020; Rochat & Striano, 2010), possibilitando os primeiros contatos com o meio social (Hoffman, 2000). No que diz respeito a essa introdução das crianças no contexto social, enfatiza-se o

papel dos adultos, especialmente dos pais, em virtude de serem quem define e configura os ambientes (físico e social) em que seus filhos viverão e com quem as crianças no início da vida terão mais contato, assim como quem estabelece a rotina diária e as atividades desenvolvidas pelas crianças (Keller, 2007). Adicionalmente, no que tange propriamente às trocas estabelecidas entre mãe-criança, a literatura tem trazido evidências sobre o repertório comportamental infantil e a competência social materna, em situações em que ambos interagem (Schermann, 2007). Por certo, a figura materna ocupa posição de destaque no provimento da socialização primária, situação esta que pode ser verificada nos mais diferentes contextos culturais apesar da variabilidade da conjuntura de cuidado infantil inerente aos mesmos (Keller, 1998).

Ao que parece, o cuidado parental possui função adaptativa e é fruto da história filogenética da espécie, que leva pais a cuidarem e prepararem seus descendentes para lidarem com aspectos físicos, psicossociais e econômicos do ambiente em que estão inseridos (Berezkei, 2007; Bornstein, 1991). Tanto pais, quanto filhos, estão evolutivamente predispostos para empreender/ser objeto de práticas voltadas ao cuidado. Por exemplo, bebês recém-nascidos são capazes de reconhecer a voz materna, dentre outras vozes femininas, desde que tenham tido a experiência de exposição a ela no período intrauterino (DeCasper & Spence, 1986; Grossman, 2010).

Ainda de acordo com esta concepção, recém-nascidos manifestam predileções por cheiros, sons e imagem de seus cuidadores (Bornstein & Arterberry, 1999), possuem predisposição para emitir uma série de sinais de chamamento (como choro e vocalização) (Schermann, 2001), bem como apresentam características fisionômicas notavelmente atrativas (*e.g.* rosto redondo e olhos grandes) que favorecem o engajamento de cuidado parental, provocando, então, sentimentos de responsabilidade e solicitude (Bornstein, 2002). Por outro lado, os pais/cuidadores são aptos para fornecer cuidados primários e prover as estimulações essenciais para que o bebê se desenvolva (Keller, 2002).

Bebês humanos necessitam de cuidados que garantam sua sobrevivência (Bornstein, 2002). Neste sentido, pode-se questionar qual seria a função (adaptativa) do longo período de infância humana? Este estágio do desenvolvimento é marcado pela imaturidade cerebral. Notadamente, o ser humano é o animal com o período mais extenso de infância e juventude que estão vinculados com o cuidado parental (Keller, 1998). Apesar disso, ao mesmo tempo em que esta característica acarreta dependência de cuidados até determinado momento da vida, atribui considerável plasticidade de aprendizagem na assimilação das complexidades inerentes à sociedade e à vida em grupo (Seidl-de-Moura, 2011; Vieira & Prado, 2004). Tal

dependência de maiores cuidados favorece, ainda, o desenvolvimento do apego e atenção primária (Bornstein, 2002).

Há de se destacar que o amadurecimento das estruturas cerebrais é particularmente suscetível às influências das experiências infantis (Bornstein, 1989; Navalta, McGee, & Underwood, 2018; Teicher, Samson, Anderson, & Ohashi, 2016), de modo que estas vivências, especialmente as que se dão no campo relacional, modificam a maturação geneticamente programada do sistema nervoso (Perry, 2002; Schore, 1994; Siegel, 1999). Assim, ao se retomar o papel adaptativo do cuidado parental, pode-se frisar que as ações parentais são acionadas por condições internas (*e.g.* motivação para segurar o bebê no colo) e pistas ambientais (*e.g.* gestos do bebê), de modo que isto ativaria respostas rápidas e intuitivas por parte dos cuidadores em face às pistas comunicativas da criança (Keller, Lohaus, Völker, Cappenberg, & Chasiotis, 1999; Papousek & Papousek, 1991).

No que se refere ainda à influência parental sobre o repertório comportamental e à aquisição de habilidades socioemocionais infantis, pesquisas têm chamado atenção para o interesse de crianças nas ações de indivíduos adultos como uma tendência imitativa e de afiliação, apresentando-se, então, como base para a compreensão de comportamentos pró-sociais no início da vida (Grusec, 2006; Hay & Cook, 2007; Torrén & Kärtner, 2018). Neste sentido, crianças mais novas podem engajar-se em ações pró-sociais na medida em que se envolvem em atividades ao lado de adultos por estarem em sua companhia, almejando sua aprovação e recompensas (como um elogio) em função de um comportamento socialmente desejável (Eisenberg, 2005).

A título de exemplo, pode-se mencionar um estudo desenvolvido por Bakeman e Adamson (1984), na Geórgia – USA, com mães e crianças em idade pré-escolar (seis a 18 meses). Inicialmente, ocorria uma intervenção materna nas ações esboçadas pelas crianças, mas, com o decorrer da idade e frente à repetida exposição comportamental, bebês passavam a manifestar, de maneira cada vez mais sofisticada e autônoma, aqueles comportamentos inicialmente apresentados pela mãe. Aparentemente, o suporte social e comunicativo de adultos se apresenta como basilar para que as crianças entendam em quais momentos e quais são as formas mais apropriadas de emissão de respostas pró-sociais (Svetlova, Nichols, & Brownell, 2010).

Por outro lado, adultos frequentemente utilizam, como mecanismos de socialização, técnicas indutivas que consistem em reforçar comportamentos tidos por eles como sendo socialmente adequados e diminuir ações inapropriadas (Hoffman 1983). Efetivamente, comportamentos pró-sociais se apresentam inseridos nas interações sociais, de sorte que é nas

relações estabelecidas com adultos que as crianças compreendem as situações que experimentam ou presenciam, emitem respostas e são socializadas e moldadas (Grusec, 2006). Todavia, vale ressaltar que essa influência se estabelece em uma via de dupla direção, ou seja, ambos (cuidadores e crianças) influenciam e são influenciados, uns pelos outros (Mendes, 2018; Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Dado o considerável impacto dos pais no desenvolvimento socioemocional dos filhos, acredita-se que discutir aspectos da parentalidade é basilar. Contudo, ainda são escassas as pesquisas voltadas para estudar a articulação da parentalidade com ambas as habilidades socioemocionais (empatia e altruísmo) de forma articulada, sobretudo nos últimos anos da infância. Assim, com vistas a uma melhor compreensão desses fenômenos, serão examinadas nos tópicos a seguir, as repercussões e os desdobramentos da parentalidade na empatia e no altruísmo de filhos.

3.2 Parentalidade e empatia

Há um consenso a respeito de que a empatia sofre influência de fatores individuais e genéticos (Batson, 2017; Zahn-Waxler, Robinson, & Emde, 1992). Entretanto, cada vez mais se reconhece o impacto da socialização, particularmente através da parentalidade, nas manifestações empáticas em crianças (Eisenberg & Valiente, 2002; Strayer & Roberts, 2004). Deste modo, presume-se que as ações dos pais impactam ambos os fatores (cognitivo e afetivo) da empatia dos filhos (Soenens, Duriez, Vansteenkiste, & Goossens, 2007).

Pesquisas têm apontado algumas explicações relativas aos impactos da parentalidade sobre a expressão empática de filhos. Por exemplo, a literatura indica que os progenitores podem atuar como modelos a serem seguidos no desenvolvimento de competências empáticas de sua prole (Antonopoulou, Alexopoulos, & Maridaki-Kassotaki, 2012; Barnett, 1987). Ademais, as habilidades empáticas expressas pelas crianças têm sido relacionadas com a tipologia de apego desenvolvida no meio familiar (Laible, Carlo, & Roesch, 2004; Van Der Mark, Van IJzendoorn, & Bakermans-Kranenburg, 2002).

Verifica-se ainda o reconhecimento da importância da expressividade emocional parental para o desenvolvimento da empatia nos descendentes (Brody & Ge, 2001; Eisenberg, Gershoff et al., 2001). Seguindo essa lógica, as diferentes maneiras de exibição de emoções

realizadas pelos progenitores (como expressar alegria e elogiar a criança ou mesmo demonstrar hostilidade) operam no desenvolvimento da aquisição de processos de aprendizagem dessa habilidade socioemocional, assim como nas vivências emocionais das crianças (Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998). Por conseguinte, parece fazer sentido pensar que o potencial infantil para a compreensão das ações das pessoas, assim como das necessidades e dos desejos destas, está sujeito aos esforços e ao apoio comunicativo de adultos (Carpendale & Lewis, 2004; Ruffman, Slade, Devitt, & Crowe, 2006).

No que tange às práticas parentais que favorecem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, a literatura tem sinalizado que o engajamento em ações pró-sociais por crianças é mais provável quando adultos expressam suas necessidades, desejos e emoções, diminuindo, assim, a necessidade da criança de fazer inferências complexas sobre os estados emocionais dos mesmos (Svetlova, Nichols, & Brownell, 2010). Desse modo, estes autores pontuam que, ao fornecer informações claras, falar sobre sentimentos e ter certas atitudes empáticas diante de situações vividas, os pais contribuem para o desenvolvimento da empatia nos filhos, o que favorece o desenvolvimento de motivações para atuar pró-socialmente, com base em princípios de justiça, solidariedade e generosidade. Além disso, como destacam Motta et al. (2006), as variáveis ambientais que propiciam a aquisição da empatia estão vinculadas a situações que fornecem à criança uma diversidade de chances para vivenciar e manifestar variadas emoções, ao passo que pais correspondem às necessidades emocionais e físicas da mesma e desencorajam suas preocupações demasiadas em si mesma.

Apesar da importância de os fatores relativos à socialização serem inegáveis, vale pontuar que estes se encontram imbricados a aspectos biológicos. Neste sentido, Schore (2001) chama atenção para a mútua influência existente entre a maturação de regiões cerebrais ligadas à experiência de empatia, o desenvolvimento de ações pró-sociais e os sistemas de vinculação à mãe ou outro cuidador principal. Logo, o córtex orbitofrontal, especialmente do hemisfério direito, desenvolve-se com considerável dependência de estimulação do cuidador principal, podendo inclusive atrofiar em casos de privação desta estimulação. Achados como estes sinalizam a necessidade de levar em conta um amplo modelo de transmissão da empatia no ambiente familiar, devendo, então, considerar aspectos relativos à faixa etária da criança, assim como fatores referentes à sua maturidade cognitiva, controle emocional e emocionalidade parental (Strayer & Roberts, 2004).

Ao se tomar em consideração a perspectiva evolucionista, pode-se perguntar: de que maneira as relações até então apontadas entre a parentalidade e a empatia podem ter contribuído para a manutenção de espécies, em particular, a do *homo sapiens*? A empatia, a

partir do contágio emocional, possuiria papel adaptativo no cuidado parental uma vez que ao permitir que progenitores possam vivenciar emoções semelhantes às da prole, possibilita que os primeiros atuem de maneira mais adequada às demandas da criança, viabilizando a comunicação familiar, e ampliando a probabilidade de sua sobrevivência e do sucesso reprodutivo dos pais (Batson, 2017). Seguindo essa linha de pensamento, este mesmo autor, discute que a empatia pode ter advindo de diferentes fatores, a exemplo da linhagem de organização familiar, da elevada demanda de cuidado por parte da prole e da conjuntura social associada à necessidade de coesão grupal. Isto posto, acredita-se que as habilidades humanas são atualizadas em processos epigenéticos, considerando as demandas tanto ecológicas, quanto sociais do ambiente (Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011).

Em síntese, concebe-se que o desenvolvimento de relações emocionais com terceiros, particularmente com pais/cuidadores, é primordial para se compreender os processos ontogenéticos socioemocionais do indivíduo (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Trumpeter, Watson, O'Leary, & Weathington, 2008). Progenitores ocupam, portanto, papel de destaque enquanto interlocutores e eliciadores de variados potenciais do desenvolvimento, sobretudo durante a infância e a adolescência, de modo que se acredita que a empatia sofre consideráveis impactos de intervenções parentais estabelecidas no dia a dia (Antonopoulou, Alexopoulos, & Maridaki-Kassotaki, 2012; Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011; Guo & Feng, 2017; Levy, Yirmiya, Goldstein, & Feldman, 2019; Manczak, DeLongis, & Chen, 2016). Logo, as vivências e as manifestações emocionais das crianças sofrem interferências da expressividade parental (Eisenberg et al., 1998; Wagers & Kiel, 2019). No mais, em virtude da empatia se mostrar uma importante força motivadora do altruísmo (Batson, 2012; McAuliffe, Forster, Philippe, & McCullough, 2018), que, por sua vez, se apresenta como um dos construtos foco desta tese, em seguida, se discutirá acerca do altruísmo e sua articulação com a parentalidade.

3.3 Parentalidade e altruísmo

Desde muito cedo, crianças demonstram interesse em participar de atividades desenvolvidas pelos adultos, a exemplo de atividades domésticas (Drummond, Paul, Waught, Hammond & Brownell, 2014), ou mesmo em auxiliá-los a atingir um dado propósito, como alcançar um objeto fora de seu alcance (Dunfield, Kuhlmeier, O'Connell, & Kelley, 2011;

Svetlova et al., 2010; Warneken & Tomasello, 2006). Ao que parece, crianças necessitam de pouco estímulo para se engajarem em ações de ajuda instrumental a terceiros (Forman, 2007). Por outro lado, pais frequentemente se inserem em comportamentos de auxílio aos filhos, o que pode ser verificado mesmo em etapas posteriores à infância (Cooney & Uhlenberg, 1992; Eggebeen, 1992; Fingerma, Miller, Birditt, & Zarit, 2009).

Evidências têm mostrado que pais percebem o relacionamento com seus descendentes como sendo mais positivo do que seus filhos, e isto pode ser visto como associado ao investimento parental (Giarusso et al., 1995; Giarrusso et al., 2004), assim como pode indicar uma tendência geral de pessoas mais velhas a verem os relacionamentos interpessoais como sendo mais positivos (Ferring & Filipp, 1999; Winkeler, Filipp, & Boll, 2000). De todo modo, a literatura tem indicado que pessoas mais pró-sociais, sejam elas pais ou filhos, frequentemente oferecem apoio a seus familiares, assim como a desconhecidos (Wrzus, Wagner, Baumert, Neyer, & Lang, 2011)

Atualmente, verifica-se um crescente reconhecimento, por parte da comunidade científica, de que as ações dos pais são essenciais para o desenvolvimento dos filhos (Keller, 2007; Kwok et al., 2017), sobretudo, das habilidades destes em compreender, monitorar e regular suas emoções e de outrem (Eisenberg & Valiente, 2002). Porém, ressalta-se que esta influência se apresenta no sentido bidirecional (Dunsmore & Holberstadt, 1997; Mendes, 2018), ou seja, pais interferem nestes potenciais e capacidades dos filhos, assim como são influenciados por estes, conforme anteriormente já pontuado.

Embora seja de incontestável importância o relacionamento estabelecido entre pais (mãe e pai) e filhos, na medida em que este se constitui como contexto das interações sociais mais estáveis e duradouras, ainda é reduzido o número de pesquisas voltadas para avaliação dessa influência recíproca, particularmente no tocante ao altruísmo (Hammond & Carpendale, 2014; Lang, 2000). Não obstante, serão discutidos aspectos de que se tem relatos em publicações a respeito das implicações da parentalidade sobre este fenômeno, ainda que indiretamente, dada a escassez de produções científicas, tanto nacionais, quanto internacionais, com esse foco.

A literatura tem indicado que as crianças são mais suscetíveis à socialização do que adultos (Hoffman, 1977b), de sorte que quando esse processo se estabelece, tendo os pais como agentes, o que ocorre desde tenra idade, e tem como componentes ações parentais pró-sociais, incita as mesmas a também se engajarem em atos pró-sociais (Waugh, Brownell, & Pollock, 2015). Neste sentido, admite-se que o contexto pode propiciar o desenvolvimento de ações socialmente desejáveis (Warneken & Tomasello, 2013), bem como inibir atos

antissociais (Gordon et al., 2004; Hoffman, 2000).

Evidências parecem indicar que a origem do altruísmo se situa na qualidade das relações pais-filhos em diferentes espécies (Batson, 2012; De Waal, 1996, 2009; Sober & Wilson, 1998). Ao que parece, a propensão ao cuidado que os adultos mostram tem suas raízes em suas próprias vivências com seus cuidadores primários (Swain et al., 2012), de modo que os desdobramentos da parentalidade podem ter longo alcance e ser intergeracional.

Frente a isto, estudos têm sido realizados para tentar compreender os impactos da parentalidade no desenvolvimento de filhos, sendo que majoritariamente estas pesquisas têm se voltado para mecanismos de socialização, alguns analisando o poder da verbalização para a expressão de ações pró-sociais (Bryan & London, 1970; Eisenberg, Spinrad, Taylor, & Liew, 2017; Midlarsky & Bryan 1972; Brownell, Svetlova, & Nichols, 2009). Assim, pais tentam transmitir/ensinar comportamentos que almejam que seus filhos aprendam ou passem a apresentar (Cox & Stark, 2005).

Esse processo de ensinamento ou transmissão de conhecimentos e regras sociais ligadas ao modo de agir com outras pessoas parece incidir sobre as predileções sociais das crianças (Ben-Ner, List, Putterman, & Samek, 2017). Por exemplo, uma pesquisa realizada por Hoffman (1975b), em Michigan – USA, com pais e mães que possuíam ensino médio completo, mas sem média etária relatada, investigou seus impactos no altruísmo dos filhos. Este estudo indicou que filhos mais altruístas tinham ao menos um progenitor (comumente aquele do mesmo sexo da criança em questão) que conversava com a criança a respeito da importância de valores altruístas, enquanto o outro a incentivava a agir no sentido de auxiliar a pessoa que se encontrava com necessidade de ajuda.

Quanto ao impacto e a relevância de conversas dos pais com os filhos a respeito de estados emocionais, a literatura indica que essa iniciativa tem se mostrado associada a ações altruístas e empáticas nos filhos (Brownell, Svetlova, Anderson, Nichols, & Drummond, 2012). A conversa estabelecida pelos pais a respeito das emoções, com os filhos, apresenta-se associada também à cognição social (Taumoepeau & Ruffman, 2006; 2008), ou seja, está vinculada à maneira como os indivíduos veem as outras pessoas e a si mesmos (Fiske & Taylor, 2008). Logo, esta é uma prática que parece constituir-se em um primoroso caminho para promoção de ações altruístas e empáticas na prole, pois faz os filhos pensarem sobre os estados emocionais e aprimorarem suas consciências e seus entendimentos sobre emoções, desejos e necessidades próprias e de terceiros (Thompson, 2006). Isto por sua vez, tem se relacionado a maiores níveis de ajuda e de compartilhamento nos filhos, de forma mais frequente e demandando menor tempo para a manifestação da resposta de auxílio (Brownell et

al., 2012).

Ao se comparar, no entanto, a verbalização sobre atos altruístas com a expressão desta modalidade de comportamento, pesquisas têm indicado que a manifestação do altruísmo se mostra mais eficaz do que a indução verbal de crianças (Friedrich & Stein, 1975; Staub 1971), ao se falar com elas para que auxiliem alguém ou se incentive atos pró-sociais diante de situações específicas (Warneken & Tomasello, 2008a, 2013). De acordo com Dlugokinski e Firestone (1974), a exaltação a ações altruístas só se mostra efetiva em ambientes familiares nos quais os progenitores apresentam os atos altruístas incentivados pelos mesmos.

A literatura tem argumentado que a manifestação do altruísmo verificada em crianças se constitui como uma resposta ao modelo apresentado por um adulto. Em conformidade com essa noção, pesquisas têm indicado que pais que participam das atividades dos filhos, especialmente as pró-sociais, como comportamentos de ajuda ou altruísmo em relação a alguém, moldam as ações de auxílio praticadas por adolescentes ao se engajarem em atos socialmente desejados com familiares, ou mesmo pessoas desconhecidas (Eberly & Montemayor, 1999; Stukas, Switzer, Dew, Goycoolea, & Simmons, 1999). De fato, a literatura tem mostrado que crianças apresentam maiores tendências imitativas, em relação aos progenitores, diante de atividades convencionais, ou seja, ações socialmente estabelecidas e/ou almeçadas em determinados contextos sociais (*e.g.* comemorar uma data especial ou o engajamento em comportamentos colaborativos) do que frente a tarefas instrumentais, como construir um brinquedo (Clegg & Legare, 2016; Legare, Wen, Herrmann, & Whitehouse, 2015).

Salienta-se que pais podem estimular a manifestação de comportamentos pró-sociais em seus descendentes a partir do provimento de situações em que, juntamente com seus filhos, atuem na busca de objetivos comuns (Baumrind, 1971; Grusec, Goodnow, & Cohen, 1996; Hammond, 2011). Por exemplo, no estudo desenvolvido por Friedrich e Stein (1975) comparou-se a manifestação de comportamentos altruístas por crianças de nove anos a partir do incentivo verbal e da realização de atividades em que pais e filhos participavam conjuntamente. Seus resultados sinalizaram que a atividade conjunta se mostrou mais efetiva para a promoção do altruísmo do que o incentivo verbal.

De acordo com Wrzus et al. (2011), as ações observadas tanto por filhos, quanto por pais, em suas interações uns com os outros, possuem desdobramentos sobre a maneira com que cada um deles age e percebe as relações em geral. Neste sentido, estes autores defendem que práticas pró-sociais, percepções e disposições em realizar certas ações socialmente desejáveis encontram-se imbricadas.

Ainda no tocante às percepções, Guo e Feng (2017) investigaram de que maneira estas estão associadas aos estilos parentais. Participaram dessa pesquisa 494 crianças com média de idade de nove anos, as quais estavam cursando o ensino fundamental I de duas escolas públicas da província de Shandong - China. Os achados indicaram que práticas parentais positivas promoveram o altruísmo e a empatia nos filhos. Assim, quando o estilo parental adotado pelos pais foi o de calor emocional, frequentemente as crianças tinham seus progenitores como pessoas confiáveis e protetoras, o que dava a elas maior sensação de segurança e as incentivava a compreender e dividir seus próprios estados emocionais e necessidades. Também se observou implicações positivas do calor emocional dos pais para o entendimento por parte dos filhos das emoções de outras pessoas. Foi discutido que pais emocionalmente calorosos poderiam compartilhar (dotando-os geneticamente) estes atributos pró-sociais com seus filhos, assim como poderiam tentar moldar as ações da prole e os ambientes frequentados por eles, de modo que isto pudesse ser benéfico para o desenvolvimento do altruísmo e da empatia em seus descendentes.

Em suma, ao presenciarem ações de pessoas significativas, a exemplo dos pais, crianças elaboram crenças sobre a conveniência/necessidade do desempenho de comportamentos pró-sociais que, juntamente com a assimilação das normas culturais através da socialização, impactariam seu desenvolvimento socioemocional (Adriani, Matheson, & Sonderegger, 2018). Ressalta-se que os impactos da parentalidade sobre os descendentes estão sujeitos não apenas às metas de socialização e às limitações de recursos (emocional e social), como também levam em conta as crenças e as percepções que os pais possuem sobre a criação de filhos (Attanasio, Cattan, Fitzsimons, Meghir, & Rubio-Codina, 2015; Dizon-Ross, 2016), conforme anteriormente pontuado. A partir do que foi examinado à luz das evidências trazidas pela literatura, é plausível considerar uma articulação de aspectos da parentalidade com o desenvolvimento da empatia e do altruísmo em filhos. Assim sendo, cabe expor as ideias centrais da hipótese de empatia-altruísmo, abordando os desdobramentos da associação entre ambos os fenômenos, de acordo com a concepção de Batson et al. (1981).

3.4 Hipótese de empatia-altruísmo

A concepção de que o altruísmo pode ser motivado pela empatia não começou a ser discutida recentemente, uma vez que foi proposta pelos filósofos Adam Smith e David Hume

desde o século XVIII. Entretanto, esta relação tem sido tratada há relativamente pouco tempo pela psicologia (Hoffman, 1970).

Segundo princípios evolucionistas, entende-se que a empatia se desenvolveu em diferentes espécies, inclusive nos seres humanos, como um sistema motivacional que viabiliza a expressão de ações altruístas voltadas para indivíduos que demandam ajuda, ou mesmo que estão com sofrimento físico ou psicológico (De Waal, 2008; McAuliffe, Forster, Philippe, & McCullough, 2018), e tendo em vista a promoção do bem-estar de outrem (Batson, Ahmad, & Lishner, 2009; Youll & Dutschi, 2012). De acordo com essa perspectiva, a interação entre ambos os construtos (empatia e altruísmo) se dá, na ontogênese, desde muito cedo, na relação mãe-bebê, de modo a propiciar comportamentos maternos nessa direção.

Tal circunstância está alicerçada em características vistas como fruto da seleção natural, tendo se mostrado como adaptativas, uma vez que elevam os ganhos *fitness* (ou seja, favorecendo o sucesso reprodutivo e a manutenção das espécies) da prole. Progenitores empáticos se mostram mais competentes em proteger sua cria (De Waal, 2008). Este autor pontua que apesar da empatia se configurar como um sistema motivacional que se manteve na evolução pelos ganhos *fitness*, está presente em humanos e é consideravelmente forte para desencadear altruísmo, ainda que na ausência de benefícios evolutivos.

Por certo, os potenciais empáticos assumem importante papel para garantir a sobrevivência dos filhos, de maneira que o cuidado parental sensível, caloroso e consistente, desde o nascimento, é fundamental para a promoção/manutenção da saúde e desenvolvimento pleno em diferentes domínios (Ayoub, Bartlett, & Swartz, 2014). Ademais, há de se destacar que as implicações da relação pais-criança possuem longo alcance, já que é nesse contexto interacional que se dá o aprendizado e o desenvolvimento emocional e da cognição social, a partir, por exemplo, de ações de mães e pais diante de pessoas em necessidade (Batson, 2012).

Neste sentido, foi formulada a *hipótese de empatia-altruísmo* que defende a ideia de que estados emocionais empáticos propiciam o desenvolvimento de motivações/comportamentos altruístas (Batson, Lishner, & Stocks 2015). Trata-se de um pressuposto que contradiz a perspectiva vigente de que o comportamento, inclusive o pró-social, é desempenhado por razões egoístas (Wallach & Wallach, 1983). Este pressuposto dominante, segundo o qual a relação entre ajuda/altruísmo e empatia tem raiz auto-orientada, permaneceu hegemônico por um tempo considerável (Fultz, Batson, Fortenbach, McCarthy, & Varney, 1986). Desse modo, antes de focar a hipótese de empatia-altruísmo, entende-se que uma breve discussão sobre esse pressuposto é necessária.

Pode-se partir de uma questão que parece razoável ser posta: por qual razão a empatia

levaria uma pessoa a desempenhar comportamentos de ajuda, por vezes, demandando altos custos para si? Ocorre que, de acordo com a hipótese de empatia-altruísmo, um indivíduo ao verificar que alguém está em situação de necessidade, tem uma preocupação empática gerada por esta observação, o que conduziria a um comportamento em resposta a essa situação (Batson et al., 2015). Neste sentido, a preocupação empática se apresenta como impulsionadora de um ato altruísta que está direcionado para outra pessoa e tem como intuito diminuir seu sofrimento (Bierhoff, & Rohmann, 2004; McAuliffe et al., 2018).

O pilar dessa hipótese é o de que a empatia provoca preocupação diante da aflição alheia e isto conduziria a uma ação em resposta. É concebido ainda que a ação realizada frente à observação do sofrimento alheio é movida por valores verdadeiramente altruístas, ao invés de egoístas, e está relacionada à realização de ações pró-sociais (Batson et al., 1981; Batson, O'Quin, Fultz, Vanderplas, & Isen, 1983; Person & Kajonius, 2016; Toi & Batson, 1982). Diversas investigações foram realizadas no intuito de comprovar que a hipótese de que a relação entre empatia-altruísmo não se deve a motivações aut centradas (Batson et al., 1981; Batson, Coke, & Pych, 1983; Toi & Batson, 1982). O que se pode observar, com base na literatura, é que cada vez mais essa hipótese vem ganhando reconhecimento da comunidade científica (Batson, 2011; Batson, Lishner, & Stocks, 2015; Persson & Kajonius, 2015), de modo que muitas pesquisas têm apoiado o pressuposto de que o comportamento de ajuda é motivado pela empatia (Batson et al., 2015; McAuliffe et al., 2018; Toi & Batson, 1982).

Há que se apontar, todavia, alguns contra-argumentos à hipótese de empatia-altruísmo, e esclarecer o porquê, ainda assim, essa hipótese é assumida e adotada nesse trabalho. As contraposições à hipótese estão alicerçadas nas seguintes ideias: I) reduzir o próprio sofrimento diante da necessidade de outra pessoa; II) evitar punições, sejam elas materiais, sociais ou autoaplicadas; III) a recompensa diante do comportamento de ajuda (Batson, 2012; Batson et al., 1981). Cada uma dessas ideias será discutida, para que se argumente a favor desta hipótese assumida e contrariamente à sua contestação.

No tocante à realização de ações altruístas como forma de diminuir a aflição pessoal, diferentes pesquisas têm questionado esta ideia (Batson, 2011; Batson et al., 2015; Batson, O'Quin et al., 1983; Toi & Batson, 1982). De acordo com a literatura, a aflição empática se sobrepõe ao sofrimento ou angústia pessoal e, então, entende-se que a realização de atos pró-sociais seja mais provável, ainda que haja possibilidade de esquiva da situação aflitiva (Bierhoff, & Rohmann, 2004), quando os custos da ação altruístas não são demasiadamente altos para o benfeitor (Batson, O'Quin et al., 1983). De acordo com estes autores, isto ocorre

em função de que a ativação da aflição empática está estreitamente relacionada com o sofrimento da vítima, de forma que deixar a situação sem prestar auxílio, por vezes, não é uma alternativa geralmente considerada viável. Logo, esta preocupação só irá aliviar com a intervenção de alguém, seja uma testemunha ou outra pessoa, revelando um real interesse pelo bem-estar do indivíduo em necessidade.

Batson et al. (1981) defendem que as ações em resposta à constatação da aflição alheia se deveram ao altruísmo e não ao egoísmo, já que, mesmo com a possibilidade de fuga, os participantes optaram por ajudar, ao invés de se esquivar daquela situação aversiva. Em consonância com esta perspectiva, o estudo desenvolvido por Batson, O'Quin et al. (1983) investigou as emoções despertadas frente à observação do sofrimento alheio. Para tanto, estes autores desenvolveram três estudos. Os achados de seus dois primeiros estudos indicaram que a angústia pessoal levou a uma motivação egoísta, enquanto que a preocupação empática à motivação altruísta. Já o terceiro estudo, sinalizou que elevados custos da ação altruísta culminam na autopreocupação.

Pode-se mencionar ainda, o estudo conduzido por Toi e Batson (1982) com 84 mulheres, estudantes de psicologia. Neste experimento, os autores solicitaram que os participantes assistissem outra pessoa em perigo (tomando choque) e manipularam o nível e empatia (alto ou baixo) e a facilidade de fuga sem prestar auxílio (fácil ou difícil). Os resultados deste estudo indicaram que as pessoas ajudaram em menor medida quando a fuga era fácil, se comparado a quando a fuga era difícil. Estes resultados sugeriram que as participantes que apresentaram elevados níveis de empatia prestaram auxílio independentemente da possibilidade de fuga ser fácil ou não.

A partir dos resultados de ambos os estudos (isto é, Batson, O'Quin et al. 1983; Toi & Batson, 1982) pode-se concluir que situações que colocam em questão aptidão do organismo ainda são contraditórias, especialmente quando são realizadas frente a indivíduos sem laços consanguíneos. Em todo caso, acredita-se, que os comportamentos altruístas despertados pela empatia tiveram como anseio a diminuição do sofrimento de outra pessoa (Fultz et al., 1986) e a promoção de seu bem-estar (Batson, 1991; Batson et al., 1978; Dovidio, Püiavin, Schroeder, & Penner, 2006), contudo os custos e, possivelmente a proximidade com a vítima, seriam duas intrigantes variáveis que têm se mostrado fundamentais para compreender a diversidade e a complexidade da ação humana, particularmente quanto ao altruísmo.

Em contraposição à ideia de que o comportamento de altruísmo é exercido para evitar punição, pode-se mencionar a investigação realizada por Archer, Diaz-Loving, Gollwitzer, Davis e Foushee (1981), particularmente quanto à repreensão social. Estes pesquisadores

analisaram se a empatia culminaria no aumento do auxílio unicamente em situações socialmente avaliadas. Seus achados indicaram que as razões para ajudar, provenientes da empatia, estavam voltadas para o anseio de reduzir o sofrimento da vítima, e não para evitar punições sociais, a exemplo de uma avaliação social negativa. Evidências semelhantes podem ser encontradas no estudo de Fultz et al. (1986), onde foi possível verificar que a relação empatia-altruísmo também não se deveu ao anseio de se esquivar de uma autocensura.

Seguindo a mesma linha de pensamento, e em resposta à concepção de que ações altruístas são realizadas tendo em vista possíveis recompensas, Batson, Coke e Pych (1983) defendem que, se isto fosse verdade, o aumento de ações pró-sociais só se daria em contextos nos quais as pessoas pensassem que estão sendo avaliadas, ou seja, em casos em que a empatia fosse mensurada antes do desenvolvimento de atos pró-sociais. Entretanto, estudos têm indicado que os participantes desenvolvem atos de ajuda/altruísmo, mesmo antes de terem noção de que seus níveis de empatia estavam sendo avaliados. Esta concepção é corroborada por Batson et al. (1981).

De acordo com Batson (2012), os estudos que se utilizam da hipótese de empatia-altruísmo têm trazido expressivas contribuições. Por exemplo, uma vez essa relação sendo posta em prática, isto promove cuidados mais sensíveis para as pessoas que se encontram em necessidade; melhora as atitudes relativas a grupos minoritários estigmatizados; eleva a cooperação em contextos competitivos, incluindo conflitos internacionais e entre etnias, dentre outros. Frente a isto, acredita-se que esta hipótese pode trazer interessantes e promissores subsídios para o entendimento de como se dá a relação entre empatia e altruísmo, construtos em foco na presente tese.

Finalizando a discussão aqui empreendida, cabe enfatizar que nesse trabalho se buscou suprir uma lacuna na literatura, ao estudar, de modo articulado ambos os construtos, a partir de uma perspectiva evolucionista e sociocultural, e com a preocupação de investigar um momento da ontogênese. Neste sentido, Carvalho e Seidl-de-Moura (2011) vêm apontar que são poucos os estudos voltados para entender aspectos ontogenéticos da empatia, de modo que os achados são inconsistentes, apresentando reduzida amostra e/ou são de difícil comparação dada a utilização de diferentes formas de mensuração. A mesma situação pode ser verificada no que diz respeito ao altruísmo. Entende-se que compreender as vinculações estabelecidas entre a empatia e o altruísmo, levando em conta o processo de desenvolvimento humano e as especificidades de diferentes contextos socioculturais, pode proporcionar uma importante “ferramenta social” na promoção de uma sociedade mais solidária e igualitária. No entanto, isto demanda compreender o potencial da empatia de promover o altruísmo (Batson,

2012). Logo, nesta pesquisa se procurou defender a tese de que para além das predisposições biológicas, aspectos socioculturais e da parentalidade são cruciais e, com isto, o fato de uma mãe ser altruísta e empática favorece o desenvolvimento do altruísmo e da empatia nos filhos.

4 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Os objetivos e hipóteses formulados para essa tese são os apresentados a seguir.

4.1 Objetivo Geral

Verificar a relação entre empatia e altruísmo em mães e em filhos, para crianças no final da infância.

4.1.1 Objetivos específicos

1. Verificar a relação entre o nível de altruísmo e empatia das mães;
2. Verificar a relação entre o índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos;
3. Verificar a relação entre o nível de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos;
4. Verificar a relação entre o nível de comportamento de doação e de empatia dos filhos;
5. Verificar a relação entre o nível de altruísmo e de empatia dos filhos;
6. Verificar a relação entre o nível de empatia das mães e dos filhos;
7. Verificar a relação entre o nível de altruísmo das mães e de comportamento de doação dos filhos;
8. Verificar a relação entre o nível de altruísmo das mães e dos filhos;
9. Verificar a diferença do nível de empatia entre meninas e meninos;
10. Verificar a diferença do nível de altruísmo entre meninas e meninos.

4.2 Hipóteses

1. Os níveis de altruísmo e de empatia das mães estão positiva e significativamente relacionados entre si;
2. O índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
3. Os níveis de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
4. Os níveis de comportamento de doação e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
5. Os níveis de altruísmo e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
6. Os níveis de empatia das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
7. Os níveis de altruísmo das mães e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
8. Os níveis de altruísmo das mães e o dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si;
9. Meninas apresentam maiores níveis de empatia do que meninos;
10. Meninas possuem maiores níveis de altruísmo do que meninos.

De modo a se buscar atingir os objetivos definidos e verificar as hipóteses formuladas, no capítulo a seguir serão apresentadas as especificações do método adotado.

5 MÉTODO

A partir das considerações teóricas realizadas previamente, e dos objetivos traçados, parece pertinente investigar a expressão de comportamentos pró-sociais em mães e em filhos, tendo em vista que o ambiente familiar, particularizado aqui nessa interação diádica mãe-criança, é o primeiro meio social de que o indivíduo faz parte e contexto privilegiado de desenvolvimento. Logo, os aspectos atinentes ao método que foi usado para se atingir os objetivos dessa tese serão apresentados nesse capítulo.

5.1 Delineamento

Tratou-se de um estudo correlacional, *ex-post-facto*, de caráter descritivo, o qual fez uso de um método quantitativo.

5.2 Participantes

Participaram do estudo 40 crianças de ambos os sexos e suas mães residentes no Rio de Janeiro ou região metropolitana. As crianças tinham entre oito e 12 anos ($M = 9,73$ anos; $DP = 1,35$), sendo que 50% das mesmas eram do sexo feminino (i.e. 20 meninas). Já as mães possuíam idade variando entre 27 e 48 anos ($M = 40,53$; $DP = 5,26$), sendo a maioria casada/união estável (54,9%; ver Tabela 1), católica (33,3%; ver Tabela 2), pertencente à classe social média autodeclarada (49%; ver Tabela 3) e com ensino superior completo (21,6%; ver Tabela 4). Inicialmente, realizou-se um estudo-piloto composto por três díades mãe-criança.

Tabela 1 - *Distribuição dos participantes por estado civil*

Estado civil	Frequencia	Percentual
Solteira	9	17,6%
Casada/união estável	28	54,9%
Separada/divorciada	2	3,9%
Viúva	1	2%
Total	40	100%

Tabela 2 - *Distribuição dos participantes por religião*

Religião	Frequencia	Percentual
Católica	17	33,3%
Evangélica	13	25,5%
Espírita	3	5,9%
Sem religião	5	9,8%
Outra religião	2	3,9%
Total	40	100%

Tabela 3 - *Distribuição dos participantes por classe social autodeclarada*

Classe social autodeclarada	Frequencia	Percentual
Classe baixa	3	5,9%
Classe média baixa	11	21,6%
Classe média	25	49%
Classe média alta	1	2%
Total	40	100%

Tabela 4- *Distribuição dos participantes por nível de escolaridade*

Escolaridade	Frequencia	Percentual
E. fundamental incompleto	1	2%
E. fundamental completo	3	5,9%
E. médio completo	8	15,7%
E. superior incompleto	10	19,6%
E. superior completo	11	21,6%
Pós-graduação incompleta	3	5,9%
Pós-graduação completa	4	7,8%
Total	20	100%

5.3 Instrumentos e Tarefas

MÃES

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal - versão reduzida. Instrumento de autorrelato desenvolvido por Davis (1983) e validado para uso com população brasileira

por Koller, Camino e Ribeiro (2001), sendo sua versão reduzida proposta por Formiga et al. (2013). É constituída por três fatores (*Consideração Empática*, Alpha de cronbach= 0,67; *Tomada de Perspectiva do Outro*, Alpha de cronbach= 0,63; *Aflicção Pessoal*, Alpha de cronbach= 0,54). Haveria uma quarta dimensão na escala original, subescala *Fantasia*, que não foi adaptada para o contexto brasileiro por seu viés cultural (Koller et al., 2001). Sua versão reduzida (Anexo A) é composta por 17 itens, apresentando escala de resposta do tipo *Likert* de cinco pontos (1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente).

Escala de Altruísmo Autoinformado. Instrumento autoaplicável desenvolvido por Rushton, Chrisjohn e Fekken (1981), composto por 20 itens que versam sobre comportamentos altruístas que o indivíduo poderia realizar. Foi adaptado e validado para uso no Brasil por Gouveia et al. (2010; Anexo B), apresentando escala de resposta do tipo *Likert* de cinco pontos, variando entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente) e possuindo uma única dimensão (Alpha de cronbach = 0,83).

Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. Foi desenvolvida por Crowne e Marlowe (1960) e validada para o contexto brasileiro por Gouveia, Guerra, Farias, Santos e Costa (2009; Anexo C), sendo composta por 20 itens relativos a comportamentos que podem indicar a necessidade de aprovação de terceiros e apresentando uma única dimensão (Alpha de cronbach = 0,83). A escala de resposta é do tipo dicotômica, em que o indivíduo responderá se aquele item representa verdadeira (V) ou falsamente (F) seu próprio comportamento.

Ficha de Identificação. Formulário para identificação dos participantes do estudo. Nesse foram solicitados: nome e data de nascimento das mães e das crianças, além do sexo desta última mencionada; endereço, telefone e e-mail para contato; nome, endereço e telefone da escola à qual está vinculada a criança participante (Apêndice B).

Questionário sociodemográfico. Tais questões (Anexo I) possuem como intuito caracterizar a amostra estudada (mãe e criança), com dados referentes à idade, estado civil, classe socioeconômica, religião e número de horas que passa com a criança, para a mãe, e idade, sexo e série, para a criança.

CRIANÇAS

Tarefa de empatia. Tarefa composta por duas histórias que tiveram por objetivo mensurar a empatia da criança, fornecendo um escore geral desse fenômeno psicológico. As perguntas utilizadas para mensurá-las foram as mesmas usadas na pesquisa de Motta et al. (2006), muito embora se faça a observação de que o estudo original tenha se valido

de vídeos, o que não ocorreu com o estudo aqui apresentado. O referido estudo foi uma adaptação da pesquisa realizada por Poresky (1990). No caso dessa tese, decidiu-se por lançar mão de apenas duas das quatro vinhetas encontradas em ambos os estudos. Isto se deveu ao fato de que nessas duas pesquisas foram usadas quatro emoções, sendo uma considerada de valência positiva e três concebidas como negativas. Optou-se por trabalhar com duas emoções, fazendo contraponto entre uma emoção considerada de valência negativa e outra positiva, selecionando uma história envolvendo **tristeza** (Anexo E) e outra **alegria** (Anexo F). Inicialmente, foi dito às crianças que algumas histórias seriam contadas e, posteriormente, seriam feitas algumas perguntas sobre elas. A pesquisadora leu cada uma das vinhetas para, então, realizar os seguintes questionamentos: 1) Como o [personagem da história] se sente?; 2) Como você se sente sobre isso? 3) Porque você acha que o [personagem da história] se sentiu assim?; 4) Por que você se sentiu assim?. O somatório dos pontos atribuídos às respostas para as quatro questões de ambas as vinhetas gerou um escore geral da empatia de cada criança. Com base nas respostas dos participantes, atribuiu-se uma pontuação em escala do tipo *Likert*. Especificamente, para a primeira questão foi empregada uma escala de quatro pontos (0 = emoção de valência oposta; 1 = ausência de emoção/não sabe; 2 = emoção similar ou de igual valência; 3 = combinação exata da emoção); para a segunda questão, também uma escala de quatro pontos (0 = emoção de valência oposta; 1 = ausência de emoção/não sabe; 2 = emoção similar ou de igual valência; 3 = combinação exata da emoção, ou preocupação e interesse manifestados pelo personagem em foco); para a terceira questão utilizou-se uma escala de três pontos (1 = expressa compreensão incoerente com a situação do personagem ou não sabe; 2 = expressa compreensão coerente com a situação do personagem, apesar de não acurada; 3 = expressa compreensão acurada da situação e dos sentimentos do personagem); já a quarta questão, foi usada uma escala de três pontos (1 = expressa compreensão incoerente com a situação do personagem desconsiderando sua posição ou expressando julgamento de valor ou não sabe; 2 = expressa compreensão coerente com a situação do personagem, apesar de não acurada; 3 = expressa compreensão acurada da situação e dos sentimentos do personagem em foco, considerando sua posição ou colocando-se em seu lugar). Desse modo, a pontuação variou entre 2 e 12 pontos em cada vinheta e, considerando ambas as histórias (tristeza e alegria) em conjunto, o escore variou entre 4 e 24 pontos. Destaca-se que houve, para cada criança, a alternância na apresentação das histórias de tristeza e alegria.

Tarefa de altruísmo. Tarefa voltada para mensurar o altruísmo infantil, baseada na pesquisa realizada por Lourenço (1991). As histórias utilizadas remetem a duas situações frequentemente encontradas quando se trata de comportamentos altruístas. Especificamente, foi usada uma história referente à situação de **repartir** (Anexo G) e outra à de **abdicar** (Anexo H), apresentadas de maneira alternada. Destaca-se que a primeira história foi inspirada no que consta do estudo de Lourenço (1991), enquanto a segunda foi criada pela autora dessa tese. Cada história descreve um potencial receptor (alguém em necessidade) e um potencial doador (alguém que poderia ser altruísta). Tal como mencionado na tarefa de empatia, inicialmente, foi dito às crianças que se iria contar duas pequenas vinhetas. Em seguida, fez-se as seguintes perguntas: 1) O que você acha que o personagem vai fazer?; 2) Como você acha que o personagem vai se sentir mais feliz? [alternativa altruísta] ou [alternativa egoísta]; 3) Em qual opção você acha que o personagem se daria melhor? [alternativa altruísta] ou [alternativa egoísta]. Com base nas respostas dos participantes, a pesquisadora atribuiu pontuação em uma escala de resposta do tipo *Likert* de três pontos, variando entre 1 (nenhuma opção pela alternativa altruísta na antecipação das ações do potencial doador) e 3 (escolha pela alternativa altruísta nos dois dilemas apresentados). Assim, a pontuação poderia variar entre 0 e 18 pontos. Através das perguntas foi possível verificar a medida de altruísmo em termos da *antecipação feita pela criança da ação de um potencial doador*, com base na resposta à primeira questão das duas vinhetas, assim como mensurar o *nível de altruísmo*, por meio da somatória da pontuação proveniente das respostas à segunda e à terceira questões, de ambas as histórias. Ao final da tarefa, eram dados alguns doces para a criança e dito a ela que poderia deixar alguns, se quisesse, em uma caixa disponível, para serem entregues a crianças que não puderam participar (conforme detalhado no item de procedimentos de coleta de dados). Este procedimento possibilitou a avaliação do nível de comportamento de doação a partir da contabilização de doces doados.

Escala de Desejabilidade Social Infantil. Esta escala foi proposta por Lemos (2005), sendo composta de oito sentenças sobre características pessoais relativas a comportamentos diários da criança, em que ela é solicitada a avaliar o quanto cada item representa verdadeiramente (V) ou não (F) seu próprio comportamento (Anexo D). Esta medida foi validada para uso com a população brasileira por Soares et al. (2016). Trata-se de uma escala unifatorial que apresenta parâmetros adequados de consistência interna (Alpha de cronbach = 0,69).

5.4 Procedimentos

5.4.1 Coleta de dados

Inicialmente foi realizado um estudo-piloto para avaliar a adequação dos instrumentos, tarefas e procedimentos definidos. Participaram três díades mãe-criança e, a partir do referido estudo, não se identificou a necessidade de adequações/modificações nos instrumentos, tarefas ou procedimentos estabelecidos uma vez que todos os participantes demonstraram compreender o conteúdo de ambas as medidas empregadas, de modo que decidiu-se prosseguir a coleta com os mesmos sem alterações.

Posteriormente, entrou-se em contato com escolas de redes privadas, situadas no Rio de Janeiro e/ou região metropolitana, e foram explanados os objetivos da pesquisa para obtenção do aceite de seus dirigentes para atuar em parceria nesse estudo. Feito isto, foi enviado, através da agenda escolar, um convite às mães, para participarem da pesquisa e autorizarem a participação dos filhos, em que foram expostos os objetivos da mesma e os procedimentos que seriam realizados. Ao se ter em mãos a relação de díades que aceitaram participar, entrou-se em contato para fazer o agendamento de dias e horários para a realização da coleta de dados, de acordo com a conveniência dos participantes.

No dia e horário agendado para a coleta de dados de cada dupla (mãe e criança), foram aplicados os instrumentos e as tarefas definidos, tanto nas crianças quanto nas mães. Inicialmente, foram feitos esclarecimentos sobre os instrumentos, os procedimentos e as tarefas que foram utilizados, de modo que as díades que ratificaram sua participação foram convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice A).

Em seguida, a pesquisadora preenchia a *ficha de identificação* da díade mãe-criança (Anexo B). Dando prosseguimento, foi dada a seguinte explicação para as crianças: “A partir de agora vamos fazer algumas atividades, em que, inicialmente, irei contar algumas historinhas e depois farei algumas perguntinhas sobre o que você achou de cada uma delas”. A primeira atividade a ser realizada, com a criança, foi a tarefa de empatia, em que foram contadas duas histórias envolvendo sentimentos/emoções, especificamente, relacionada à *tristeza* (Anexo E) e outra à *alegria* (Anexo F). No que tange à primeira, é abordada uma situação em que “uma criança acaba de perder seu melhor amigo”; já a outra história, refere-se a uma situação em que “uma criança vai ao parque favorito para brincar”. Para cada uma das duas vinhetas, a pesquisadora fez as seguintes perguntas: 1) "Como o [personagem da estória] se sente?"; 2)

"Como você se sente sobre isso?"; Por que você acha que o [personagem da estória] se sentiu assim?; 4) Por que você se sentiu assim?. Destaca-se que foi feita compatibilização do sexo dos personagens de cada história com o da criança respondente, assim como decidiu-se pela alternância na apresentação das histórias de tristeza e alegria.

Com relação à tarefa de altruísmo, foram apresentados dois dilemas sociais e usadas tarefas referentes a situações de *repartir* (Anexo G) e *abdicar* (Anexo H). As sequências destes dilemas foram alternadas, ou seja, em uma aplicação com uma criança, primeiramente foi apresentada o dilema *repartir* e depois o dilema *abdicar*. Na aplicação seguinte, com a próxima criança, foi apresentado o dilema *abdicar* e, posteriormente, o dilema *repartir*. Tal como realizado com a tarefa de empatia, foi compatibilizado o sexo dos personagens da história com o sexo da criança, e assim se mudou o nome do personagem de modo que este (versão masculina e feminina) estivesse compatível com o sexo da criança respondente.

Para cada uma das duas histórias, a pesquisadora realizou as seguintes questões: 1) O que você acha que o _____ [potencial doador] vai fazer: Isto [alternativa altruísta] ou aquilo [alternativa egoísta], e por quê?; 2) O que você acha que o _____ [potencial doador] vai se sentir mais feliz fazendo: _____ [alternativa altruísta] ou _____ [alternativa egoísta], e por quê?; 3) Em qual opção você acha que _____ [potencial doador] se daria melhor?: _____ [alternativa altruísta] ou _____ [alternativa egoísta] e por quê?

Após responder as perguntas, foi oferecida à criança seis docinhos como recompensa para sua participação no estudo. Posteriormente, foi dito que se ela quisesse, poderia depositar em uma caixa disposta no ambiente em que se encontravam ela e a pesquisadora, alguma quantidade dos doces dos que recebeu, e que esses docinhos que ela poderia colocar na caixa seriam oferecidos para crianças que não puderam participar do estudo. Foi dito também que ninguém saberia quantos doces ela iria dar, pois a caixa em que estavam sendo depositados os doces só seria aberta no final do estudo, depois que todas as crianças tivessem participado. Então, a pesquisadora deixava a criança sozinha na sala, de modo que ela pudesse agir como quisesse (depositando ou não alguma quantidade de doces na caixa). Quando a criança saía da sala, a pesquisadora verificava a quantidade de doces deixada pela criança na caixa. Ao final das tarefas foi solicitado que a criança respondesse à Escala de Desejabilidade Infantil (Anexo D).

Ao mesmo tempo em que as crianças realizavam as tarefas, foi entregue às mães e solicitado que respondessem os instrumentos de empatia (Anexo A), altruísmo (Anexo B) e desejabilidade social (Anexo C), assim como um questionário sociodemográfico (Anexo I),

todos autoaplicáveis. Vale dizer que a pesquisadora esteve sempre disponível para dirimir possíveis dúvidas. A aplicação para cada dupla (mãe/criança) demandou um tempo médio de 30 a 40 minutos.

5.4.2 Análise de dados

A análise dos dados foi realizada utilizando-se o pacote estatístico *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*, versão 22.0, englobando análises descritivas (análise de frequência, medidas de tendência central e dispersão), bem como análises inferenciais de correlação de *Spearman* e teste de diferença entre grupos (U de Mann-Whitney).

As análises realizadas, com o propósito de testar as hipóteses formuladas, foram as seguintes:

1. Hipótese 1 (os níveis de altruísmo e de empatia das mães estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre os escores gerais de altruísmo e empatia das mães;
2. Hipótese 2 (o índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre a medida de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação de um potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos;
3. Hipótese 3 (os níveis de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre os níveis de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos;
4. Hipótese 4 (os níveis de comportamento de doação e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre o nível de comportamento de doação e o escore geral de empatia dos filhos;
5. Hipótese 5 (os níveis de altruísmo e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre o nível de altruísmo e o escore geral de empatia dos filhos;
6. Hipótese 6 (os níveis de empatia das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre o escore geral de empatia das mães e dos filhos;

7. Hipótese 7 (os níveis de altruísmo das mães e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre o escore geral de altruísmo das mães e o nível de comportamento de doação dos filhos;
8. Hipótese 8 (os níveis de altruísmo das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) - realizou-se uma correlação de *Spearman* entre o escore geral de altruísmo das mães e o nível de altruísmo dos filhos;
9. Hipótese 9 (meninas apresentam maiores níveis de empatia do que meninos) – realizou-se um teste U de Mann-Whitney entre o escore geral de empatia de meninas e meninos;
10. Hipótese 10 (meninas apresentam maiores níveis de altruísmo do que meninos) – realizou-se testes U de Mann-Whitney entre o nível de altruísmo de meninas e meninos e entre o nível de comportamento de doação de meninas e meninos.

5.4.3 Procedimentos Éticos

Esse estudo foi submetido à Plataforma Brasil e obteve a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa (CAAE 04899818.0.0000.5282). A partir de então, foi dado andamento à obtenção da amostra e à coleta de dados. Desde o primeiro contato com os participantes, foi informado aos mesmos acerca da natureza da pesquisa, dos procedimentos e das atividades que seriam realizadas. Após a explanação sobre os objetivos do estudo foi entregue o TCLE (Apêndice A), de modo que foi requerida a assinatura das pessoas que aceitaram participar do estudo, ou seja, tanto mães quanto filhos (ainda que não tenha o valor formal da assinatura da mãe). Uma cópia deste documento foi entregue a cada uma das famílias. Por fim, é condição *sine qua non* pontuar que foram asseguradas todas as recomendações éticas relacionadas às pesquisas com seres humanos, conforme está disposto na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, de modo que prezou-se por garantir o caráter anônimo e voluntário da participação no estudo.

6. RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados encontrados no estudo empírico que compõe essa tese. No intuito de garantir uma apresentação dos achados de forma mais sucinta e objetiva decidiu-se estruturá-los a partir de duas seções, a saber: a) *Testes correlacionais*, correspondendo a um tipo de análise psicométrica inferencial direcionada a examinar a relação entre variáveis; b) *Testes de diferenças entre grupos*, referindo-se a uma análise inferencial voltada para aferir a diferença entre dois grupos.

6.1 Testes correlacionais

A partir da correlação de *Spearman*, foram testadas as hipóteses de I à VIII. Assim, quanto à hipótese I (o nível de altruísmo e de empatia das mães estão positiva e significativamente relacionados entre si), não foi corroborada, uma vez que o índice de correlação encontrado não foi significativo ($\rho = 0,09$; $p > 0,05$). A hipótese II (o índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) também não foi corroborada ($\rho = 0,08$; $p > 0,05$). Já a hipótese III, foi corroborada, visto que encontrou-se correlação positiva e significativa entre o nível de altruísmo e o comportamento de doação dos filhos ($\rho = 0,38$; $p < 0,05$).

A hipótese IV (o nível de comportamento de doação e a empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si) não foi corroborada, já que seu índice de correlação não foi significativo ($\rho = -0,03$; $p > 0,05$). O mesmo aconteceu com a hipótese V (o nível de altruísmo e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si; $\rho = 0,09$; $p > 0,05$), VI (o nível de empatia das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si; $\rho = -0,17$; $p > 0,05$), VII (o nível de altruísmo das mães e o nível de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si; $\rho = 0,05$; $p > 0,05$) e VIII (o nível de altruísmo das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si; $\rho = 0,00$; $p > 0,05$). Estes achados encontram-se representados na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Correlação entre empatia e altruísmo em mães e filhos.

	1	2	3	4	5	6
1	1,00					
2	0,09	1,00				
3	-0,17	-0,03	1,00			
4	0,12	-0,33	0,04	1,00		
5	0,08	0,00	0,09	0,20	1,00	
6	-0,01	0,05	-0,03	0,08	0,38*	1,00

Nota. 1 = Nível de empatia das mães; 2 = nível de altruísmo das mães; 3 = nível de empatia dos filhos; 4 = o índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador; 5 = nível de altruísmo dos filhos; 6 = nível de comportamento de doação dos filhos; * $p < 0,05$

6.2 Testes de diferença entre grupos

De forma a verificar as hipóteses IX (meninas apresentam maiores níveis de empatia do que meninos) e X (meninas possuem maiores níveis de altruísmo do que meninos), empregou-se o teste U de Mann-Whitney. Os achados indicaram que não houve diferença estatisticamente significativa entre meninas ($M = 19,80$) e meninos ($M = 21,20$) no que se refere ao nível de empatia ($U = 186,00$; $p < 0,05$). O mesmo pode-se verificar em relação ao nível de altruísmo ($U = 191,00$; $p < 0,05$) de meninas ($M = 20,95$) e meninos ($M = 20,05$), de modo que ambas as hipóteses não foram corroboradas.

7. DISCUSSÃO

Ao longo desta tese tem-se discutido as contribuições que estudos sobre a empatia e o altruísmo podem trazer. Quanto ao primeiro fenômeno mencionado, verificou-se, por exemplo, que este apresenta estreita relação com elevados níveis de saúde e bem-estar subjetivo (Rosen et al., 2017) e redução de problemas interpessoais (Lissa et al., 2016). Já o altruísmo tem se mostrado vinculado com satisfação com a vida (Lu, Jiang, Zhao, & Fang, 2020), bem-estar social (Rodriguez et al., 2013), além de estar imbricado com diferentes modalidades de ações pró-sociais, tal como a cooperação (Simpson & Willer, 2015), ou mesmo o comportamento de ajuda (Gouveia, Santos et al., 2014).

Na literatura também é relatado que a empatia pode atuar como um importante mecanismo motivador do altruísmo quando o observador identifica que outro indivíduo está sofrendo física ou psicologicamente, ou mesmo encontra-se em uma situação que demanda auxílio de terceiros (De Waal, 2008). Frente a isto, foi abordada a *hipótese empatia-altruísmo* que alega que estados emocionais empáticos despertam o altruísmo (Batson et al., 2015).

Certamente, os motivadores de ações realizadas em situações de improvável recompensa ou mesmo frente a indivíduos sem laços consanguíneos têm chamado atenção da comunidade científica (Roberts, 2016). Assim, pesquisadores de diferentes áreas (e.g. psicologia e economia) têm especulado se indivíduos que experimentam os sentimentos de outrem (digo, sentem empatia) estão mais predispostos a auxiliar outras pessoas, ainda que isto seja oneroso para o benfeitor (Batson et al., 2015; McAuliffe et al., 2018). Com efeito, tais estudos trazem relevantes contribuições, especialmente quando se trata do desenvolvimento de potenciais medidas interventivas direcionadas para a promoção de ambos os fenômenos psicológicos, ou seja, da empatia e do altruísmo.

Apesar de que empreendimentos científicos desta natureza possam ser verificados em cenário internacional, a produção científica nacional ainda é inexpressiva, de modo a demandar mais pesquisas na área. Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo principal verificar a relação entre empatia e altruísmo em mães e em filhos, para crianças no final da infância. Assim, no intuito de se averiguar este objetivo formularam-se dez hipóteses, que foram testadas, e os resultados encontrados serão discutidos a seguir.

No tocante à primeira hipótese (*os níveis de altruísmo e de empatia das mães estão positiva e significativamente relacionados entre si*), a mesma não foi corroborada. Concretamente, ainda não se tem um consenso na literatura sobre as vinculações estabelecidas

entre a empatia e o potencial para auxiliar outras pessoas (i.e. altruísmo) uma vez que há tanto estudos que apontam para existência de uma associação entre os dois, seja ela positiva (Batson et al., 2015), ou mesmo negativa (Staub & Sherk, 1970), como pesquisas que indicam a ausência de relação entre estas variáveis (Levine & Hoffman 1975). A partir dos achados, pode-se inferir que embora a empatia seja considerada como condição fundamental para o altruísmo, ela pode não ser determinante do mesmo. Isto é, ainda que a empatia possa favorecer a expressão altruísta (McAuliffe et al., 2018), por vezes, não desperta altruísmo no benfeitor (Eisenberg-Berg & Lennon 1980), não sendo possível, então, verificar relação estatisticamente significativa entre ambas as variáveis. Neste sentido, os achados vão na mesma direção do que foi relatado pelo estudo desenvolvido por Eisenberg-Berg e Lennon (1980), em que também não se encontrou associação entre ambos os fenômenos.

Com efeito, a literatura vem apontar que o altruísmo se apresenta sobressalente, especialmente, em situações que demandam comportamentos heróicos (Preston, 2013). De certo, a medida utilizada para mensurar o altruísmo em mães (ver em Anexo B) não conta com itens referentes a atos heróicos, de forma que pode-se questionar se a mesma teria o grau de sensibilidade necessária para aferir o altruísmo nas progenitoras em uma situação hipotética (ou seja, não realista). Assim, ainda que medidas de autorrelato venham sendo largamente utilizadas em pesquisas, particularmente devido às vantagens de serem decorrentes de procedimentos de coleta de baixo custo e de instrumentos autoaplicáveis (Coutinho, 2014), esta forma de mensuração conta com menor validade ecológica se comparada a um estudo que se utilize de procedimentos metodológicos naturalistas, já que não avalia um fenômeno em seu ambiente natural. Diante deste cenário, se conjectura se as progenitoras teriam maior predisposição a apresentarem altruísmo diante de uma situação onde pudessem reconhecer a real necessidade/angústia de outra pessoa.

Um questionamento de caráter metodológico semelhante pode ser feito em relação à aferição da empatia. Há de se dizer que o entendimento interpessoal demanda ativação das representações neurais do indivíduo em relação ao objeto/pessoa alvo (Preston & De Waal, 2002b). Assim, destaca-se o fato de que o instrumento utilizado para mensurar a empatia (Anexo A) apresenta itens que questionam acerca de situações e pessoas hipotéticas, e conseqüentemente, desconhecidas, e isto pode ter afetado, em alguma medida, a implicação emocional (empatia), e seu desdobramento (ou seja, os níveis de altruísmo) nas participantes.

No que se refere à hipótese 2 (*o índice de altruísmo em termos de antecipação feita pela criança da ação do potencial doador e o nível de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), esta também não foi corroborada.

No intuito de tentar entender os achados, serão levantadas, a seguir, algumas considerações que podem ter exercido influência sobre esses resultados.

É sabido que crianças passam a apresentar um crescente entendimento a respeito de seus comportamentos e dos resultados posteriores destes (Hurlbut, 2002). Assim, com o passar dos anos, as mesmas adquirem potenciais cognitivos que as capacitam a entender os objetivos de outras pessoas (Warneken & Tomasello, 2007). Isto faz com que as crianças se envolvam em comportamentos pró-sociais em algumas situações, mas não em outras.

Faria sentido pensar, então, que nem sempre a criança se envolve em comportamentos direcionados para ajudar outras pessoas, conforme pôde ser verificado em Warneken e Tomasello (2007). Ao que parece, apesar de muitas pessoas pressuporem que se engajariam em comportamentos para auxiliar outrem, caso percebessem alguma necessidade, o que tem sido relatado na literatura é que nem sempre é possível verificar relação entre esta antecipação e o comportamento pró-social na vida real (Sablosky, 2014). Neste sentido, cabe retomar o estudo de Preston (2013) que vem elencar alguns fatores que devem ser levados em consideração para se compreender o comportamento altruísta, a saber: I) *competência motora ou expertise*, e; II) *inclusão da abordagem de evitação do oponente*.

No que diz respeito ao primeiro, o referido autor vem relatar que a resposta altruísta depende não somente de um estímulo propulsor, mas também de uma resposta motora específica e condizente. Assim, situações complexas, em geral, demandam mais experiência e tomada de decisão. Há de se chamar atenção para o fato de que as tarefas utilizadas para mensurar o altruísmo com as crianças (Anexos G e H) demandam certo grau de abstração, dado que requerem que as mesmas pensem como o personagem responderia, partindo, então, de uma situação hipotética. Pode-se pressupor que a necessidade de elaborar inferências poderia ter introduzido certo grau de complexidade à tarefa que, por sua vez, implicaria em um nível de dificuldade adicional para que houvesse melhor entendimento da situação e a adesão a um comportamento altruísta por parte da criança.

Somado ao exposto, há de se ponderar que o altruísmo visto em termos de ganhos, ou seja, dos benefícios que trará a outrem, ao invés de custos (que terá para quem realizar uma ação altruísta), é uma importante conquista que se espera que seja desenvolvida pela criança com o passar do tempo, uma vez que parece demandar certo potencial de capacidade cognitiva e de teoria da mente. Isto se dá, pois requer que o mesmo seja concebido pelo benfeitor como sendo mais que um ato de ajuda, mas também apresentando um teor simbólico de bondade, generosidade e, talvez, até mesmo, de justiça (Lourenço, 1993).

Com efeito, a literatura tem indicado que quando se conversa com as crianças a respeito dos ganhos psicológicos e morais do altruísmo, a partir de dilemas sociocognitivos, as mesmas passam a desempenhar mais ações altruístas (Lourenço, 2004). Especificamente, este autor verificou em seu estudo que quando crianças mais novas observam pessoas mais velhas optarem por escolhas altruístas, ao invés de egoístas, diante de dilemas sociocognitivos, passam a exibir mais atos altruístas. Assim, espera-se que com o decorrer da idade as pessoas se tornem cada vez mais pró-sociais (Warneken & Tomasello, 2009). Entretanto, também é sabido que isto perpassa diferentes fatores, incluindo os processos de socialização e aquisição de valores morais e autorregulação das emoções (Grusec, Chaparro, Johnston, & Sherman, 2014), de modo que estes e outros aspectos irão influenciar o potencial de reconhecimento e a implicação emocional/comportamental diante do sofrimento de outro indivíduo.

No tocante ao segundo fator (inclusão da abordagem de evitação do oponente), este diz respeito a um mecanismo que faz com que o indivíduo responda de forma evasiva (ou seja, não responda altruisticamente) diante de estímulos novos ou desconhecidos, enquanto favorece a resposta altruísta diante de estímulos/situações/pessoas familiares (Preston, 2013). Corroborando esta perspectiva, Aureli e Schaffner (2002) vêm relatar que quanto mais inter-relacionadas estão as pessoas, maior a representação mental sobre a situação/sentimento do sujeito observado, aumentando assim a possibilidade de respostas apropriadas. Portanto, pode-se pensar que o fato das tarefas de altruísmo (Anexos G e H) remeterem a pessoas e contextos desconhecidos (no caso em questão, crianças e cenários fictícios) poderia ter afetado o nível de comportamento de doação das crianças respondentes.

Quanto à hipótese 3 (*os níveis de altruísmo e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), esta foi corroborada. Este resultado está em consonância com o que foi verificado no estudo de Lourenço (1991) no qual o nível de altruísmo se mostrou positivamente relacionado com a expressão de comportamentos altruístas em uma situação de doação anônima. Em verdade, os resultados encontrados foram bastante similares, já que no estudo dessa tese o nível de correlação obtido foi de 0,38, enquanto que no estudo de Lourenço (1991) foi de 0,36.

Vale lembrar que o altruísmo é algo que se desenvolve e que levar em consideração a fase ontogenética em que o indivíduo se encontra é primordial para a compreensão de como esse fenômeno se apresenta (Moura & Mendes, 2020b). Neste sentido, Cialdini, Baumann e Kenrick (1981) defendem que nas fases iniciais do desenvolvimento do altruísmo (*pré-socialização e consciência das normas*), observa-se a influência, mas não determinação, das

regras sociais sob a expressão deste fenômeno. Contudo, sua manifestação ainda se apresenta de forma esporádica.

Somado ao exposto, Lourenço (1991) vem defender que esse processo de mudança na manifestação do altruísmo ao longo do desenvolvimento é impactado pela forma como o indivíduo percebe este fenômeno. Assim sendo, ao longo das etapas iniciais do ciclo vital, as pessoas vão deixando de conceber o altruísmo em termos de custo e passando a entendê-lo em termos de ganho. Parece fazer sentido pensar, então, que a aquisição do potencial da criança de conceber o altruísmo em termos de ganho (psicológico ou moral) tem se mostrado vinculado com o desenvolvimento de comportamentos altruístas (Lourenço, 1993; 2004).

Lourenço (1990; 1991) vem dizer que, com o desenvolvimento, as crianças vão adquirindo gradativamente a habilidade de entender a necessidade alheia. Dessa forma, a ontogênese propicia às crianças a capacidade de compreender/focar mais o ganho inerente à ação altruísta, do que o custo decorrente da mesma, e isto frequentemente mostra-se associado ao aumento de manifestações comportamentais altruístas.

Não se pode deixar de mencionar que esta modalidade de ação pode ser encontrada em variadas espécies de animais, a exemplo de insetos (Fehr & Fischbacher, 2003), aves (Gilbert, 2018) e mamíferos (Marsh, 2015) e no que diz respeito mais especificamente ao *Homo sapiens*, o altruísmo apresenta indiscutíveis implicações sociais, a exemplo da aceitação pelos pares e êxito nas relações interpessoais (Kuk et al., 2015).

Aparentemente, o ato de ajudar ao próximo também tem repercussão sobre o bem-estar dos envolvidos (Samuel & Pandey, 2018; Ummet et al., 2017). Efetivamente, a aproximação e o fornecimento de auxílio parecem beneficiar tanto o benfeitor, como o beneficiado, uma vez que reduz a resposta do sistema nervoso simpático, aumentando a possibilidade de prestação de auxílio em oportunidades futuras (Preston, 2013). Concordando com esta perspectiva, Taylor et al. (2000) vêm salientar que o consolo de indivíduos em necessidade provoca sensações fisiológicas recompensadoras, acalmando o benfeitor e diminuindo seu estresse. Em suma, é possível pensar que crianças que estão começando a entender os benefícios de agir altruisticamente apresentam esta modalidade de ação mais frequentemente (Lourenço, 1991), e isto traria não somente satisfação pessoal (Lu et al., 2020), como também um reforço da ação em termos fisiológicos (Taylor et al., 2000).

No que se refere à hipótese 4 (*os níveis de comportamento de doação e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), esta não foi corroborada. Tal como vem sendo discutido no decorrer desta tese, o altruísmo concerne em uma ação direcionada para beneficiar outro indivíduo, a certo custo para o benfeitor (Preston, 2013).

Adicionalmente, sabe-se que a empatia é um importante mecanismo no sentido de que a mesma pode levar o indivíduo a se portar de maneira altruísta (Batson, Lishner, & Stocks 2015). Entretanto, é primordial dizer que o potencial de se colocar no lugar do outro nem sempre vem acompanhado de comportamentos pró-sociais, tal como o altruísmo (Blasi, 1980; Eisenberg-Berg & Lennon, 1980).

Em verdade, a empatia tem se mostrado associada ao potencial de reconhecer emoções de forma acurada (Haas, Anderson, & Filkowski, 2015). Esta competência pode ser estudada, por exemplo, a partir da percepção/detecção dos estados emocionais de terceiros, a qual pode se dar através da observação de expressões faciais, postura corporal, ou mesmo da tonalidade vocal da pessoa que está sendo observada (Uleman & Kressel, 2014).

Vale observar que a habilidade de identificar emoções, embora bastante complexa, sofre influência do automatismo mental, tal como o fenômeno de *priming*¹, o qual favorece a expressão de comportamentos altruístas mais frequente e rapidamente (Paludo, Gonçalves, Caron, & Tonelli, 2018). Logo, estes autores vêm apontar que o automatismo mental atuaria no processamento de informações previamente adquiridas, influenciando a tomada de decisão e, assim, o engajamento (ou não) em determinado comportamento. Ao que parece, a quantidade e a qualidade das experiências prévias da criança atuariam como significativos fatores preditivos de ações altruístas. Frente ao exposto, ressalta-se a importância das vivências emocionais da criança, uma vez que tais experiências, ao que tudo indica, serviriam como um modelo, de modo a propiciar que a mesma desenvolva/aprimore o potencial de identificar e se implicar com as emoções de outros indivíduos.

Apesar de se ressaltar a relevância das vivências emocionais e de suas influências para as habilidades socioemocionais desenvolvidas pelas crianças, é imprescindível pontuar que tais potenciais não são adquiridos de forma automática e/ou mecanicista. Em verdade, essas capacidades, particularmente quanto à empatia e ao altruísmo, se desenvolvem ao longo da ontogênese a partir da influência de múltiplos fatores, a exemplo da predisposição genética (Batson, 2017; Jouventin, Christen, & Dobson, 2016) e filogenética (De Waal, 2018; Warneken, 2010), processos de socialização (e.g. parentalidade; Batson, 2012; Eisenberg & Valiente, 2002; Grusec, Chaparro, Johnston, & Sherman, 2014), bem como são forjadas de acordo com o ambiente sociocultural no qual o indivíduo está inserido (Kurzban et al., 2015). Dito isto, não se pode afirmar que as habilidades socioemocionais apresentadas por uma pessoa são apenas reflexo de suas experiências emocionais.

¹ *Priming*: forma de memória implícita na qual a exposição prévia a um estímulo influencia a resposta a outro estímulo.

Ainda no que se refere aos aspectos atinentes à socialização, Motta, Falcone, Clark e Manhães (2006) vêm argumentar que as práticas parentais assumem considerável papel sobre as tendências empáticas apresentadas pelos filhos, sendo a disciplina indutiva a forma pedagógica mais mencionada na literatura. Esta forma de educar faz com que a criança pense de que maneira seus atos atingem outras pessoas, de modo que sua utilização propicia o entendimento e a empatização, o que incitaria a realização de ações pró-sociais. Para além, a literatura tem indicado que a responsividade, a afetividade e a sensibilidade dos educadores também seriam relevantes aspectos que interferem no desenvolvimento da empatia em crianças (Barnett, 1987; 1992).

Ademais, ao se ter em conta que o altruísmo é um fenômeno psicológico que faz com que os indivíduos se engajem em ações para ajudar terceiros, após constatada a angústia ou necessidade do outro (Preston, 2013), pode ser que as tarefas de altruísmo (Anexo G e H) e/ou as tarefas de empatia (Anexo E e F) não tenham apresentado o nível de sensibilidade necessário para sensibilizar as crianças participantes. Concretamente, sabe-se que instrumentos utilizados para idades mais avançadas, a exemplo da adolescência ou da vida adulta, apresentam maior sensibilidade da medida (Christov-Moore et al., 2014). Na mesma linha dessa perspectiva, Eisenberg-Berg e Lennon (1980) vêm relatar que métodos anedóticos² ou mesmo pesquisas naturalistas têm se mostrado mais efetivos para serem utilizados com o público infantil.

Alternativamente, as tarefas de empatia podem ter ocasionado angústia pessoal nas crianças ao invés de empatia. No que concerne a esta consideração, a literatura tem apontado que pessoas que estão focadas na própria dor não se sentem encorajadas a despender esforços para ajudar outro indivíduo que precise de ajuda (De Waal, 2008). Isso se dá, pois a angústia pessoal faz com que o sujeito se volte para os seus próprios sentimentos em detrimento do outro (Eisenberg et al., 1993).

Quanto à hipótese 5 (*os níveis de altruísmo e de empatia dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), esta não foi corroborada. No que concerne a isto, Eisenberg-Berg e Lennon (1980) vêm relatar que tais achados podem se dever à inexistência desta relação especialmente nos anos iniciais de vida, ou seja, na infância.

Neste sentido, apesar de haver várias pesquisas que apontam para a possível relação entre ambas as variáveis (De Waal, 2008; McAuliffe et al., 2018), de fato os estudos sobre

² Métodos anedóticos: forma de mensuração onde para haver a avaliação de um determinado construto, primeiramente, é realizado um debate sobre o tema em questão no intuito de fazer o sujeito refletir sobre a temática.

esta relação têm sido tratados há não muito tempo pela Psicologia (Hoffman, 1970), o que demonstra haver ainda uma certa incipiência nessa área do saber. É possível se observar na literatura uma discrepância quanto aos achados referentes a esta possível relação. A respeito disto, Eisenberg-Berg e Lennon (1980) e Donaldson e Westerman (1986) indicam que isto pode se dever à diversidade de métodos empregados para investigar ambos os construtos.

Questiona-se se a ausência de uma relação significativa entre os níveis de altruísmo e empatia dos filhos pode ter se devido, por exemplo, a uma variável mediadora, a exemplo dos níveis de cooperação (Phillips, 2015; Simpson & Willer, 2015), ou de simpatia (Slote, 2015) apresentados pelas crianças. Contudo, para verificar esta hipótese são necessários estudos futuros complementares.

Somado ao exposto, Flavell (1974) vem apontar que mesmo que as crianças possam ter desenvolvido potenciais inferenciais sobre o estado emocional alheio, ocasionalmente, as mesmas ainda não conseguem identificar quais situações demandam um comportamento direcionado ao auxílio do outro. Indo ao encontro dessa perspectiva, Levine e Hoffman (1975) relatam que quando uma criança é exposta ao estado emocional de outra, por vezes, isto não é suficiente para despertar seus potenciais empáticos ou mesmo seus comportamentos cooperativos/altruístas. Tal concepção é corroborada também por Newton, Goodman e Thompson (2014). Diante destes achados, estes autores salientam a importância da manipulação da excitação empática, para melhor entender a relação entre empatia e ações pró-sociais de crianças.

Em consonância com o exposto previamente, Preston e De Waal (2002b) vêm abordar que o entendimento interpessoal demanda ativação das representações neurais do indivíduo em relação ao objeto/pessoa alvo. Desta forma, destaca-se a relevância dos ensinamentos e da exposição a contextos que demandem empatia para as crianças, para que, aos poucos, este potencial possa ser aprimorado, a partir de suas vivências, e assim, possa se reverberar em comportamentos pró-sociais.

Quanto à hipótese 6 (*os níveis de empatia das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), a mesma não foi corroborada. Embora haja evidências que indiquem que a empatia possa ter evoluído a partir da necessidade do cuidado parental (Preston, 2013), ainda não há um consenso na literatura sobre isto, já que a intervenção/auxílio dos pais aos filhos não é necessariamente desencadeada pela necessidade da prole, mas impulsionada por estímulos externos de ameaça que acabam por ativar comportamentos defensivos nos progenitores (Rosenblatt, 2003). Desta maneira, apesar dos pais servirem de modelo para a prole e serem agentes privilegiados em seu processo de

socilização (Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011), nem sempre haverá uma compatibilização entre a expressão do potencial empático verificado entre pais e filhos.

Ainda no que diz respeito a este aspecto, a literatura tem destacado a atuação de neurônios espelhos. Estes neurônios são ativados tanto quando um animal realiza um determinado ato, como quando observa outro animal (normalmente da mesma espécie) realizando a mesma ação, o que inclui a observação de comportamentos e emoções condizentes com as situações/ações observadas que promovem a reprodução do que está sendo visto (Rizzolatti & Fabbri-Destro, 2008). Desta forma, o neurônio “interpreta” o comportamento de outro animal como se estivesse ele próprio realizando essa ação. Assim sendo, pode-se pensar que os filhos ao presenciarem os pais apresentando comportamentos associados ao altruísmo e à empatia, estariam sujeitos a terem uma “reprodução” no cérebro dessas ações, o que poderia favorecer a aquisição de práticas desse tipo. De acordo com Christov-Moore et al. (2014), a repetição dessas respostas emocionais e comportamentais expressas diante do sofrimento do outro pode ser verificada não somente em primatas, mas também em outras espécies, de modo que os filhotes observam o comportamento dos pais e os replicam.

Ao que parece os pais assumem importante papel no desenvolvimento/aprimoramento de habilidades empáticas dos filhos (Carvalho & Seidl-de-Moura, 2011). Questiona-se, então, se os níveis de empatia apresentados pelas mães diante da prole são compatíveis com a expressão comportamental empática manifestada por elas. Dito em outras palavras, faz-se necessário não somente que as mães apresentem bons níveis de empatia, mas também que expressem a partir de seus comportamentos este fenômeno diante dos filhos para poder influenciá-los/ensiná-los.

Ademais, a literatura tem indicado que o potencial de entender os estados emocionais de outras pessoas está positivamente relacionado com o aprimoramento progressivo da cognição social (Rochat & Striano 2010; Saxe, 2006) e a idade (León- Rodríguez & Sierra-Mejía, 2008; Tsujimoto, 2008). Ao que parece, isto se deve ao fato de o potencial cognitivo afetar o significado atribuído aos sentimentos expressos por outrem (Sampaio et al., 2013). Tomando em conta esta perspectiva, faz sentido pensar que as crianças são menos habilidosas do que adolescentes ou adultos na identificação do estado emocional de outras pessoas (Fleshbach, 1997), o que poderia justificar, em certa medida, a ausência de relação significativa entre as variáveis examinadas.

Concretamente, sabe-se que a empatia pode-se ser verificada em diferentes faixas etárias (Bussab, Pedrosa, & Carvalho, 2007). Não obstante, o nível de empatia verificados no

decorrer da vida sofre significativa influência dos precursores do desenvolvimento presentes na primeira infância em primatas-humanos e não-humanos (e.g. contágio emocional, memetismo³ e interesse social; Alexander & Wilcox, 2012; McClure, 2000). Frente a isto, faz sentido pensar que os estímulos apresentados aos indivíduos durante a infância, bem como o contexto em que estão inseridos, assumem papel decisivo na expressão da empatia. Logo, estima-se que investigar a influência destes indicadores, em estudos futuros, poderia fornecer insumos para compreender de que maneira cada um deles age na promoção/inibição da empatia.

Para mais, tal como apontado por Eisenberg-Berg e Lennon (1980), ao comentarem sobre o *Affective Situations Test* (AST), a tarefa usada para mensurar a empatia na presente tese (Anexos E e F) utiliza uma forma de avaliação (apresentação de histórias curtas) que pode apresentar algumas limitações, a saber: a) pode ser breve demais para evocar o fenômeno mensurado; b) esta forma de mensuração pode não ser a mais efetiva para aferir a empatia em decorrência da complexidade inerente a este fenômeno psicológico; c) o fato da tarefa ter sido aplicada por um adulto desconhecido e em um novo ambiente pode ter provocado excitação (ansiedade), o que afetaria/impediria a expressão empática; d) talvez a medição da empatia seria mais efetiva em crianças, a partir de método não verbais (e.g. método observacional). No que se refere propriamente a este último quesito mencionado, estes mesmos autores relatam que a mensuração da empatia de forma não verbal tem se mostrado mais efetiva do que a sua avaliação verbal. Assim, questiona-se até que ponto o tipo de medida empregada apresentou o nível de sensibilidade necessário para mensurar a empatia em crianças.

Quanto à hipótese 7 (*os níveis de altruísmo das mães e de comportamento de doação dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), a mesma não foi corroborada. Por certo, sabe-se que seres humanos demonstram inúmeras respostas altruístas que eventualmente são acarretadas pelo instinto de cuidado diante da constatação da aflição alheia (Preston, 2013). Entretanto, este mesmo autor vem acrescentar que quanto maior o nível de abstração destas situações que demandam ajuda, menor será a probabilidade de ativação de um comportamento altruísta. Neste sentido, a literatura tem indicado que métodos inferenciais têm se mostrado relacionados com diversos níveis de intensidade e formas de respostas (Lourenço, 1991), influenciando, então, o potencial de predição das variáveis mensuradas. Frente a isto, salienta-se que o altruísmo em crianças foi avaliado a partir de duas

³ Memetismo: uma das possíveis maneiras através da qual uma criança adquire conhecimento sobre as vivências de outras pessoas (McDonald & Messinger, 2011).

situações referentes a repartir (Anexo G) e abdicar (Anexo H), que em si são artificiais e podem não ter apresentado a sensibilidade necessária para mensurar o altruísmo na faixa etária em questão (Christov-Moore et al., 2014).

Argumenta-se, ainda, que a ausência de relação entre os níveis de altruísmo das mães e de comportamento de doação dos filhos pode ter sofrido influência das habilidades cognitivas. É sabido que adultos apresentam processamento cognitivo mais efetivo e atingindo um maior nível de complexidade se comparado ao que pode ser encontrado em crianças. É também relatado na literatura que os recursos cognitivos assumem papel basilar para a expressão altruísta, o que incidiria em sua maior/menor manifestação (Warneken & Tomasello, 2009). Isto implica que o altruísmo pode ir além do reconhecimento da problemática, requerendo ainda a solução de problemas e/ou tomadas de decisões complexas para auxiliar outrem (Stevens & Hauser, 2004). Adicionalmente, verificou-se que seres humanos, por vezes, apresentam reduzido potencial de tomada de decisão de modo que estes podem apresentar limitações em sua habilidade de auxiliar quando se deparam com situações que demandam inibição de recompensas pessoais ou elevados níveis de processamento da teoria da mente (Wameken & Tomasello, 2009b).

Diante do exposto, parece fundamental abordar as formas passivas e ativas de auxílio a terceiros. A primeira remete a comportamentos como apoio e reconforto, ao passo que o cuidado ativo se refere a ações de resgate ou proteção (Preston, 2013). Em verdade, considerar o tipo de resposta altruísta (se passiva ou ativa) pode ser um importante indicador para investigar estas diferenciações quanto ao nível de ativação comportamental, já que cada uma destas modalidades de respostas ativa diferentes áreas cerebrais.

As ações altruístas ativas acionam com maior intensidade a região do córtex pré-frontal, amígdala, região do hipotálamo pré-óptica medial, leito ventral das estrias terminal e estrias ventrais. Por outro lado, a resposta de altruísmo passiva percorre da amígdala ao hipotálamo anterior e à região periaquedutal cinzenta (Preston & Hofelich, 2012). Neste sentido, Preston (2013) vem apontar que a ativação (ou não) destas áreas culmina na inserção ou evasão de comportamentos de auxílio que são derivados do processamento de informações de um alvo em potencial necessidade de ajuda, a depender da experiência e das condições hormonais do observador.

Alternativamente, é válido demarcar que alguns estudos têm defendido que contextos que demandam cuidado/reconforto (resposta passiva) despertam comportamentos altruístas em menor proporção se comparados àqueles que requerem atos heróicos (reposta ativa) (Cordoni, Palagi, & Tarli, 2006; Palagi, Cordoni, & Borgognini, 2006). Neste sentido, pode-

se pensar que os resultados encontrados possam ser atribuídos, em alguma medida, a pouca sensibilidade apresentada no método utilizado com a amostra em questão, já que conforme supramencionado, situações/cenários abstratos - a exemplo daqueles que se utilizam de medidas de autorrelato no caso das mães, ou tarefas no caso das crianças - podem não apresentar sensibilidade suficiente para despertar o altruísmo. Fica aqui o questionamento dos níveis limiares de ativação para haver a expressão de cada uma destas modalidades de respostas altruísta (passiva e ativa), o que poderia ser verificado em empreendimentos científicos futuros.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração na busca pelo entendimento do motivo pelo qual crianças agem de maneira altruísta em menor medida, se comparado a outros estágios de desenvolvimento, deve-se ao fato que, em geral, crianças atribuem maior valor afetivo aos possíveis objetos/recursos envolvidos no ato altruísta (Dovidio, 1984). Concordando com esta perspectiva, Lourenço (2011) vem defender que crianças possuem maior apego ao bem/recurso doado ou compartilhado. Assim, este autor aponta para a importância da relativização realizada pelo adulto quanto ao valor atribuído a algo pela criança, em função do benefício que a ação altruísta pode trazer para a pessoa beneficiada.

Ao que parece, a interpretação do altruísmo enquanto custo/benefício apresenta-se como uma possível variável moderadora entre o raciocínio pró-social e a ação altruísta propriamente dita (Lourenço, 1993), sem, contudo, se reduzir unicamente a isto. Com efeito, tem-se verificado que ao longo do ciclo vital, cada vez mais a pessoa interpreta o altruísmo em termos de ganhos (Lourenço, 1991), de modo que não é de se estranhar que, se comparados a adultos, crianças apresentam reduzida expressão de comportamentos altruístas. Contudo, não se pode dizer que o altruísmo é determinado única e exclusivamente pela noção de custo ou ganho (Lourenço, 1994), de modo que outras variáveis (e.g. tipo de parentalidade; apego) e contextos (e.g. ambiente de convívio familiar) também devem ser tomados em conta.

Com relação à hipótese 8 (*os níveis de altruísmo das mães e dos filhos estão positiva e significativamente relacionados entre si*), a mesma não foi corroborada. Ao longo desta tese, argumentou-se as implicações da expressão de altruísmo das mães sobre a expressão deste fenômeno nos filhos (Ben-Ner et al., 2017). Todavia, é válido demarcar que o comportamento humano é essencialmente complexo (Moura & Mendes, 2020b), bem como nem sempre os seres humanos - tal como os não-humanos - agem conforme esperado. A este respeito, Preston (2013) vem relatar que ainda que o altruísmo tenha suas raízes em bases evolutivas e instintivas, este fenômeno sofre interferência do processamento de informações e da sensibilidade do indivíduo despertada pelo contexto em que o mesmo está inserido. Este autor

vem acrescentar ainda que os mecanismos neuronais se desenvolveram ao longo de milhares de anos para viabilizar respostas rápidas diante de situações, sem que seja necessário o uso intenso de processamento cognitivo, ao passo que também evitam extensas generalizações que podem prejudicar o organismo.

Estudiosos também têm verificado que a necessidade imediata é um fator chave do despertar do cuidado/auxílio. Entretanto, esta condição dificilmente tem sido tomada em conta como variável nas pesquisas acerca do altruísmo (Silk, Paul, Colin, Emst, & Russell, 2009). Estima-se que este aspecto poderia explicar, ainda que parcialmente, a ausência de relação entre o altruísmo da prole e da progenitora. Neste sentido, o método utilizado na presente tese se utiliza de perguntas projetivas em ambas as amostras (ou seja, com mães e filhos), uma vez que é solicitado aos participantes pensarem como eles e/ou os personagens responderiam diante daquela situação, e tal recurso metodológico não se enquadraria em um cenário de “demanda de ajuda imediata”, de modo a ser mais um elemento que possivelmente pode ter afetado na sensibilidade da medida utilizada.

Salienta-se também que o contexto e o método de pesquisa parecem interferir na intensidade de comportamentos pró-sociais, de forma que pesquisas realizadas em ambientes naturais apresentam maiores índices de altruísmo do que as experimentais/artificiais (Horner, Carter, Suchak, & De Waal, 2011). Com isto, argumenta-se que a constatação real de necessidade parece atuar como um *priming* mais efetivo do que escalas e tarefas, já que estes recursos metodológicos seriam baseados em uma suposição/projeção de situações a serem enfrentadas.

Alternativamente, pode-se supor que os níveis de altruísmo estabelecidos entre mães e filhos podem não ter se relacionado, no que se refere à significância estatística, em decorrência de a forma de mensuração utilizada com os indivíduos de ambos os grupos não lhes serem familiares. Assim é que, a escala (Anexo B) e as tarefas (Anexos G e H) utilizadas para mensurar o altruísmo em mães e filhos, respectivamente, colocam os participantes diante de situações que demandam respostas altruístas inusitadas ao se questionar como estes responderiam frente a pessoas desconhecidas, em contextos de necessidade de ajuda hipotética. Conforme mencionado anteriormente, a exposição à situações/estímulos novos e inexplorados pode fazer com que a pessoa adote uma postura evasiva, de forma a não expressar altruísmo (Preston, 2013). Em consonância com o exposto, a literatura tem indicado que a ausência de respostas altruístas pode se dever à dificuldade da pessoa em responder altruisticamente a estranhos diante de elevados níveis de incertezas (e.g. se determinado comportamento ajudaria/resolveria o problema enfrentado por outrem), quando existem

outros espectadores que possivelmente são mais capazes de ajudar, ou ainda quando temem retaliações – em casos de culturas em que o referido comportamento seria mal visto (Dovidio, Piliavin, Schroeder, & Penner, 2006).

Salienta-se ainda que as crianças apresentam maiores índices de egocentrismo se comparadas aos adultos. Não obstante, vale dizer que o egocentrismo é fundamental na infância dado que informações autocentradas são processadas mais rapidamente do que dados que não estão baseados na própria vivência (Bjorklund & Green, 1992). No entanto, é preciso lembrar que, no decorrer da ontogênese, há uma redução dessa visão mais autocentrada da criança, o que, por sua vez, possibilita que ela possa compreender melhor a perspectiva e os estados emocionais de outrem (Eisenberg & Miller, 1987; Lourenço, 1990b). Diante disto, pode-se argumentar que as habilidades sociocognitivas existentes durante a infância e ainda em desenvolvimento, por vezes, podem significar alguns desafios para a criança não somente para identificar a necessidade de ajuda de outra pessoa, mas também para entender a importância do altruísmo para a sociedade como um todo, o que poderia explicar, ao menos em parte, a ausência de relação entre mães e filhos.

Outra variável que tem se mostrado importante para se compreender tanto a empatia, como o altruísmo, é o sexo do indivíduo, particularmente quando se toma em conta a perspectiva evolucionista. Na verdade, esta variável constituiu-se como sendo fundamental para essa abordagem teórica haja vista que ao longo da ontogênese de diferentes espécies, inclusive a do *Homo sapiens*, tem existido pressões adaptativas relativas à necessidade de se obter e garantir a presença de parceiros românticos e seus gametas, o que viabilizaria a variabilidade genética, a qual se configura enquanto uma vantagem evolutiva.

Além disso, há de considerar que ambos os sexos diferem quanto ao nível de investimento direcionado ao desenvolvimento de seus descendentes, a reprodução e ao processo de produção de gametas, conforme pode ser verificado na perspectiva evolucionária, sobretudo na Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972). Logo, não é de hoje que cientistas de diferentes áreas, a exemplo das sociais e biológicas, se interessam pelas possíveis diferenças atribuíveis ao sexo (Bolton & Katok, 1995). Assim, estudiosos têm investigado essa variável como um relevante aspecto a ser estudado para se entender comportamentos (Hammerslag & Gulley, 2016), atitudes (Weinberger, Zhitomirsky-Geffet, & Bouhnik, 2017), e até mesmo emoções humanas (Connolly, Lefevre, Young, & Lewis, 2019). O mesmo pode-se verificar em relação às pesquisas a respeito da empatia e do altruísmo.

No tocante à empatia, a presente pesquisa teve como um de seus propósitos testar se “meninas apresentam maiores níveis de empatia do que meninos” (Hipótese 9). Porém, os

resultados dessa tese não corroboraram esta hipótese. Em verdade, os achados quanto às diferenças atribuíveis ao sexo em pesquisas sobre empatia não são conclusivos, uma vez que há investigações que indicam a preponderância do sexo feminino sobre o masculino (Zajdel et al., 2012), a prevalência do sexo masculino sobre o feminino (Laible & Thompson, 1998) ou mesmo a ausência de diferença entre os sexos (Laible & Thompson, 1998). Especificamente, quanto à falta de variação entre os sexos, pode-se dizer que essa inexistência de diferença tem sido verificada antes mesmo da década de 1970. Por exemplo, Maccoby e Jacklin (1974), ao realizarem o primeiro estudo de revisão sistemática da literatura sobre a variância entre os sexos referente tanto à resposta empática, quanto à sensibilidade social, verificaram a ausência dessa diversidade.

Ademais, ainda que algumas pesquisas tenham analisado a diferença entre os sexos no tocante à empatia, poucas investigaram este fenômeno tomando-o como a variável primária de interesse, de modo que se pode verificar discussões teóricas incipientes e/ou pouco aprofundadas sobre as possíveis motivações da (ausência) relação entre o sexo e empatia, ou mesmo a falta de discussão dos achados referentes ao sexo, como pode ser verificado em Donaldson e Westerman (1986) ou em Koller, Camino e Ribeiro (2001). Neste sentido, a presente tese procurou cobrir esta lacuna, presente na literatura nacional e internacional, trazendo estudos que trataram desse aspecto.

Segundo Christov-Moore et al. (2014), homens e mulheres não necessariamente apresentam níveis de empatia diversos, de modo que o que poderia diferir seriam, de fato, os níveis de empatia direcionados para diferentes parceiros sociais. Assim, estes autores vêm indicar que indivíduos do sexo masculino apresentariam mais empatia diante de mulheres do que diante de homens; já mulheres, supostamente não diferiam em seus níveis de empatia diante de indivíduos do sexo masculino ou feminino. Adicionalmente a tais evidências, pode-se verificar, em um estudo desenvolvido por Eckel e Grossman (1998), que pessoas do sexo feminino dobraram sua oferta em relação a indivíduos do sexo masculino quando o sexo do receptor era desconhecido, se comparado a quando o sexo foi identificado.

Outro fator a ser levado em consideração refere-se ao nível de proximidade ou distanciamento entre os indivíduos. De acordo com Singer et al. (2006), este é um aspecto primordial que deve ser considerado uma vez que as relações afetivas estabelecidas com o organismo alvo da empatia impactam a intensidade, a clareza e a qualidade da emoção (negativa ou positiva) esboçada frente ao outro. Neste sentido, pesquisas com outras espécies de animais, por exemplo, têm indicado que em contextos estressantes camundongos fêmeas aumentam em maior medida os vínculos com parceiros sociais, se comparado aos

camundongos machos (Tomova et al., 2014). Frente a isto, pode-se questionar o quanto o grau de distanciamento influenciou os resultados encontrados, visto que as tarefas utilizadas para mensurar empatia (Anexo E e F) faziam menção a personagens desconhecidos. Logo, seria interessante desenvolver, em pesquisas futuras, um estudo voltado para verificar o impacto que o grau de proximidade/distanciamento exerce sobre o nível de empatia do observador.

De modo geral, é considerado que o sexo masculino tem maior potencial de controlar suas expressões emocionais e esse controle se acentua com a idade (Eisenberg, Fabes, Schaller, & Miller, 1989). Isto possibilitaria aos indivíduos do sexo masculino terem mais domínio sobre suas manifestações empáticas, se comparados às pessoas do sexo feminino (Brehm, Powell, & Coke, 1984). Assim, não necessariamente haveria uma diferenciação entre a expressão de empatia atribuível ao sexo, mas aparentemente o potencial de controlar as emoções poderia atuar como uma variável moderadora das expressões empáticas entre ambos os sexos.

Somado ao exposto, outro aspecto que não pode deixar de ser mencionado refere-se aos papéis de gênero. Quanto a isto, Eisenberg e Lennon (1983) defenderam que a variação entre os sexos, no que tange à empatia, é observada especialmente quando são enfatizadas as características da demanda⁴ ou mesmo as obrigações dos papéis de gênero. Ao que parece, isso indicaria que as especulações dos participantes sobre a maneira que eles acreditam ser a resposta que seria melhor avaliada pelo pesquisador, assim como as crenças e os princípios valorativos relativos ao sexo dos respondentes, influenciariam nas respostas dos sujeitos da pesquisa de ambos os sexos.

Ainda no tocante aos papéis de gênero, Christov-Moore et al. (2014) vêm discutir o estereótipo do sexo feminino como sendo mais afável e empático, enquanto que o sexo masculino é considerado como mais racional e menos emotivo. Não obstante, cada vez mais a literatura tem indicado que possivelmente as diferenças observadas possam ser atribuídas tanto às expectativas culturais, quanto aos papéis de gênero (Christov-Moore et al., 2014).

Em suma, a partir do levantamento da literatura pôde-se verificar uma inconsistência nas evidências quanto ao sexo no tocante à empatia. Isto pode ser verificado não só quando se faz uso de medidas de autorrelato, mas também quando o pesquisador lança mão de medidas fisiológicas e/ou observações de expressões faciais, vocais e/ou gestuais (Christov-Moore et al., 2014). Estes mesmos autores trazem à luz ainda que o nível de empatia do indivíduo é

⁴ Características da demanda: indícios que sinalizam para o participante as expectativas existentes em relação à maneira com que irá responder uma determinada pesquisa (Cozby, 2012).

fruto de condições culturais e sociais, que se sobressaem quando se faz uso de medidas explícitas⁵, como foi o caso da presente pesquisa.

Tal como ocorre em relação à empatia, cada vez mais se verifica a necessidade de empreendimentos empíricos voltados para mensurar as diferenças entre ambos os sexos no tocante ao altruísmo. Neste sentido, a hipótese 10 pretendeu justamente verificar se meninas possuem maiores níveis de altruísmo do que meninos. Esta hipótese, entretanto, não foi corroborada.

Em vista disso, é importante destacar que não há consenso na literatura sobre se o sexo realmente pode ser tomado como uma variável explicativa do altruísmo (Andreoni & Vesterlund, 2001). Todavia, vale dizer que os achados obtidos nessa tese vão ao encontro do que tem sido relatado por vários estudos nos quais também não foi encontrada relação do altruísmo com o sexo (Abdullahi, & Kumar, 2016; Ben-Ner, Fanmin, & Louis, 2004; Evans & Krueger, 2013). Em consonância com o exposto, há pesquisas que argumentam que em média homens e mulheres são bastante semelhantes em relação ao altruísmo (Abdullahi, & Kumar, 2016; Andreoni & Vesterlund, 2001; Chadha & Misra, 2006).

Nesta perspectiva, pode-se mencionar o estudo desenvolvido por Bolton e Katok (1995), no qual o sexo também não se mostrou uma variável explicativa de comportamentos voltados para beneficiar outras pessoas, a exemplo do altruísmo. De acordo com estes autores, isso poderia ser atribuído à possível diferença na forma de barganhar entre pessoas do sexo masculino e do feminino, mas, não aos índices de generosidade, bondade ou altruísmo. Ou seja, o sexo masculino e feminino poderia ter diferentes formas de raciocínio quando se trata da forma de beneficiar a outra pessoa, mas não diferem propriamente quanto aos seus níveis de generosidade e/ou altruísmo. Esta concepção é compartilhada por Roth e Murnighan (1982).

Outra variável que aparentemente exerce influência em relação ao altruísmo é a relação estabelecida com o destinatário da benfeitoria. Neste sentido, Oda, Shibata, Kiyonari, Takeda e Matsumoto-Oda (2013) verificaram que existe uma preferência por desenvolver ações altruístas para um beneficiado do sexo oposto. De acordo com estes autores, a seleção sexual interferiria nas ações altruístas. Por este prisma, então, se teria suporte aos achados encontrados na presente tese em que não se verificou diferença entre os sexos quanto ao altruísmo. Tomando esse raciocínio, isto poderia ser atribuído à escolha metodológica feita no

⁵ Contrariamente às medidas implícitas, que não dependem da consciência dos participantes uma vez que as respostas são dadas de modo espontâneo e automático, as medidas explícitas demandam a atenção consciente dos respondentes (Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2012).

que concerne à compatibilização do sexo da criança respondente com o do personagem, em ambas as tarefas realizadas para aferir o altruísmo (Anexo G e H).

Ainda no tocante ao vínculo estabelecido com o beneficiado, cabe mencionar que o grau de proximidade/distanciamento existente entre os agentes envolvidos, isto é, entre o benfeitor e o beneficiado, merece atenção. De acordo com o que tem sido verificado na literatura, espera-se que relações mais próximas, a exemplo de amizade e especialmente parentes mais próximos, tenham maior probabilidade de serem alvos de maiores níveis de altruísmo (Long & Krause, 2017; Miller, 1976). Isto se dá, pois normalmente indivíduos costumam despende mais esforços para seus coespecíficos geneticamente mais próximos (ver Eagly & Crowley, 1986). Ao se partir desta premissa, questiona-se se os resultados encontrados podem se dever, ainda que em parte, mais uma vez à escolha metodológica, uma vez que as tarefas de altruísmo utilizadas fazem menção a uma suposta criança desconhecida para o respondente.

Há de se considerar ainda que a diferença entre os sexos pode estar baseada nos diferentes níveis de custos que são demandados do altruísmo (Andreoni & Vesterlund, 2001). Partindo desta perspectiva, estes autores vêm indicar que quando este fenômeno psicológico requer altos custos para o benfeitor, mulheres são mais altruístas que homens; porém, quando os custos do altruísmo diminuem, o sexo masculino começa a ganhar prevalência. Assim, em situação em que os custos não tendem a extremos (altos ou baixos), o sexo masculino e o feminino passam a apresentar índices aproximados de altruísmo. Frente ao exposto, vale refletir que as medidas empregadas para mensurar o altruísmo em crianças (Anexo G e H) não diferem muito quanto ao nível de custos acarretados ao benfeitor, de modo a levantar o questionamento de até que ponto a ausência de relação sofreu interferência deste aspecto.

Finalmente, é preciso trazer à luz que diante de alguns contextos/situações, determinados comportamentos pró-sociais podem ser mais comuns, não devido ao sexo, mas possivelmente em decorrência dos papéis de gênero (Eagly & Crowley, 1986). Isto posto, é provável, até certo ponto, que os resultados das pesquisas que destacam a prevalência do altruísmo no sexo feminino, se comparado ao sexo masculino, tenham sido influenciados pelas percepções sociais e estereótipos dos papéis de gênero, que consideram que as expressões altruístas apresentadas por meninas/mulheres são mais aceitas e socialmente desejáveis se comparadas àquelas manifestadas por meninos/homens (Heyman & Legare, 2004).

Nesse sentido, é esperado que o sexo feminino esteja mais inclinado a ajudar outras pessoas, podendo inclusive priorizar a necessidade das outras pessoas, particularmente

quando se trata de familiares, antes dos seus próprios interesses ou necessidades (Miller, 1976). Quanto aos homens são esperadas formas peculiares de ajudar, especialmente quando se trata de comportamentos heróicos para salvar pessoas que os coloquem em risco iminente de causarem danos a si mesmos (Eagly & Crowley, 1986). Logo, não seria de se estranhar que condutas heróicas masculinas sejam mais esperadas e exaltadas quando praticadas pelo sexo masculino do que pelo sexo feminino.

Em consonância com o exposto, Eisenberg e Fabes (1998) vêm relatar que o sexo e a cultura se configuram como relevantes fatores constituintes do comportamento pró-social e indicaram que mulheres possuem um pouco mais desta modalidade de comportamento se comparadas aos homens. Estes achados vão ao encontro do que foi verificado nos resultados da presente tese, já que mulheres apresentaram níveis de altruísmo um pouco mais elevados do que os homens, apesar de a diferença entre o escore geral de altruísmo de ambos os sexos não ter sido estatisticamente significativa. De toda forma, as diferenças atribuíveis a questões de gênero têm se configurado como uma temática com resultados conflitantes (Eagly & Crowley, 1986), merecendo ser investigadas como foco de interesse, o que não foi parte dos propósitos dessa tese.

Mesmo que as explicações e conjecturas sobre a (in)existência de diferença entre os sexos sejam de considerável relevância para o entendimento de uma diversidade de expressões altruístas e de outras modalidades de comportamentos pró-sociais (e.g. comportamento de ajuda e cooperação), ainda se verifica uma escassa discussão sobre esse aspecto (Andreoni & Vesterlund, 2001). Neste sentido, os achados dessa tese vêm tentar ajudar a suprir tal lacuna na literatura internacional e, sobretudo, nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudiosos sobre emoções não têm consenso acerca da sua origem e desenvolvimento, de modo que diferentes aspectos teóricos, conceituais e metodológicos ainda são objeto de discussão e embates (Mendes, 2017; Mendes & Seidl-de-Moura, 2016). O mesmo se verifica em relação a comportamentos pró-sociais, particularmente os associados a emoções, como a empatia, e às suas variadas expressões. Ao que parece, a ontogênese de diferentes potencialidades humanas, como o altruísmo e a empatia, depende das incontáveis formas e padrões interacionais estabelecidos entre o ambiente e o indivíduo (Seidl-de-Moura & Mendes, 2012), com reflexos diretos da parentalidade. Assim, a compreensão dos motivadores dos comportamentos pró-sociais, em especial os selecionados como objeto de interesse dessa tese, pode colaborar para uma melhor compreensão da natureza humana, suas limitações e suas habilidades. Assim, parece pertinente estudar ambos os fenômenos psicológicos (i.e. empatia e altruísmo). Investigações sobre as expressões emocionais e comportamentais voltadas para a infância são cruciais, pois produzem conhecimento e fornecem orientações para cuidadores e educadores lidarem com crianças.

Neste sentido, a presente tese teve como objetivo principal verificar a relação entre empatia e altruísmo em mães e em filhos, para crianças no final da infância. Concebe-se que o objetivo geral, assim como os específicos, foi alcançado, ainda que majoritariamente as hipóteses formuladas não tenham sido corroboradas. Não obstante, é válido salientar que, tal como defendido por Dancey e Reidy (2018), a ausência de significância estatística nos resultados de testes não implica, necessariamente, ausência de significância prática. Dito em outras palavras, resultados estatisticamente não significativos, não indicam que não tenham sentido/relevância teórica e prática, já que a significância pode sofrer interferência de diferentes fatores, como do número reduzido de participantes (Conceição, 2008). De todo modo, uma hipótese não corroborada é um resultado a ser discutido e pode ser de valia para o avanço dos estudos no tema.

Ainda que pesquisas sobre a empatia e o altruísmo venham ganhando notoriedade no contexto internacional, no Brasil os estudos sobre ambos os fenômenos ainda são incipientes. Neste sentido, a presente tese contribui suprindo, em alguma medida, essa lacuna na literatura, angariando esforços para a compreensão dos mesmos, levando em conta uma perspectiva sociocultural, além da Psicologia Evolucionista, mais particularmente, da Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista.

Não se pode deixar de dizer que essa tese também colaborou com os estudos na área abordando diferenças atribuíveis ao sexo nas manifestações tanto da empatia, quanto do altruísmo. A partir do levantamento da literatura, pôde-se perceber que mesmo que o sexo seja largamente estudado em relação a outros construtos, especialmente em pesquisas que se baseiam na perspectiva evolucionista, o que se encontrou em relação ao altruísmo e à empatia são estudos trazendo discussões ainda incipientes e/ou pouco aprofundadas sobre aspectos atribuíveis a diferenças entre os sexos, ou mesmo a inexistência de discussão desses achados.

Entende-se que explorar a relação entre altruísmo e a empatia, assim como conhecer as implicações da parentalidade sobre a expressão dessas habilidades socioemocionais pode contribuir para o delineamento de pesquisas futuras nesses temas e iniciativas de apoio a pais, bem como para a elaboração de programas de desenvolvimento dessa modalidade de comportamento pró-social, e seus motivadores, voltado especificamente para pais e filhos. Neste sentido, a socialização ganha papel de destaque por estar relacionada a processos que possibilitam que pessoas inexperientes aprendam habilidades, valores, motivações, assim como padrões de condutas que as munam de maior potencial para agir competentemente no contexto cultural em que estão imersas (Maccoby, 2015). Isto se constituindo em um processo de coconstrução da criança e dos adultos significativos para seu desenvolvimento (Mendes, 2018).

Assim, compreender acerca da socialização das emoções é fundamental, uma vez que tem implicações na aquisição de habilidades emocionais e sociais apresentadas pelos indivíduos desde tenra idade (Mendes, 2018). Não obstante, para além da influência de padrões de interação, com pais e cuidadores, presentes nas variadas trajetórias de socialização (Pessoa et al. 2015), enfatiza-se que as habilidades socioemocionais são construtos complexos e perpassados por outros fatores, tal como aspectos filogenéticos, ontogenéticos, hereditários e situacionais.

Apesar de esta tese oferecer importantes contribuições para o estudo da empatia e do altruísmo, a mesma não está livre de limitações. Por exemplo, esta proposta de pesquisa foi desenvolvida com uma amostra de um contexto sociocultural específico, o que implica a necessidade de iniciativas voltadas para outros contextos nacionais. Ademais, o fato dos itens referentes à mensuração da empatia e do altruísmo nas mães versarem sobre pessoas/situações hipotéticas pode ter interferido na sensibilidade das medidas. Já no que se refere às crianças, presume-se que a necessidade de fazer inferência sobre a necessidade de auxílio e sobre o estado emocional dos personagens das tarefas de ambos os fenômenos aqui em foco pode ter afetado o poder de predição das mesmas.

Ressalta-se ainda que o número reduzido de participantes utilizado nesse estudo afeta o poder de generalização de seus achados. Isto se deve às dificuldades relativas ao desenvolvimento de investigações envolvendo diferentes perfis de participantes. Particularmente quanto à presente pesquisa, esta demandou a disponibilidade de participação tanto de mães, quanto dos filhos, implicando a eventual falta de convergência de horários em comum que viabilizassem a participação, o que por sua vez teve forte implicação sobre o quantitativo amostral.

No tocante aos estudos futuros, algumas indicações já foram realizadas no decorrer da discussão. Contudo, é salutar enfatizar determinados apontamentos. Por exemplo, acredita-se que empreendimentos científicos futuros poderão se utilizar de métodos anedóticos e/ou naturalistas, dado que a literatura tem apontado os mesmos como sendo mais efetivos em pesquisas com o público infantil (Eisenberg-Berg & Lennon, 1983).

Ademais, ao se ter em consideração que parte da complexidade do altruísmo se deve aos custos inerentes ao mesmo (Moura & Mendes, 2020a), sugere-se que esta variável seja levada em consideração em pesquisas posteriores. Logo, indica-se investigar as diferenciações no percentual de adesão ao comportamento altruísta quanto às formas de cuidado ativo e passivo (Preston, 2013), assim como analisar o nível limiar de ativação cerebral para haver desenvolvimento de ambas as categorias de cuidado altruísta. Alternativamente, ao se tomar em conta que nem sempre a identificação do estado emocional alheio culmina em condutas pró-sociais (Levine & Hoffman, 1975; Newton, Goodman, & Thompson, 2014), tal como o altruísmo, é basilar manipular os níveis empáticos no intuito de melhor compreender a relação estabelecida entre o grau de excitação empática e o engajamento (ou não) em ações altruístas.

Espera-se que as discussões propiciadas por esse trabalho tenham deixado claro o papel das habilidades socioemocionais, em especial dos fenômenos aqui em foco (altruísmo e empatia), para o estabelecimento de relações sociais mais exitosas e igualitárias, assim como suas contribuições para o desenvolvimento pleno e saudável do indivíduo. Salienta-se a importância dos cuidadores e educadores no desenvolvimento dessas habilidades, posto que participam ativamente da aquisição de conhecimento por parte das crianças e de trocas com elas. Isto tem se mostrado relacionado ao aumento dos potenciais socioemocionais de crianças na sua interação com pares e ao entendimento e manifestação de suas emoções de forma adaptativa (Denham & Kochanoff, 2002). Entretanto, é necessário dizer novamente que esse processo de desenvolvimento envolvendo pais/cuidadores/professores e crianças se dá de modo bidirecional, sendo que ambos os agentes envolvidos se influenciam mutuamente (Mendes, 2018).

Finalmente, ao se ter em conta que as investigações brasileiras realizadas sobre os fenômenos psicológicos aqui estudados ainda são incipientes, destaca-se a importância e a necessidade de mais estudos na área. Por certo, ainda que iniciais/incipientes, estudos sobre um determinado fenômeno trazem mais perguntas do que respostas, mas, ainda assim, apontam direcionamentos de caminhos futuros a serem trilhados.

REFERÊNCIAS

- ABDULLAHI, I. A.; KUMAR, P. Gender Differences in Prosocial Behaviour. *The International Journal of Indian Psychology*, v. 3, p.171-175, 2016.
- ADRIANI, F.; MATHESON, J. A.; SONDEREGGER, S. Teaching by example and induced beliefs in a model of cultural transmission. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v.145, p.511–529, 2018.
- AGHABABAEI, N. Attitudes towards euthanasia in Iran: the role of altruism. *Journal of Medical Ethics*, v. v.40, p.173-176, 2014.
- AINSWORTH, M. D. S.; BLEHAR, M. D.; WATERS, E.; WALL, S. *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.
- ALEXANDER, G. M.; WILCOX, T. Sex differences in early infancy. *Child Development Perspectives*, v.6 , p.400–406, 2012.
- ANDREONI, J.; RAO, J. M. The power of the ask: How communication affects selfishness, empathy and altruism. *Journal of Public Economics*, v.95, p.513–20, 2011.
- ANDREONI, J.; VESTERLUND, L. Which is the Fair Sex? Gender Differences in Altruism. *The Quarterly Journal of Economics*, v.116, p.293-312, 2001.
- ANDREONI, J.; RAO, J. M.; TRACHTMAN, H. Avoiding the ask: A field experiment on altruism, empathy, and charitable giving. *Journal Political Economic*, v.12, p.1-37, 2017.
- ANTONOPOULOU, K.; ALEXOPOULOS, D. A.; MARIDAKI-KASSOTAKI, K. Perceptions of Father Parenting Style, Empathy, and Self-Esteem Among Greek Preadolescents. *Marriage & Family Review*, v.48, p.293–309, 2012.
- ARCHER, R. L.; DIAZ-LOVING, R.; GOLLWITZER, P. M.; DAVIS, M. H.; FOUSHEE, H. C. The role of dispositional empathy and social evaluation in the empathic mediation of helping. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.40, p.786-796, 1981.
- ATTANASIO, O.; CATTAN, S.; FITZSIMONS, E.; MEGHIR, C.; RUBIO-CODINA, M. Estimating the Production Function for Human Capital: Results from a Randomized Control Trial in Colombia. *NBER Working Paper*, v.20965, p.1-39, 2015.
- AURELI, F.; SCHAFFNER, C. M. Empathy as a special case of emotional mediation of social behavior. *Behavioral and Brain Sciences*, v.25, p. 23-24, 2002.

- AYOUB, C. C.; BARTLETT, J. D.; SWARTZ, M. I. Parenting and early intervention: The impact on children's social and emotional skill development. In: S. H. LANDRY & C. L. COOPER (Eds.), *Wellbeing in children and families: wellbeing: A complete reference guide*. NY: John Wiley & Sons, Inc, 2014.
- BAKEMAN, R.; ADAMSON, L. B. Coordinating attention to people and objects in mother-infant and peer-infant interaction. *Child Development*, v.55, p.1278– 1289, 1984.
- BARNETT, M. A. Empathy and related responses in children. In: N., EISENBERG & J. STRAYER (Eds.), *Empathy and its development*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- BARNETT, M. A. Empatía e respuestas afines en los niños. In: N. EISENBERG & J. STRAYER (Eds.), *La empatía y su desarrollo*. Bilbao: Desclée de Brower, 1992.
- BARNETT, M. A.; KING, L. M.; HOWARD, J. A.; DINO, G. A. Empathy in young children: Relation to parents' empathy, affection, and emphasis on the feelings of others. *Developmental Psychology*, v.16, p.243-244, 1980.
- BARON-COHEN, S.; WHEELWRIGHT, S. The empathy quotient: An investigation of adults with Asperger syndrome or high functioning autism, and normal sex differences. *Journal of Autism and Development Disorders*, v.34, p.163–175, 2004.
- BATANOVA, M. D.; LOUKAS, A. What are the unique and interacting contributions of school and family factors to early adolescents' empathic concern and perspective taking?. *Journal of Youth and Adolescence*, v.41, p.1382-1391, 2012.
- BATSON, C. D. *The altruism question: Toward a social-psychological answer*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.
- BATSON, C. D. *Altruism in humans*. United Kingdom: Oxford University Press, 2011.
- BATSON, C. D. The empathy-altruism hypothesis: Issues and implications. In: J. DECETY (Ed.), *Empathy: From bench to bedside*. London: The MIT Press, 2012.
- BATSON, C. D. Empathy and altruism. In: K. W. BROWN; M. R. LEARY (Eds.), *The oxford handbook of hypo-egoic phenomena*. New York: Oxford University Press, 2017.
- BATSON, C. D.; AHMAD, N.; LISHNER, D. A. Empathy and altruism. In: S. J. LOPEZ, & C. R. SNYDER (Eds.), *Oxford handbook of positive psychology*. New York: Oxford University Press, 2009.
- BATSON, C. D.; COKE, J. S.; PSYCH, V. (1983). Limits on the two-stage model of empathic mediation of helping: A reply to Archer, Diaz-Loving, Gollwitzer, Davis, and Foushee. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.45, p. 895-898, 1983.

- BATSON, C. D.; DARLEY, J. M.; COKE, J. S. Altruism and human kindness: Internal and external determinants of helping behavior. In: L. PERVIN & M. LEWIS (Eds.), *Perspectives in interactional psychology*. New York: Plenum Press, 1978.
- BATSON, C. D.; DUNCAN, B. D.; ACKERMAN, P.; BUCKLEY, T.; BIRCH, K. Is empathic emotion a source of altruistic motivation?. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.40, p.290–302, 1981.
- BATSON, C. D.; LISHNER, D. A.; STOCKS, E. L. The empathy-altruism hypothesis. In: D. A. SCHRODER & W. G. GRAZIANO (Eds.), *The oxford handbook of prosocial behavior*. New York: Oxford University Press, 2015..
- BATSON, C. D.; O'QUIN, K.; FULTZ, J.; VANDERPLAS, M.; ISEN, A. M. Influence of self-reported distress and empathy on egoistic versus altruistic motivation to help. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.45, p.706-718, 1983.
- BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, v.4, p.1–103, 1971.
- BEADLE, J. N.; SHEEHAN, A. H.; DAHLBEN, B.; GUTCHESS, A. H. Aging, empathy, and prosociality. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, v.70, p.1-10, 2013.
- BECCHETTI, L.; CORRADO, L.; CONZO, P. Sociability, altruism and well-being. *Cambridge Journal of Economics*, v.41, p.441–486, 2016.
- BELO, R. P.; CAMINO, L. Contextualizando o Campo do Trabalho na Atualidade: Algumas reflexões a respeito das representações dos papéis de gênero. In: R. T. Cruz; E. É. S. G. (Org.). *Psicologia: Conceitos, Técnicas e Pesquisas*. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- BEN-NER, A.; FANMIN, K.; LOUIS P. Share and Share Alike? Gender-Pairing, Personality, and Cognitive Ability as Determinants of Giving. *Journal of Economic Psychology*, v. 25, p.581–9, 2004.
- BEN-NER, A.; LIST, J. A.; PUTTERMAN, L.; SAMEK, A. Learned generosity? An artefactual field experiment with parents and their children. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v.143, p.28–44, 2017.
- BEN-NER, A.; LIST, J. A.; PUTTERMAN, L.; SAMEK, A. Learned generosity? An artefactual field experiment with parents and their children. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v.143, p.28–44, 2017.
- BERECZKEI, T. Parental impacts on development: How proximates factors mediate adaptive plans. In: R. I. M. LOUISE; D. BARRETT (Ed.), *Handbook of Evolutionary Psychology*. New York: Oxford University Press, 2007.

- BIERHOFF, H.; ROHMANN, E. Altruistic personality in the context of the empathy–altruism hypothesis. *European Journal of Personality*, v.18, p.351-365, 2004.
- BJORKLUND, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, v.122, p. 153–169, 1997.
- BJORKLUND, D. F. Developing adaptations. *Developmental Review*, v.38, p.13–35, 2015.
- BJORKLUND, D. F.; Green, B. L. *The adaptive nature of cognitive immaturity. American Psychologist*, v.47, p.46–54, 1992.
- BJORKLUND, D. F.; PELLEGRINI, A. D. Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, v.71, p.1687-1708, 2000.
- BLACKSTONE, A. (2003). Gender roles and society. In: J. R. MILLER, R. M. LERNER; L. B. SCHIAMBERG (Eds.), *Human ecology: An encyclopedia of children, families, communities, and environments*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2003.
- BLAIR, R. J. R.; PERSCHARDT, K. S. Empathy: A unitary circuit or a set of dissociable neuro-cognitive systems. *Behavioral and Brain Sciences*, v.25, p.27-28, 2002.
- BLANKE, E. S.; RAUERS, A.; RIEDIGER, M. Does being empathic pay off? - Associations between performance-based measures of empathy and social adjustment in younger and older women. *Emotion*, v.16, p.671-683, 2016.
- BLASI, A. Bridging moral cognition and moral action: A critical review of the literature. *Psychological Bulletin*, v.88, p.1–45, 1980.
- BOLTON, G. E.; KATOK, E. An experimental test for gender differences in beneficent behavior. *Economics Letters*, v.48, p. 287–292, 1995.
- BORNSTEIN, M. H. Sensitive periods in development: Structural characteristics and casual interpretation. *Psychological Bulletin*, v.105, p.179-197, 1989.
- BORNSTEIN, M. H. (1991). Approaches to parenting in culture. In: M. H. BORNSTEIN (Ed.), *Cultural approaches to parenting*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- BORNSTEIN, M. H. *Handbook of parenting: Practical issues in parenting*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.
- BORNSTEIN, M. H.; ARTERBERRY, M. E. Perceptual development. In: M. H. BORNSTEIN; M. E. LAMB (Eds.), *Development psychology: An advanced textbook*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates., 1999.

- BOSACKI, S. L.; MOORE, C. Preschoolers' understanding of simple and complex emotions: Links with gender and language. *Sex Roles*, v.50, p. 659–675, 2004.
- BOSSON, J. K.; MICHNIEWICZ, K. S. Gender dichotomization at the level of ingroup identity: What it is, and why men use it more than women. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.105, p. 425-442, 2013.
- BOURGAULT, P.; LAVOIE, S.; PAUL-SAVOIE, E.; MA, M. G.; MICHAUD, C., GOSSELIN, E.; JOHNSTON, C. C. Relationship Between Empathy and Well-Being Among Emergency Nurses. *Journal of Emergency Nursing*, v.41, p.323-328, 2015.
- BOWLES, S., CHOI, J. K., & HOPFENSITZ, A. (2003). The co-evolution of individual behaviors and social institutions. *Journal of Theoretical Biology*, v.223, p. 135–147, 2003.
- BREHM, S. S., POWELL, L. K., & COKE, J. S. (1984). The effects of empathy instructions upon donating behavior: Sex differences in Young children. *Sex Roles*, v.10, p.405-416, 1984.
- BRETHEL-HAURWITZ, K. M.; MARSH, A. A. (2014). Geographical differences in subjective well-being predict extraordinary altruism. *Psychological Science*, v.25, p.762–771, 2014.
- BRODY, G. H.; GE, X. Linking parenting processes and self-regulation to psychological functioning and alcohol use during early adolescence. *Journal of Family Psychology*, v.15, p.82–94, 2001.
- BROWNELL, C. A.; SVETLOVA, M.; NICHOLS, S. To share or not to share: When do toddlers respond to another's needs? *Infancy*, v.14, p.117–130, 2009.
- BROWNELL, C. A.; SVETLOVA, M.; ANDERSON, R.; NICHOLS, S. R.; DRUMMOND, J. Socialization of early prosocial behavior: Parents' talk about emotions is associated with sharing and helping in toddlers. *Infancy*, v.18, p.91–119, 2012.
- BROWN-KRUSE, J.; HUMMELS, D. Gender effects in laboratory public goods contribution: Do individuals put their money where their mouth is?. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 22, 255-267, 1993.
- BRYAN, J. H. Children's cooperation and helping behaviors. In: E. M. HETHERINGTON (Ed.), *Review of child development research*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.
- BRYAN, J. H.; LONDON, P. Altruistic behavior by children. *Psychological Bulletin*, v. 73, p.200-211, 1970.

- BRYAN, J. H.; WALBEK, N. H. Preaching and practicing self-sacrifice: Children's actions and reactions. *Child Development*, v.41, p.329-353, 1970.
- BUSS, D. *Evolutionary psychology: The new science of the mind* (5^o ed.). London: Taylor & Francis Group, 2015.
- BUSSAB, V. S. R.; PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. A. Encontros com o outro: Empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, v.18, p. 99-133, 2007.
- CAMRAS, L. A.; HALBERSTADT, A. G. Emotional development through the lens of affective social competence. *Current Opinion in Psychology*, v.17, p. 113-117, 2017.
- CARPENDALE, J. I.; LEWIS, C. Constructing an understanding of mind: The development of children's social understanding within social interaction. *Behavioral & Brain Sciences*, v.27, p.79-96, 2004.
- CARTER, C. S.; HARRIS, J.; PORGES, S. W. Neural and evolutionary perspectives on empathy. In: J. DECETY & W. ICKES (Eds.), *The social neuroscience of empathy*. Cambridge: The MIT Press, 2009.
- CARVALHO, R. V. C. DE; SEIDL-DE-MOURA, M. L. Empathic interactions between parents and children: An exploratory study. *The Romanian Journal of Psychology, Psychotherapy and Neuroscience*, v.1, p.192-214, 2011.
- CAVALCANTE, C. E.; SOUZA, W. J.; Cunha, A. S. R.; Nascimento, M. A. de A.; Fernandes, L. T. Por que sou voluntário?: *Etapas de construção de escala*. *Pretexto*, v.13, p.76-90, 2012.
- CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Competência social e empatia: Um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos em Psicologia*, v.5, p. 71-93, 2000.
- CHADHA, N.; MISRA, G. Prosocial reasoning and behaviour among indian children. *Psychology and Developing Societies*, 18, 167-199, 2006.
- CHRISTOV-MOORE, L.; SIMPSON, E. A.; COUDÉ, G.; GRIGAITYTE, K.; IACOBONI, M.; FERRARI, P. F. Empathy: Gender effects in brain and behavior. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v.46, p.604-627, 2014.
- CIALDINI, R. B.; BAUMANN, D. J.; KENRICK, D. T. Insights from sadness: A three-step model of the development of altruism as hedonismo. *Development Review*, v.1, p.207-223, 1981.
- CLARCKE, A.; MITCHELL, A; ABRAHAM, A. Understanding donation experiences of unspecified (altruistic) kidney donors. *British Journal of Health Psychology*, v.19, p.393-408, 2013.

- CLAY, Z., PALAGI, E.; DE WAAL, F. B. M. (2018). Ethological Approaches to Empathy in Primates. In: Z. CLAY, E. PALAGI, & F. B. M. DE WAAL. *Neuronal Correlates of Empathy*. United States: Academic Press.
- CLEGG, J. M.; LEGARE, C. H. Instrumental and conventional interpretations of behavior are associated with distinct outcomes in early childhood. *Child Development*, v.87, p.527–542, 2016.
- COLTRO, B. P.; PARAVENTI, L.; VIEIRA, M. L. Relações entre parentalidade e apoio social: revisão integrativa de literatura. *Contextos Clínicos*, v.13, p.244-269, 2020.
- CONCEIÇÃO, M. J. Leitura crítica dos dados estatísticos em trabalhos científicos. *Revista Brasileira Anestesiol*, v.58, p.260-266, 2008.
- CONNOLLY, H. L.; LEFEVRE, C. E.; YOUNG, A. W.; LEWIS, G. J. Sex differences in emotion recognition: Evidence for a small overall female superiority on facial disgust. *Emotion*, v.19, p.455–464, 2019.
- CONNOR, R. A.; GLICK, P.; FISKE, S. T. Ambivalent sexism in the 21st century. In: C. SIBLEY; F. BARLOW (Eds.), *Cambridge Handbook of the Psychology of Prejudice*. United States of America: Cambridge University Press, 2015.
- COONEY, T. M.; UHLENBERG, P. Support from parents over the life course: The adult child's perspective. *Social Forces*, v.71, p.63–84, 1992.
- CORDONI, G.; PALAGI, E.; TARLI, S. Reconciliation and consolation in captive western gorillas. *International Journal of Primatology*, v.27, p. 1365-1382, 2006.
- COX, D.; STARK, O. On the demand for grandchildren: Tied transfers and the demonstration effect. *Journal of Public Economics*, v.89, 1665-1697, 2005.
- COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2012.
- CROWNE, D.; MARLOWE, D. A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, v.24, 349-354, 1960.
- DADDS, M. R.; HAWES, D. J.; FROST, A. D.; VASSALLO, S.; BUNN, P.; HUNTER, K.; MERZ, S. Learning to 'talk the talk': The relationship of psychopathic traits to deficits in empathy across childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v.50, p.599-606, 2009.
- DADDS, M. R.; HUNTER, K.; HAWES, D. J.; FROST, A. D.; VASSALLO, S.; BUNN, P., MERZ, S.; MASRY, Y. E (2008). A measure of cognitive and affective empathy in children using parent ratings. *Child Psychiatry and Human Development*, v. 39, p. 111–122, 2008.

- DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para psicologia* (7º Ed.). Porto Alegre: Artmed, 2018.
- DARWIN, C. The expression of the emotions in man and animals. In: P. ECKMAN, Introduction, afterword and commrntaries (3 ed). New York: Oxford University Press, 1998. Retrieved from https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TFRtLZSHMcYC&oi=fnd&pg=PR9&dq=The+expression+of+the+emotions+in+man+and+animals+&ots=Y4ezhrUuI7&sig=I75yLySw_DcLbY0azMdinOpk7YE&redir_esc=y#v=onepage&q=The%20expression%20of%20the%20emotions%20in%20man%20and%20animals&f=false (Original work published 1872)
- DAVIES, N. B.; KREBS, J. R.; WEST, S. A. *An introduction to behavioral ecology* (4th ed.). Hoboken, NJ: Wiley, 2012.
- DAVIS, M. H. *A multidimensional approach to individual differences in empathy. JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, v.10, p.1-19, 1980.
- DAVIS, M. H. Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, v.44, p.113-136, 1983.
- DAVIS, M. H.; LUCE, C.; KRAUS, S. J. The heritability of characteristics associated with dispositional empathy. *Journal of Personality*, v.62, p.369–39, 1994.
- DAVIS, M. H.; MITCHELL, K. V.; HALL, J. A.; LOTHERT, J.; SNAPP, T.; MEYER, M. Empathy, expectations, and situational preferences: Personality influences on the decision to participate in volunteer helping behaviors. *Journal of personality*, v.67, p.469- 503, 1999.
- DE WAAL, F. B. M. *Good natured: The origins of right and wrong in humans and other animals*. Cambridge, MA: Harvard Univesity Press, 1996.
- DE WAAL, F. B. M. On the possibility of animal empathy. In: T. MANSTEAD; N. FRIJDA; A. FISCHER (Eds.), *Feelings & Emotions: The Amsterdam Symposium*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- DE WAAL, F. B. M. Putting altruism back into altruism: The evolution of empathy. *Annual Review of Psychology*, v.59, p.279-300, 2008.
- DE WAAL, F. B. M. *The Age of Empathy: Nature's lessons for a kinder society*. New York: Three Rivers Press/Random House, 2009.
- DE WAAL, F. B. M. Prosocial primates: Cooperation and empathy. In: K. SHIGEMASU; S.KUWANO; T. SATO; T. MATSUZAWA (Eds), *Prosocial Primates. Diversity in Harmony - Insights from Psychology*. Hoboken, NJ Wiley: John Wiley & Sons, Inc, 2018.

- DE WAAL, F. B. M.; AURELI, F. Consolation, reconciliation, and a possible cognitive difference between macaque and chimpanzee. In: A. E., RUSSON; K. A. BARD; S. T. (Eds.), *Parker reaching into thought: The minds of the great apes*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1996.
- DE WAAL, F. B. M.; VAN ROOSMALEN, A. Reconciliation and consolation among chimpanzees. *Behavioral Ecology Sociobiology*, v.5, p. 55–66, 1979.
- DECASPER, A. J.; SPENCE, M. J. Prenatal maternal speech influences newborns' perception of speech sounds. *Infant Behavior and Development*, v.9, p.133-150, 1986.
- DECETY, J. The neurodevelopment of empathy in humans. *Development Neuroscience*, v.32, p.257–267, 2010.
- DECETY, J.; COWELL, J. M. The complex relation between morality and empathy. *Trends in Cognitive Sciences*, v.18, p.337-339, 2014.
- DECETY, J.; COWELL, J. M. Empathy, Justice, and Moral Behavior. *AJOB Neuroscience*, v.6, p.3–14, 2015.
- DECETY, J.; COWELL, J. M.; LEE, K.; MAHASNEH, R.; MALCOLM-SMITH, S.; SELCUK, B.; ZHOU, X. The negative association between religious and children's altruism the world. *Current Biology*, v.25, p. 2951-2955, 2015.
- DECLERCK, C. H.; BOONE, C; KIYONARI, T. The effect of oxytocin on cooperation in a prisoner's dilemma depends on the social context and a person's social value orientation. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, v.9, p. 802– 809, 2014.
- DENHAM, S.; KOCHANOFF, A. T. Parental Contributions to Understanding of Emotion. In: R. A. FARBES (Ed.). *Emotions and the Family*. NY: The Haworth Press, Inc, 2002.
- DIZON-ROSS, R. *Parents' beliefs and children's education: Experimental evidence from Malawi*. *Journal of the econometric Society*, v. 85, p.1331-1371.
- DLUGOKINSKI, E. L.; FIRESTONE, I. J. Other centeredness and susceptibility to charitable appeals: Effects of perceived discipline. *Developmental Psychology*, v.10, p.21- 28, 1974.
- DONALDSON, S. K.; WESTERMAN, M. A. Development of children's understanding of ambivalence and causal theories of emotions. *Developmental Psychology*, v.22, p.655–662, 1986.
- DOVIDIO, J. Helping behavior and altruism: An empirical and conceptual review. In: L. BERKOWITZ (Ed.), *Advances in experimental social psychology*. New York: Academic Press, 1984.

- DOVIDIO, J. F.; PILIAVIN, J. A.; SCHROEDER, D. A.; PENNER, L. A. *The social psychology of prosocial behavior*. Philadelphia, PA: Erlbaum, 2006.
- DOVIDIO, J. F.; PÜIAVIN, J. A.; SCHROEDER, D. A.; ENNER, L. A. *The social Psychology of Prosocial Behavior*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 2006.
- DREBER, A.; ESSEN, E. V.; RANEHILL, E. Gender and competition in adolescence: task matters. *Experimental Economics*, v.17, 154-172, 2014.
- DROLET, A.; MORRIS, M. Rapport in conflict resolution: Accounting for how face-to-face contact fosters mutual cooperation in mixed-motive conflicts. *Journal of Experimental Social Psychology*, v.36, p.26-50, 2000.
- DRUMMOND, J.; PAUL. E. F.; WAUGHT; W. E.; HAMMOND,S. I.; BROWNELL, C. A. Here, there and everywhere: Emotion and mental state talk in different social contexts predicts empathic helping in toddlers. *Frontiers in Psychology*, v.5, p.1-11, 2014.
- DUAN, C.; HILL, C. The current state of empathy research. *Journal of Counseling Psychology*, v.43, p.261–274, 1996.
- DUFWENBERG, M.; ASTRI, M. Generosity, Anonymity, Gender. *Journal of Economic Behavior and Organization*, v.61, p.42–9, 2006.
- DUNFIELD, K.; KUHLMEIER, V. A.; O’CONNELL, L.; KELLEY, E. Examining the diversity of prosocial behavior. *Infancy*, v.16, p.227–247, 2011.
- DUNSMORE J. C.; HALBERSTADT, A. G. How does family emotional expressiveness affect children's schemas?. *New Directions for Child Development*, v.77, p.45-68, 1997.
- EAGLY, A. H.; CROWLEY, M. Gender and helping behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, v.100, p.283–308, 1986.
- EBERLY, M. B.; MONTEMAYOR, R. Adolescent affection and helpfulness toward parents: A 2-year followup. *The Journal of Early Adolescence*, v.19,p. 226–248, 1999.
- ECKEL, C. C., & GROSSMAN, P. (1996). Altruism in Anonymous Dictator Games. *Games and Economic Behavior*, v. 16, 181–91, 2016.
- ECKEL, C. C.; GROSSMAN, P. J. Are women less selfish than men?: Evidence from dictator experiments. *The Economic Journal*, v.108, p.726–735, 1998.
- EGGEBEEN, D. J. Family structure and intergenerational exchanges. *Research on Aging*, v.14, p.427–447, 1992.

- EISENBERG, N. The development of empathy related responding. In: G. CARLO; C. P. Edwards (Eds.), *Moral motivation through the life span*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2005.
- EISENBERG, N.; FABES, R. A. Prosocial development. In: W. DAMON; N. EISENBERG (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (5th ed.). New York: John Wiley, 1998.
- EISENBERG, N., & LENNON, R. Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, v.94, p.100–131, 1983 .
- EISENBERG, N.; MILLER, P. The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological Bulletin*, v.101, 91-119, 1987.
- EISENBERG, N.; VALIENTE, C. Parenting and children's prosocial and moral development. In: M. H. BORNSTEIN (Ed.), *Handbook of parenting: Practical issues in parenting*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.
- EISENBERG, N.; CUMBERLAND, A.; SPINRAD, T. L. Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, v.9, 241–273, 1998.
- EISENBERG, N.; FABES, R. A.; SPINRAD, T. L. Prosocial Development. In N. EISENBERG, W. DAMON, & R. M. LERNER (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development*. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc, 2006.
- EISENBERG, N.; FABES, R. A.; SHEPARD, S. A.; MURPHY, B. C.; JONES, S.; GUTHRIE, I. K. Contemporaneous and longitudinal prediction of children's sympathy from dispositional regulation and emotionality. *Developmental Psychology*, v.34, p.910-924, 1998.
- EISENBERG, N.; FABES, R.; CARLO, G.; SPEER, A.; SWITZER, G.; KARBON. M.; TROYER, D. The relations between empathy-related emotions and maternal practices to children's comforting behavior. *Journal of Experimental Child Psychology*, v.55, 131-150, 1993.
- EISENBERG, N.; FABES, R.; SCHALLER, M.; MILLER, P. Sympathy and personal distress: Development, gender differences, and interrelations of indexes. *New directions for child and adolescent development*, v. 44, p.107-126, 1989.
- EISENBERG, N.; GERSHOFF, E. T.; FABES, R. A.; SHEPARD, S. A.; CUMBERLAND, A. J.; LOSOYA, S. H.; GUTHRIE, I. K.; MURPHY, B. C. Mother's emotional expressivity and children's behavior problems and social competence: Mediation through children's regulation. *Developmental Psychology*, v.37, p.475–490, 2001.

- EISENBERG, N.; GUTHRIE, I. K.; MURPHY, B. C.; SHEPARD, S. A.; CUMBERLAND, A.; CARLO, G. Consistency and development of prosocial dispositions: A longitudinal study. *Child Development*, 70, p.1360–1372, 1999.
- EISENBERG, N.; LENON, R; ROTH, K. Prosocial development: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 19, p.846-855, 1983.
- EISENBERG, N., SPINRAD, T. L., TAYLOR, Z. E., & LIEW, J. (2017). Relations of Inhibition and Emotion-Related Parenting to Young Children's Prosocial and Vicariously Induced Distress Behavior. *Child Development*, 90, p.846–858.
- EISENBERG-BERG & LENNON, (1980). Altruism and the assessment of empathy in the preschool years. *Child Development*, 51, p.552-557
- EMDE, R. N.; PLOMIN, R.; ROBINSON, J.; CORLEY, R.; DEFRIES, J.; FULKER, D. W., REZNICK, J. S.; CAMPOS, J., KAGAN, J.; ZAHN-WAXLER, C. Temperament, emotion, and cognition at fourteen months: The macarthur longitudinal twin study. *Child Development*, v.63, p.1437–1455, 1992.
- ESCOBAR, J. C. M. Revisión teórica respecto a las conductas prosociales: Análisis para una reflexión. *Psicogente*, v.13, p.369-388, 2010.
- EVANS, A. M.; KRUEGER, J. I. The development of trust and altruism during childhood. *Journal of Economic Psychology*, v. 36, p.82-95, 2013.
- FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*, 1, p.23-32, 1999.
- FALCONE, E. M. DE O.; FERREIRA, M. C. LUZ; R. C. M. ; FERNANDES, C. S., FARIA, C. DE A.; D'AUGUSTIN, J. F.; SARDINHA, A.; PINHO, V. D. Inventário de Empatia (I.E.): Desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica*, v. 7, p.321-334, 2008.
- FANMIN, K., & LOUIS P. (2004). Share and share alike? Gender-pairing, personality, and cognitive ability as determinants of giving. *Journal of Economic Psychology*, 25, 581–9.
- FEHR, E., & FISCHBACHER, U. (2003). The nature of human altruism. *Nature*, 425, 785-791.
- FEINMAN, S. (1978). When does sex affect altruistic response? *Psychological Reports*, 43, 1218.
- FERGUSON, E. & LAWRENCE, C. (2016). Blood donation and altruism: the mechanisms of altruism approach. *ISBT Science Series*, 11, 148-157.

- FERGUSON, E., SEMPER, H., YATES, J. FITZGERALD, J. E., SKATOVA, A., & JAMES, D. (2014). The 'dark side' and 'bright side' of personality: When too much conscientiousness and too little anxiety are detrimental with respect to the acquisition of medical knowledge and skill. *Plos One*, *9*, 1-11.
- FERNÁNDEZ, A. M.; DUFEY, M.; KRAMP, U. Testing the psychometric properties of the Interpersonal Reactivity Index (IRI) in Chile. *European Journal of Psychological Assessment*, *v.27*, p.179 –185, 2011.
- FERRING, D.; FILIPP, S.-H. Social networks in old age: Socioemotional selectivity, perceived quality of social interactions, and affect. *Psychologie*, *v.31*, p.127–137, 1999.
- FIGUEIREDO, C. V.; PEREIRA, C. R. The effect of gender and male distinctiveness threat on prejudice against homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, *2021*. No prelo. doi: 10.1037/pspi0000269
- FINGERMAN, K.; MILLER, L.; BIRDITT, K.; ZARIT, S. (2009). Giving to the good and the needy: Parental support of grown children. *Journal of Marriage and Family*, *v. 71*, p.1220–1233, 2009.
- FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. *Social cognition: From brains to culture* (1 ed.). New York: McGraw-Hill, 2008.
- FLAVELL, J. H. The development of inferences about others. In: T. MISCHEL (Ed.), *Understanding other persons*. Oxford, Eng.: Blackwell, Basil & Mott, 1994.
- FLESHBACK, N. D. (1997). Empathy: The formative years' implications for clinical practice. In: A. V. MCGILLICUDDY-DE LISI; R. DE LISI (Eds). *Biology, Society and behavior: The development of sex differences in Cognition*. Washington, DC: APA, 1997.
- FORMAN, D. R. Autonomy, compliance, and internalization. In: C. A. BROWNELL, C. B. KOPP, C. A. BROWNELL; C. B. KOPP (Eds.), *Socioemotional development in the toddler years: Transitions and Transformations*. New York: Guilford Press, 2007.
- FORMIGA, N. S. ROCHA, M. C. O., PINTO, A. D. D., REIS, D. A., COSTA, S. M. S., LEIME, J. (2013). Fidedignidade da estrutura fatorial da escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI). *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *4*, 64-79.
- FORMIGA, N. S., BARBOZA, M. S. S., & Camino, C. P. S. (2016). Escala de empatia focada em grupos: evidência psicométrica em diferentes instituições sócio-educacionais. *Salud & Sociedad*, *7*, 30-43.
- FORSYTHE, R., HOROWITZ, J. L., SAVIN, N. E., & SEFTON, M. (1994). Fairness in simple bargaining experiments. *Games and Economic Behavior*, *6*, 347-369.

- FRIEDRICH, L. K., & STEIN, A. H. (1975). Prosocial television and young children: The effects of verbal labeling and role playing on learning and behavior. *Child Development*, 46, 27-38.
- FRITH, C. D., & FRITH, U. (1999) Interacting minds – A biological basis. *Science*, 286, 1692–95.
- FULTZ, J.; BATSON, C. D.; FORTENBACH, V. A.; MCCARTHY, P. M.; VARNEY, L. L. Social Evaluation and the Empathy-Altruism Hypothesis. *Personality Process and Individual Differences*, v.50, p.761-769; 1986.
- GALVÃO, L. K. DE S.; CAMINO, C. P. D. S.; GOUVEIA, V. V.; FORMIGA, N. S. Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência interna. *Psico (Porto Alegre)*, v.41, p.399-405, 2010.
- GARCIA-SERPA, F. A.; DEL PRETTE, Z. A.; DEL PRETTE, A. Meninos pré-escolares empáticos e não-empáticos: Empatia e procedimentos educativos dos pais. *Interamerican Journal of Psychology*, v.40, p.77-88, 2006.
- GARY, E., B.; KATOK, E. An Experimental Test for Gender Differences in Beneficent Behavior. *Economics Letters*, v.13, p.287-292, 1995.
- GASPAR, A. Neurobiologia e psicologia da empatia: Pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia. *Conferência Compreender o Cérebro no Século XXI, Portugal*, v.34, p.189-201, 2015.
- GIARRUSSO, R.; FENG, D.; BENGTSON, V. L. The intergenerational stake over 20 years. In M. SILVERSTEIN (Ed.), *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*. New York: Springer, 2004.
- GIARRUSSO, R.; STALLINGS, M.; BENGTSON, V. L. The ‘intergenerational stake’ hypothesis revisited: Parent–child differences in perceptions of relationships 20 years later. In V. L. BENGTSON, W. K.; SCHAIK; L. M. BURTON (Eds.), *Adult intergenerational relations: Effects of societal change*. New York: Springer, 1995.
- GILBERT, O. M. Altruism or association?. *PNAS*, v. 115, p. E3069–E3070, 2018.
- GILET, A.-L.; MELLA, N.; STUDER, J.; GRÜHN, D.; LABOUVIE-VIEF, G. Assessing dispositional empathy in adults: A French validation of the Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Canadian Journal of Behavioural Science*, v.45, p.42–48, 2013.
- GORDON, R. A.; LAHEY, B. B.; KAWAI, E.; LOEBER, R.; STOUTHAMER-LOEBER, M; FARRINGTON, D. P. Antisocial behavior and youth gang membership: Selection and socialization. *Criminology*, v.42, p.55–88, 2004.

- GOUVEIA, V. V.; ATHAYDE, R. A. A.; GOUVEIA, R. S. V.; GOMES, A. I. A. S. DE B.; SOUZA, R. V. L. Escala de altruísmo autoinformado: Evidências de validade de construto. *Aletheia*, v.33, p.30-44, 2010.
- GOUVEIA, V. V.; GUERRA, V. M.; SOUSA, D. M. F; SANTOS, W S.; COSTA, J. DE M. Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: Evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, v. 8, p.87-98, 2009.
- GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L.; GUERRA, V. M. Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, v.60, p.41-47, 2014.
- GOUVEIA, V. V.; SANTOS, W. S. DOS; ATHAYDE, R. A. A.; SOUZA, R. V. L. DE; GUSMÃO, E. E. S. Valores, altruísmo e comportamento de ajuda: Comparando doares e não doadores de sangue. *Psico*, v.45, p. 209-218, 2014.
- GOUVEIA, V.V.; ATHAYDE, R. A.A.; MENDES, L. A. C.; FREIRE, S. E. A. Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora*, v.12, p.80-92, 2012.
- GREEN, J. A.; GUSTEFSON, G. E.; WEST, M. J. Effects of infant development on mother-infant interaction. *Child Development*, v. 51, p. 199-207, 1980.
- GREVENSTEIN, D.; BLUEMKE, M. Can the Big Five explain the criterion validity of Sense of Coherence for mental health, life satisfaction, and personal distress? *Personality and Individual Differences*, v. 77, p.106–111, 2015.
- GROSSMANN, T. The development of emotion perception in face and voice during infancy. *Restorative Neurology and Neuroscience*, v.28, p.219–236, 2010.
- GRUSEC, J. E. The development of moral behavior and conscience from a socialization perspective. In M. KILLEN & J. G. SMETANA (Eds.), *Handbook of Moral Development*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2006.
- GRUSEC, J. E.; CHAPARRO, M. P.; JOHNSTON, M.; SHERMAN, A. The development of moral behavior from a socialization perspective. In M. KILLEN; J. G. SMETANA (Eds.), *Handbook of moral development*. Psychology Press, 2014.
- GRUSEC, J. E.; GOODNOW, J. J.; COHEN, L. Household work and the development of concern for others. *Developmental Psychology*, v.32, p.999–1007, 1996.
- GUO, Q.; FENG, L. The Associations between perceived parenting styles, empathy, and altruistic choices in economic games: A study of chinese children. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p.1-11, 2017.

- HAAS, B. W.; ANDERSON, I. W.; FILKOWSKI, M. M. Interpersonal reactivity and the attribution of emotional reactions. *Emotion, Bethesda*, v.15, p.390-398, 2015.
- HAMMERSLAG, L. R., & GULLEY, J. M. (2016). Sex differences in behavior and neural development and their role in adolescent vulnerability to substance use. *Behavioural Brain Research*, v.298, p.15–26.
- HAMMOND, S. I. (2011). *Parental scaffolding and children's everyday helping*. Doctoral dissertation, Psychology Institute, Simon Fraser University, Burnaby, Canada.
- HAMMOND, S.I., & CARPENDALE, J. I. M. (2014). Helping Children Help: The Relation between Maternal Scaffolding and Children's Early Help. *Social Development*, v.24, p.1-17.
- HARRIS, J. R. Where is the child's environment?: A group socialization theory of development. *Psychological Review*, v.102, p.458-489, 1995.
- HARRIS, J. R. *The nurture assumption: Why children turn out the way they do*. New York: Free, 1998.
- HARRIS, M. Models, norms and sharing. *Psychological Reports*, v.29, p. 147-153, 1971.
- HAUSER, M.; WOOD, J. Evolving the capacity to understand actions, intentions, and goals. *Annual Review of Psychology*, 33, p.61-135, 2010.
- HAY, D. F.; COOK, K. V. The transformation of prosocial behavior from infancy to childhood. In C. A. BROWNELL; C. B. KOPP (Eds.), *Socioemotional development in the toddler years: Transitions and transformations*. New York: Guilford, 2007.
- HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. Os lugares de pais e de mães na mídia contemporânea: questões de gênero. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 42, p. 81-90, 2008.
- HEYMAN, G.D.; LEGARE, C.H. Children's beliefs about gender differences in the academic and social domains. *Sex Roles*, v.50, p.227–236, 2004.
- HILL, E. M. Posthumous organ donation attitudes, intentions to donate, and organ donor status: Examining the role of the big five personality dimensions and altruism. *Personality and Individual Differences*, v.88, p.182-186, 2015.
- HOFFMAN, M. L. Moral development. In P. H. MUSSEN (Ed.), *Carmichael's manual of child psychology* (3d ed.). New York: Wiley, 1970.
- HOFFMAN, M. L. Developmental synthesis of affect and cognition and its implications for altruistic motivation. *Developmental Psychology*, v.11, p.607-622, 1975a.

- HOFFMAN, M. L. Altruistic behavior and the parent-child relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.31, p.937-943, 1975b.
- HOFFMAN, M. L. Sex differences in empathy and related behaviors. *Psychol. Bull.*, v.84, p.712, 1977a.
- HOFFMAN, M. L. Personality and social development. *Annual Review of Psychology*, v. 28, p.295- 821, 1977b.
- HOFFMAN, M. L. Perspectives on the difference between understanding people and understanding things: the role of affect. In: J. H. FLAVELL; L. ROSS, *Social cognitive development* (Eds.). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1981a.
- HOFFMAN, M. L. The development of empathy. In: J. P. RUSHTON; R. M. SORRENTINO (Eds.), *Altruism and helping behavior: Social, personality, and developmental perspectives*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1981b.
- HOFFMAN, M. L. The development of Empathy. In: J. P. RUSHTON & R. M. SORRENTINO (Eds.), *Altruism and helping behavior: Social, personality and development perspectives*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1981c.
- HOFFMAN, M. L. Interaction of affect and cognition in empathy. In: C. E. IZARD, J. KAGAN; R. B. ZAJONC, *Emotions, cognition, and behavior*. New York: Cambridge University Press, 1984.
- HOFFMAN, M. L. Empathy and prosocial activism. In N. EISENBERG, J. REYKOWSKI; E. STAUB (Eds), *Social and moral values: Individual and societal perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.
- HOFFMAN, M. L. Is empathy altruistic?. *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 2, p.131-133, 1991a.
- HOFFMAN, M. L. Empathy, social cognition and moral action. In W. M. KURTINES; J. L. GEWIRTZ (Eds.), *Handbook of moral behavior and development*. New Jersey: LEA, 1991b.
- HOFFMAN, M. L. *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2000.
- HOFFMAN, M.L. Affective and cognitive processes in moral internalization: An information processing approach. In: E.T. HIGGINS, D. RUBLE; W. HARTUP (Eds.), *Social Cognition and Social Development: A socio-cultural perspective*. New York: Cambridge University Press, 1983.
- HOMER, V.; CARTER, J. D; SUCHAK, M.; DE WAAL, F. B. M. Spontaneous prosocial choice by chimpanzees. *PNAS: Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, v.108, p.13847-13851, 2011.

- HOUSE, S. J.; LAAN, J. M.; MOLDEN, R. K.; RITCHIE, J. C.; STOWE, Z. N. *Preliminary Study of Testosterone and Empathy in Determining Recidivism and Antisocial Behavior. Journal of Forensic Sciences, v.62, p.1360–1365, 2017.*
- HOWE, A.; CATE, I. M. P.; BROWN, A.; HADWIN, J. A. Empathy in preschool children: The development of the southampton test of empathy for preschoolers (STEP). *Psychological Assessment, v.20, p. 305-309, 2008.*
- HUFFMEIJER, R.; LENNEKE, R. A.; ALINK, M. T.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. H.; I. JZENDOOR, V. Asymmetric frontal brain activity and parental rejection predict altruistic behavior: Moderation of oxytocin effects. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience, 12, 382–392, 2012.*
- HUMPHREY, N. K. The social function of intellect. In: P. P. G. BATESON; R. A. HINDE (Eds.), *Growing points in ethology*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1976.
- HURLBUT, W. B. Empathy, evolution and altruism. In: G. STEPHEN, P. L. G. UNDERWOOD, J. P. SCHLOSS, & W. B (Eds.). *Hurlbut, Altruism and altruistic love: Science, philosophy, and religion in dialogue*. New York: Oxford Express Press, 2002.
- HURLEMANN, R.; SCHEELE, D. Dissecting the role of oxytocin in the formation and loss of social relationships. *Biological Psychiatry, v.79, p.185- 193, 2015.*
- IABONI, M. Imitation, empathy and mirror neurons. *Annual Review of Psychology, v.60, p.653-670, 2009.*
- INFLUS, M.; PRATT, M.; MASALHA, S.; ZAGOORY-SHARON, O.; FELDMAN, R. A social neuroscience approach to conflict resolution: Dialogue intervention to Israeli and Palestinian youth impacts oxytocin and empathy. *Social Neuroscience, v.9, p.1-12, 2017.*
- JENSEN, K.; HARE, B.; CALL, J.; TOMASELLO, M. What's in it for me? Self-regard precludes altruism and spite in chimpanzees. *Proceeding Biological Science, v.273, p.1013–1021, 2006.*
- JOHNSON, D. B. Altruistic behavior and the development of the self in infants. *Merrill-Palmer Quartely of Behavior and Development, v. 28, p.379–88, 1982.*
- JOLLIFFE, D.; FARRINGTON, D. P. Development and validation of the basic empathy scale. *Journal of Adolescence, v.29, p. 589–611, 2006.*
- JOUVENTIN, P.; CHRISTEN, Y.; DOBSON, F. S. Altruism in wolves explains the coevolution of dogs and humans. *Ideas in Ecology and Evolution, v.9, p.4–11, 2016.*

- KAMAS, L.; PRESTON, A.; BAUM, S. Altruism in individual and joint-giving decisions: What's gender got to do with it?. *Feminist Economics*, v.14, p.23-50, 2008.
- KAVUSSANU, M.; RING, C.; KAVANAGH, J. Antisocial Behavior, Moral Disengagement, Empathy and Negative Emotion: A Comparison Between Disabled and Able-Bodied Athletes. *Ethics & Behavior*, v. 25, p.297–306, 2014.
- KELLER, H. Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 8, p. 11-22, 1998.
- KELLER, H. Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. In: H. KELLER, Y. H.; POORTINGA; A. SCHÖLMERICH (Eds.), *Between Culture and Biology: Perspective on ontogenic development*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KELLER, H. *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007.
- KELLER, H.; KÄRTNER, J. Development: The cultural solution of universal development tasks. In: M. J. GELFAND; C. CHIUY. Hong, *Advances in culture and psychology*. New York: Oxford University Press, 2013.
- KELLER, H., LOHAUS, A.; VOLKER, S.; CAPPENBERG, M.; CHASIOTIS, A. Temporal contingency as an independent component of parenting behavior. *Child Development*, v.70, p.474–485, 1999.
- KERBER, K. W. The perception of nonemergency helping situations: Costs, rewards, and the altruistic personality. *Journal of Personality*, v.52, p. 177–187, 1984.
- KOLLER, S. H.; CAMINO, C.; RIBEIRO, J. Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, v.18, p.43-53, 2001.
- KOWALSKI, R. M.; GIUMETTI, G. W.; SCHROEDER, A. N.; LATTANNER, M. R. Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, v.140, p.1073-1137, 2014.
- KREBS, D. Altruism: An examination of the concept and a review of the literature. *Psychological Bulletin*, v. 73, p.258-302, 1970.
- KUK, A.; CZECHOOWSKI, M.; FEMIAK, J. Social competence and emotional intelligence of future PE teachers and their participation in psychological workshops. *Human Movement*, v.16, p. 163-170, 2015.
- KUMARI, S.; RAINA, T. J. A comprehensive analysis of factors that motivate and hinder the blood donation decision among the younger population. *Journal of Behavioral Health*, v.4, p. 107-111, 2015.

- KURZBAN, R.; BURTON-CHELLEW, M. N.; WEST, S. A. The evolution of altruism in humans. *Annual Review of Psychology*, v. 66, p. 10.1–10.25, 2015.
- KWOK, S. Y. C. L.; GU, M.; CHEUNG, A. P. S. A longitudinal study of the role of children's altruism and forgiveness in the relation between parental aggressive discipline and anxiety of preschoolers in China. *Child Abuse & Neglect*, 65, 236–247, 2017.
- LACHMANN et al. The Role of Empathy and Life Satisfaction in Internet and Smartphone Use Disorder. *Frontiers in Psychology*, v.9, p.1-11, 2018.
- LAIBLE, D. J.; THOMPSON, R. A. Attachment and emotional understanding in preschool children. *Developmental Psychology*, v.34, p.1038–1045, 1998.
- LAIBLE, D. J.; CARLO, G.; ROESCH, S.C. Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Journal of Adolescence*, 27, 703-716, 2004.
- LAIBLE, D.; THOMPSON, R. Attachment and emotional understanding in preschool children. *Developmental Psychology*, v.34, p. 1038–1045, 1998.
- LANG, F. R. Endings and continuity of social relationships: Maximizing intrinsic benefits within personal networks when feeling near to death. *Journal of Social and Personal Relationships*, v.17, p.155–182, 2000.
- LANKAU, A.; KRAJEWSKA-KULAK, E.; JANKOWIAK, B.; BARANOWSKA, A.; BEJDA, G. Effect of nurses' religious beliefs on their empathy and life satisfaction. *Progress in Health Sciences*, 7, 18-25, 2017.
- LEE, J. L. C. Reconsolidation: Maintaining memory relevance. *Trends in Neuroscience*, v.32, p.413-420, 2009.
- LEEDS, R. Altruism and the norm of giving. *Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development*, v.9, p.229-240, 1963.
- LEGARE, C. H.; WEN, N. J.; HERRMANN, P. A.; WHITEHOUSE, H. Imitative flexibility and the development of cultural learning. *Cognition*, 142, 351–361, 2015.
- LEGERSTEE, M.; HALEY, D. W; BORNSTEIN, M. H. (2013). *The Infant Mind: Origins of the social brain*. London: The Guilford Press, 2013.
- LEMOS, V. Construcción y validación de una Escala para la Evaluación de la Deseabilidad Social Infantil (EDESI). *Interdisciplinaria*, v.22, p.77-96, 2005.

- LENCASTRE, M. P. A. Evolução do altruísmo e da cooperação nos grupos humanos. In: P. CUNHA, A. TOSCANO, C. BARROS, C. T. RAMOS, G. JÓLLUSKIN, I. C., LEITE, I., SILVA, J. S. MARTINS, M. COUTINHO, N. BARROS, P. CARDOSO, T. TOLDY (Eds.), *Construir a paz: Visões interdisciplinares e internacionais sobre conhecimentos e práticas*. Portugal: E-book UFP, 2013.
- LEÓN-RODRÍGUEZ, D.; SIERRA-MEJÍA, H. Desarrollo de la comprensión de las consecuencias de las emociones. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v.40, p.35-45, 2008.
- LEVINE, L. E.; HOFFMAN, M. L. Empathy and cooperation in 4-year-olds. *Developmental Psychology*, v.11, p.533–534, 1975.
- LEVY, J., YIRMIYA, K., GOLDSTEIN, A., & FELDMAN, R. (2019). *Chronic trauma impairs the neural basis of empathy in mothers: Relations to parenting and children's empathic abilities*. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 38, 100658.
- LISSA, C. J. V.; HAWK, S. T.; BRANJE, S.; KOOT, H. M.; MEEUS, W. H. J. Common and unique associations of adolescents' affective and cognitive empathy development with conflict behavior towards parents. *Journal of Adolescence*, v.47, p. 60-70, 2016.
- LISSA, C. J. V.; HAWK, S. T.; BRANJE, S.; KOOT, H. M.; MEEUS, W. H. J. Common and unique associations of adolescents' affective and cognitive empathy development with conflict behavior towards parents. *Journal of Adolescence*, v.47, p.60-70, 2016.
- LONG, M. C. & KRAUSE, E. Altruism by age and social proximity. *PLOS ONE*, v.12, p.1-24, 2017.
- LOURENÇO, O. From cost-perception to gain-construction: Toward a Piagetian explanation of the development of altruism in children. *International Journal of Behavior Development*, v.13, p.119-132, 1990.
- LOURENÇO, O. From cost-perception to gain-construction: toward the piagetian explanation of development of altruism in children. *International Journal of Behavior Development*, v. 13, p.119-132, 1990b.
- LOURENÇO, O. Porque são tão pouco altruístas as crianças pré-escolares? Considerações teóricas, dados empíricos, implicações educacionais. *Análise Psicológica*, v.1, p.89-97, 1991.
- LOURENÇO, O. Da percepção de custos à construção de ganhos: Um estudo longitudinal de 4 anos. *Análise Psicológica*, v. 4, p. 497-505, 1993.
- LOURENÇO, O. What develops in children's development of altruism?. *Infancia y Aprendizaje*, v.17, p.185-197, 1994.

- LOURENÇO, O. Piaget's theory and children's development of prosocial behavior: the force of negation. In: J. I. M., CARPENDALE; U. M. ILLER (Ed.), *Social interaction and the development of knowledge*. New York: Psychology Press, 2004.
- LOURENÇO, O. Toward a piagetian explanation of the development of prosocial behaviour in children: The force of negational thinking. *British Journal of Development Psychology*, v.11, p.91-106, 2011.
- LOURENÇO, O. M. Porque são tão pouco altruístas as crianças pré-escolares? Considerações teóricas, dados empíricos, implicações educacionais. *Análise Psicológica*, v.1, p.89-97, 1991.
- LU, C.; JIANG, Y.; ZHAO, X.; FANG, P. Will helping others also benefit You? Chinese adolescents' altruistic personality traits and life satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, v.21, p.1407–1425, 2020.
- MA, H. K.; LEUNG, M. C. The relation of altruistic orientation to family social environment in chinese children. *Psychology: An International Journal of Psychology in the Oriente*, 38, 109-115, 1995.
- MACCOBY, E. E. Historical Overview of Socialization Research and Theory. In: GRUSEC, J. E.; HASTING, P. D. (Eds.). *Handbook of Socialization: Theory and Research*. NY: The Guilford Press, 2015.
- MACCOBY, E. E.; JACKLIN, C. N. *The psychology of sex differences*. Stanford: Stanford University Press, 1974.
- MANCZAK, E. M.; DELONGIS, A.; CHEN, E. Does empathy have a cost? Diverging psychological and physiological effects within families. *Health Psychology*, 35, 211-218, 2016.
- MARSH, A. A. (2015). Neural, cognitive, and evolutionary foundations of human altruism. *WIREs Cognitive Science*, v.7, p.59-71, 2015.
- MARSH, N.; SCHEELE, D.; GERHARDT, H.; STRANG, S.; ENAX, L. The neuropeptide oxytocin induces a social altruism bias. *The Journal of Neuroscience*, v.35, p.15696 – 15701, 2015.
- MASTO, M. Empathy and Its Role in Morality. *The Southern Journal of Philosophy*, v.53, p.74-96, 2015.
- MCAULIFFE, W. H. B.; FORSTER, D. E.; PHILIPPE, J.; MCCULLOUGH, M. E. Digital altruists: Resolving key questions about the empathy–altruism hypothesis in an Internet sample. *Emotion*, v.18, p.493-506, 2018.

- MCCLURE, E. B. A meta-analytic review of sex differences in facial expression processing and their development in infants, children, and adolescents. *Psychological Bulletin*, v.126, p.424–453, 2000.
- MCDONALD, N. M.; MESSINGER, D. S. (The development of empathy: How, when, and why. In: A. ACERBI, , J. A. LOMBO; J. J. SANGUINETI, (Eds.), *Free will, emotions, and moral actions: Philosophy and neuroscience in dialogue*. Vatican City : IF-Press, 2011.
- MCGUIRE, A. M. “It was nothing” - Extending evolutionary models of altruism by two social cognitive biases in judgments of the costs and benefits of helping. *Social Cognition*, v.21, p.363-394, 2003.
- MEHRABIAN, A.; YOUNG, A. L.; SATO, S. Emotional empathy and associated individual differences. *Current Psychology*, v.7, p.221-240, 1988.
- MELO, A. *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Minho, Porto, 2005.
- MENDES, D. M. L. F. Emoções dos bebês. In: C. A. PICCININI; K. SEABRA; V. M. R. VASCONCELLOS (Orgs.), *Bebês na Creche - Contribuições da Psicologia do Desenvolvimento*. Curitiba: Juruá, 2017.
- MENDES, D. M. L. F. Socialização da emoção no desenvolvimento infantil. In: L. F.PESSÔA, D. M L. F. MENDES, & M. L.SEIDL-DE-MOURA, *Parentalidade: Diferentes Perspectivas, Evidências e Experiências*. Curitiba: Appris, 2018.
- MENDES, D. M. L. F.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. Facial Expressions in Mother-Baby Interactional Contexts and Emotional Development. In: B. FLORES (Ed.), *Emotional and Facial Expressions: Recognition, Developmental Differences and Social Importance* (pp. 91-108). NY: Nova Science Publishers, Inc, 2016.
- MICHALSKA, K. J.; KINZLER, K. D.; DECETY, J. Age-related sex differences in explicit measures of empathy do not predict brain responses across childhood and adolescence. *Developmental Cognitive Neuroscience*, v.3, 22–32, 2013.
- MIDLARSKY, E.; BRYAN, J. H. Affect expressions and children's imitative altruism. *Journal of Experimental Research in Personality*, v.6, p.195-203, 1972.
- MILLER, E. K.; COHEN, J. D. An integrative theory of prefrontal cortex function. *Annual Review of Neuroscience*, v.24, p.167–202, 2001.
- MONTAGNER, H. (1996). *A criança ator do seu desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget. Moore, B., & Eisenberg, N. (Orgs). The development of altruism. In: G. J. WHITEHURST (Org.), *Annals of child development*. Greenwich: JAI Press, 1996

- MOORLOCK, G.; IVES, J.; DRAPER, H. Altruism in organ donation: an unnecessary requirement? *Journal of Medical Ethic*, v. 40, p.134-138, 2014.
- MORELLI, S. A.; RAMESON, L. T.; LIEBERMAN, M. D. The neural components of empathy: Predicting daily prosocial behavior. *Social Cognitive and Affect Neuroscience*, v. 9, p.39–47, 2014.
- MORGADO, A. M.; DIAS, M. L. V. Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v.17, p.15-22, 2016.
- MOTTA, D. C.; FALCONE, E. M. O.; CLARK, C.; MANHÃES, A. C. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo - Maringá*, v. 11, p.523-532, 2006.
- MOTTA, D. DA C.; FALCONE, E. M. DE O.; CLARCK, C.; MANHÃES, A. C. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, v. 11, p.523-532, 2006.
- MOURA, A. DA S.; KOLLER, H. S. (2010). Expressões de empatia em homens acusados de abuso sexual infantil. *Psico*, v.41, p.184-191, 2010.
- MOURA, H. M., MENDES, D. M. L. F. (2020a). Genuine Altruism. In: K. S.TODD; V. A. WEEKES-SHACKELFORD (Org.). *Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science* (2º ed). New York: Springer, 2020a.
- MOURA, H. M.; MENDES, D. M. L. F. Observation of altruism. In: K. S.TODD.; V. A. WEEKES-SHACKELFORD. (Org.). *Encyclopedia of evolutionary psychological science* (2 Ed). New York: Springer, 2020b.
- MULLIGAN, C. B. *Parental priorities and economic inequality*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- NAVALTA, C. P.; MCGEE, L.; UNDERWOOD, J. Adverse Childhood Experiences, Brain Development, and Mental Health: A Call for Neurocounseling. *Journal of Mental Health Counseling*, v.40, p.266–278, 2018.
- NEWTON, E. K.; GOODMAN, M.; THOMPSON, R. A. Why do some toddlers help a stranger? Origins of individual differences in prosocial behavior. *Infancy*, v.19, p.214–226, 2014.
- O'BRIEN, E.; KONRATH, S. H.; GRÜHN, D.; HAGEN, A. L. Empathic concern and perspective taking: linear and quadratic effects of age across the adult life span. *Journal of Gerontology Series B*, v.68, p.168–175, 2013.

- ODA, R.; SHIBATA, A.; KIYONARI, T.; TAKEDA, M.; MATSUMOTO-ODA, A. Sexually dimorphic preference for altruism in the opposite sex according to recipient. *British Journal of Psychology*, v.104, p.577-584, 2013.
- OLIVA, A. D.; VIEIRA, M. L.; MENDES, D. M. F.; MARTINS, G. D. F. Aspectos biológicos e culturais sobre o desenvolvimento infantil e cuidados parentais. In: M. L. VIEIRA, & A. D. OLIVA (Orgs.), *Evolução, cultura e comportamento humano*. Florianópolis: Edições do Bosque, 2017.
- OLIVEIRA, M. D. G. S.; FALCONE, E. M. DE O.; RIBAS JR, R. C. A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: Um estudo preliminar. *Interação em Psicologia*, v.13, p.287-298, 2009.
- PALAGI, E.; CORDONI, G.; BORGOGNINI, T. S. Possible roles of consolation in captive chimpanzees (*Pan troglodytes*). *American Journal Physical Anthropology*, v.129, p.105-111, 2006.
- PALUDO, K. I.; GONÇALVES, L. A. R.; CARON, L.; TONELLI, H. (Como o cérebro constrói o altruísmo: Relações entre empatia afetiva, empatia cognitiva e automatismo psíquico. *Caderno PAIC*, v.19, p.579-591, 2018.
- PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Innate and cultural guidance of infants' integrative competencies: China, the United States, and Germany. In M. H. BORNSTEIN (Ed.), *Cultural approaches to parenting*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.
- PARR, L. A.; WALLER, B. M. The evolution of human emotion. In J. A. KAAS (Ed.), *Evolution of Nervous Systems: A Comprehensive Reference* (4^o vol.). New York: Academic Press, 2007.
- PASALICH, D. S.; DADDS, M. R.; HAWES, D. J. Cognitive and affective empathy in children with conduct problems: Additive and interactive effects of callous–unemotional traits and autism spectrum disorders symptoms. *Psychiatry Research*, v.219, p.625-630, 2014.
- PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, v.36, p.127-134, 2005.
- PEREZ-ALBENIZ, A.; DE PAUL, J. (2003). Dispositional empathy in high-and low-risk parents for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect, Childhood Experience and the Expression of Genetic Potential: What Childhood Neglect Tells Us About Nature and Nurture*. v.27, p.769-780.
- PERRY, B. D. Childhood Experience and the Expression of Genetic Potential: What Childhood Neglect Tells Us About Nature and Nurture. *Brain and Mind*, v.3, p.79–100, 2002.

- PERSON, B. N.; KAJONIUS, P. J. (2016). Empathy and universal values explicated by the empathy-altruism hypothesis. *The Journal of Social Psychology*, v.156, p.610-619.
- PESSÔA, L. F.; SEILD-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L.; CARVALHO, R. V. C.; STOBAUS, L.C. Cooperação e altruísmo no segundo ano de vida e crenças parentais maternas: Um estudo exploratório. *Psico*, v.46, p.217-225, 2015.
- PHILLIPS, T. Human altruism and cooperation explainable as adaptations to past environments no longer fully evident in the modern world. *The Quarterly Review of Biology*, v.90, p.295–314, 2015.
- PILATI, R.; LEÃO, M.; VIEIRA, J. N.; FONSECA, M. DE M. (2008). Efeitos da atribuição de causalidade e custo pessoal sobre a intenção de ajuda. *Estudos de Psicologia*, v.13, p.213-221.
- PORESKY, R. H. (1990). The young children's empathy measure: Reliability, validity and effects of companion animal bonding. *Psychological Reports*, v.66, p.931-936, 1990.
- PORGES, S. W. The polyvagal perspective. *Biological Psychology*, 74, p.116-143, 2007.
- PRESBIE, R. J.; COITEUX, P. F. Learning to be generous or stingy: Imitation of sharing behavior as a function of model generosity and vicarious reinforcement. *Child Development*, v.42, p. 1033-1038, 1971.
- PRESTON, S. D. The origins of altruism in offspring care. *Psychological Bulletin*, v.139, p.1305–1341, 2013.
- PRESTON, S. D.; DE WAAL, F. B. M. Empathy: Its ultimate and proximate bases. *Behavioral and Brain Sciences*, v.25, p.1-20, 2002.
- PRESTON, S. D.; HOFELICH, A. J. The many faces of empathy: Parsing empathic phenomena through a proximate, dynamic-systems view of representing the other in the self. *Emotion Review*, v.4, p.24-33, 2012.
- RAND, D. G.; BRESCOLL, V. L.; EVERETT, J. A. C.; CAPRARO, V.; BARCELO, H. Social heuristics and social roles: Intuition favors altruism for women but not for men. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.145, p.389-396, 2016.
- RHEINGOLD, H. L. Little children's participation in the work of adults, a nascent prosocial behavior. *Child Development*, v.53, p.114-125, 1982.
- RICE, M. E.; GRUSEC, J. E. Saying and doing: effects on observer performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.32, p.584- 593, 1975.
- RICHARD, M. *A revolução do altruísmo*. São Paulo: Palas Athena, 2015.

- RICHERSON, P. J.; BODY, R. *Not by genes alone: How culture transform human evolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- RIEFFE, C.; KETELAAR, L.; WIEFFERINK, C. H. Assessing empathy in young children: Construction and validation of an empathy questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 49, 362-367, 2010.
- RILLING, J. K.; YOUNG, L. J. The biology of mammalian parenting and its effect on offspring social development. *Science*, v.345, p.771-776, 2014.
- RILLING, J. K.; DEMARCO, A. C.; HACKETT, P. D.; THOMPSON, R.; DITZEN, B.; PATEL, R.; PAGNONI, G. Effects of intranasal oxytocin and vasopressin on cooperative behavior and associated brain activity in men. *Psychoneuroendocrinology*, v. 37, p.447- 461, 2012.
- RIZZOLATTI, G.; FABBRI-DESTRO, M. The mirror system and its role in social cognition. *Current Opinion in Neurobiology*, v.18, p.179-184, 2008.
- RIZZOLATTI, G.; FABBRI-DESTRO, M. The mirror system and its role in social cognition. *Current Opinion in Neurobiology*, v.18, p.179-184, 2008.
- ROALF, D. R., MITCHELL, S. H., HARBAUGH, W. T., & JANOWSKY, J. S. Risk, reward, and economic decision making in aging. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, v.67, p.289-298, 2012.
- ROBERTS, G. Reputation and altruism. In T. K. SHACKELFORD, V. A., & WEEKES-SHACKELFORD (Eds.), *Encyclopedia of evolutionary psychological science*. New York: Springer, 2016.
- ROBERTS, W.; STRAYER, J.; DENHAM, S. Empathy, anger, guilt: Emotions and prosocial behaviour. *Canadian Journal of Behavioural Science*, v.46, p.465-474, 2014.
- ROCHAT, T.; STRIANO, P. (2010). Social-cognitive development in the first year. In P. ROCHAT (Ed.), *Early Social Cognition: Understanding Others in the First Months of Life*, 2010.
- ROCHAT, T.; STRIANO, P. Emergence of Selective Social Referencing in Infancy. *Infancy*, v.1, p.253-264, 2000.
- RODRIGO, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia Social*. Vozes: Rio de Janeiro, 2009.
- RODRIGUEZ, E. E.; SÁNCHEZ, E. G. M.; ARICENA, F. L. A. Altruismo y bienestar social em la explicación de voluntariado em estudiantes mexicanos de barillerato y licenciatura. *Juan Lafarga Corona, Universidad Iberoamericana – México Editor Fundador*, v.24, p.85-95, 2013.

- RODRIGUEZ, E. E.; SÁNCHEZ, E. G. M.; ARICENA, F. L. A. Altruísmo y bienestar social em la explicación de voluntariado em estudiantes mexicanos de barillerato y licenciatura. *Juan Lafarga Corona, Universidad Iberoamericana – México Editor Fundador*, v.24, p.85-95, 2013.
- ROSEN, N. O.; MOONEY, K.; MUISE, A. Dyadic empathy predicts sexual and relationship well-being in couples transitioning to parenthood. *Journal of Sex & Marital Therapy*, v.43, p.543-559, 2017.
- ROSENBLATT, J. S. Outline of the evolution of behavioral and nonbehavioral patterns of prenatal care among the vertebrates: critical characteristics of mammalian and avian parental behavior. *Scandinavian Journal of Psychology*, v.44, p.265–271, 2003.
- ROSENHAN, D. Some origins of concern for others. In: P. M. J. LANGER; M. COVINGTON (Eds.), *Trends and issues in developmental psychology*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1969.
- ROTH, E M.. The role of information in bargaining: An experimental study. *Econometrica*, v.50, p.1123-1142, 1982.
- ROTHBART, M. K.; AHADI, S. A.; HERSHEY, K. L. Temperament and social behaviour in childhood. *Merrill-Palmer Quarterly*, v.40, p.21–39, 1994.
- RUFFMAN, T.; SLADE, L.; DEVITT, K.; CROWE, E. What mothers say and what they do: The relation between parenting, theory of mind, language and conflict/cooperation. *British Journal of Development Psychology*, v. 24, p.105-124, 2006.
- RUSHTON, J. P.; CHRISJOHN, R. D.; FEKKEN, G. C. The altruistic personality and the self-report altruism scale. *Personality and Individual Differences*, v.2, p.293-302, 1981.
- SAGI, A.; HOFFMAN, M. L. Empathic distress in the newborn. *Dev. Psychol.* v. 12, p.175–176, 1976.
- SABLOSKY, R. Does religion foster generosity?. *The Social Science Journal*, v.51, p. 545-555, 2014.
- SAMPAIO, L. R.; MOURA, M. A. R.; GUIMARÃES, P. R. B.; SANTANA, L. B. DE; CAMINO, C. P S. Sentimentos empáticos em crianças, adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.29, p.393-401, 2013.
- SAMPAIO, L. R.; MOURA, M. A. R.; GUIMARÃES, P. R. B.; SANTANA, L. B.; CAMINO, C. P. DOS S. Sentimentos empáticos em crianças, adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.29, p.393-401, 2013.

- SAMUEL, P.; PANDEY, S. Life satisfaction and altruism among religious leaders. *The International Journal of Indian Psychology*, v.6, p.89-95, 2018.
- SÁNCHEZ-PÉREZ, N.; FUENTES, L. J.; JOLLIFFE, D.; GONZÁLEZ-SALINAS, C. Assessing children's empathy through a spanish adaptation of the basic empathy scale: Parent's and child's report forms. *Frontiers in psychology*, v.5, p.1-13, 2014.
- SAXE, R. Uniquely human social cognition. *Current Opinion in Neurobiology*, v.16, p.235–239, 2006.
- SCHERMANN, L. Considerações sobre a interação mãe-criança e o nascimento pré- termo. *Temas em Psicologia da SBP*, v.9, p.55-61, 2001.
- SCHERMANN, L. Avaliação quantitativa e qualitativa da interação mãe-bebê. In: C. A. PICCININI; SEIDL-DE-MOURA, M. L. (Orgs), *Observando a interação pais-bebê-criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- SCHNEIDERMAN, I.; ZAGOORY-SHARON, O.; LECKMAN, J. F.; FELDMAN, R. Oxytocin during the initial stages of romantic attachment: Relations to couples' interactive reciprocity. *Psychoneuroendocrinology*, v.37, p.1277-1287, 2012.
- SCHORE, A. N. Affect regulation and the origin of the self. The neurobiology of emotional development. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.
- SCHORE, A. N. Effects of a secure attachment relationship on right brain development, affect regulation, and infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, v.22, p.7–66, 2001.
- SCHWENCK, C.; GÖHLE, B.; HAUF, J.; WARNKE, A.; FREITAG, C. M.; SCHNEIDER, W. Cognitive and emotional empathy in typically developing children: The influence of age, gender, and intelligence. *European Journal of Developmental Psychology*, v.11, p.63-76, 2013.
- SCHWENCK, C.; MERGENTHALER, J.; KELLER, K.; ZECH, J.; SALEHI, S.; TAURINES, R.; RAMOS, M.; SCHECKLMANN, M.; SCHNEIDER, W.; WARNKE, A.; FREITAG, C. M. Empathy in children with autism and conduct disorder: Group-specific profiles and developmental aspects. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v.53, p.651-659, 2012.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L. *Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: uma contribuição ao estudo da gênese da atividade mediada*. Tese de professor titular em desenvolvimento cognitivo, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L. Algumas reflexões sobre a psicologia do desenvolvimento e sua importância no estudo da mente e comportamentos humanos. In: S. M. G., GONDIM; A. M. CHAVES (Orgs.), *Práticas e saberes psicológicos e suas conexões*. Salvador: UFBA, 2011.

- SEIDL-DE-MOURA, M. L. S. Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. In: F. A. R. PONTES; C. M. C. MAGALHÃES; R. C. S. BRITO.; W. L. B. MARTIN (Orgs). *Temas pertinentes a construção da psicologia contemporânea*. Belém: EdUFPA, 2005.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F. (2012). Human Development: The Role of Biology and Culture. In: M. L. SEIDL-DE-MOURA (Ed.). *Human Development: Different Perspectives*. Croácia: InTech, 2012.
- SELMAN, R. L.; BYRNE, D. F. A structural developmental analysis of role taking in middle childhood. *Child Development*, v. 45, p.803-806, 1974.
- SEYFARTH, R. M.; CHENEY, D. L. Affiliation, empathy, and the origins of theory of mind. *Proceedings of the National Academy of Science USA*, v.110, p.10349–10356, 2013.
- SHAMAY-TSOORY, S. G. The neural bases for empathy. *Neuroscientist*, v.17, p.18–24, 2011.
- SIEGEL, D. J. *The developing mind: Toward a neurobiology of interpersonal experience*. New York, NY: Guilford Press, 1999.
- SILK, J. B.; PAUL, W. G.; COLIN, F. C.; EMST, F.; RUSSELL, A. P. *Social preferences in primates neuroeconomics*. London, England: Academic Press, 2009.
- SIMPSON, B.; WILLER, R. Beyond altruism: Sociological foundations of cooperation and prosocial behavior. *Annual Review of Sociology*, v.41, p.41-63, 2015.
- SINGER, T.; SEYMOUR, B.; O'DOHERTY, J. P.; STEPHAN, K. E.; DOLAN, R. J.; FRITH, C. D. Empathy neural responses are modulated by the perceived fairness of others. *Nature*, v.439, p.466-469, 2006.
- SLOTE, M. Saucers of mud: Why sympathy and altruism require empathy. *Ethics & Politics*, v.17, p.12-26, 2015.
- SMITH, A. Cognitive empathy and emotional empathy in human behavior and Evolution. *The Psychological Record*, v.56, p.3-21, 2006.
- SOARES, A. K. S.; LOPES, G. S.; REZENDE, A. T.; RIBEIRO, M. G. C.; SANTOS, W. S.; GOUVEIA, V. V. Escala de Desejabilidade Social Infantil (EDSI): Evidência de validade fatorial e consistência interna. *Avances em Psicologia Latinoamericana*, v.34, p.383-394, 2016.
- SOBER, E.; WILSON, D. S. *Unto others: The evolution and psychology of unselfish behavior*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

- SOENENS, B.; DURIEZ, B.; VANSTEENKISTE, M.; GOOSSENS, L. The intergenerational transmission of empathy-related responding in adolescence: The role of maternal support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v.33, p.299-311, 2007.
- STANGER, N.; KAVUSSANU, M.; RING, C. Put Yourself in Their Boots: Effects of Empathy on Emotion and Aggression. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v.34, p.208–222, 2012.
- STAUB, E. Use of role playing and induction in children's learning of helping or sharing behavior. *Child Development*, v.42, p.805- 816, 1971.
- STAUB, E. *Positive social behavior and morality: Social and personal influences*. New York: Academic Press, 1978.
- STAUB, E.; SHERK, L. Need for approval, children's sharing behavior, and reciprocity in sharing. *Child Development*, v.41, p.243-253, 1970.
- STAVROVA, O.; EHLEBRACHT, D. A longitudinal analysis of romantic relationship formation: The effect of prosocial behavior. *Social Psychological and Personality Science*, v. 6, p.1-7, 2015.
- STEIMEL, S. Skills-Based Volunteering as Both Work and Not Work: A Tension-Centered Examination of Constructions of “Volunteer”. *International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, v.29, p.133-143, 2018.
- STERN, J. A.; BORELLI, J. L.; SMILEY, P. A. Assessing parental empathy: A role for empathy in child attachment. *Attachment & human development*, v.17, p.1-22, 2015.
- STEVENS, J. R.; HAUSER, M. D. Why be nice? Psychological constraints on the evolution of cooperation. *Trends in Cognitive Science*, v.8, p.60-65, 2004.
- STUIJFZAND, S.; WIED, M. D.; KEMPES, M.; GRAAFF, J. V. D.; BRANJE, S.; MEEUS, S. B. Gender Differences in Empathic Sadness towards Persons of the Same- versus Other-sex during Adolescence. *Sex Roles*, v.75, p.434–446, 2016.
- STEVENS, J. R., & HAUSER, M. D. Why be nice? Psychological constraints on the evolution of cooperation. *Trends in Cognitive Science*, v.8, p.60-65, 2004.
- STOTLAND, E. Exploratory investigations of empathy. *Advances in Experimental Social Psychology*, v.4, p.271-314, 1969.
- STRAYER, J.; ROBERTS, W. Children's empathy and role taking: Child and parental factors, and relations to prosocial behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v.10, p.227-239, 1989.

- STRAYER, J.; ROBERTS, W. Children's anger, emotional expressiveness, and empathy: relations with parents' empathy, emotional expressiveness, and parenting practices. *Social Development*, v.13, p.229-254, 2004.
- STRAYER, J.; VON ROSSBERG-GEMPTON, I. E.; ROBERTS, W. L. *The empathy continuum scoring manual*. Canada: Simon Fraser University, 1992.
- STUKAS, A.; SWITZER, G.; DEW, M.; GOYCOOLEA, J.; SIMMONS, R. Parental helping models, gender, and service learning. *Journal of Prevention and Intervention in the Community*, v.18, p.5-18, 1999.
- SVETLOVA, M.; NICHOLS, S. R.; BROWNELL, C. A. Toddlers' prosocial behavior: From instrumental to empathic to altruistic helping. *Child Development*, v.81, p.1814-1827, 2010.
- SWAIN, J. E.; KONRATH, S.; BROWN, S. L.; FINEGOOD, E. D.; AKCE, L. B.; DAYTON, C. J.; HO, S. S. Parenting and beyond: Common neurocircuits underlying parental and altruistic caregiving. *Parenting Science and Practice*, v.12, p.115-123, 2012.
- SZE, J. A.; GYURAK, A.; GOODKIND, M. S.; LEVENSON, R. W. Greater emotional empathy and prosocial behavior in late life. *Emotion*, v.12, p.1129-1140, 2012.
- SZUSTER, A. Crucial dimensions of human altruism: Affective vs. conceptual factors leading to helping or reinforcing others. *Frontiers in Psychology*, v.7, p.1-5, 2016.
- TAUMOEPEAU, M.; RUFFMAN, T. Mother and infant talk about mental states relates to desire language and emotion understanding. *Child Development*, v.77, p.465-481, 2006.
- TAUMOEPEAU, M.; RUFFMAN, T. Stepping stones to others' minds. *Child Development*, v.79, p.284-302, 2008.
- TAYLOR, S. E.; KLEIN, L. C.; LEWIS, B. P.; GMENEWALD, T. L.; GUMNG, R. A. R.; UPDEGRAFF, J. A. Biobehavioral responses to stress in females: Tend-and-befriend, not fight-or-flight. *Psychological Review*, v.107, p.411-429, 2000.
- TEICHER, M. H.; SAMSON, J. A.; ANDERSON, C. M.; OHASHI, K. The effects of childhood maltreatment on brain structure, function and connectivity. *Nature Reviews Neuroscience*, v.17, p.652-666, 2016.
- THOMPSON, R. A. The Development of the Person: Social Understanding, Relationships, Conscience, Self. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology*. Hoboken, NJ: Wiley, 2006.

- TOI, M.; BATSON, C. D. More evidence that empathy is a source of altruistic motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.43, p.281-292, 1982.
- TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2001.
- TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. London: The MIT Press, 2010.
- TOMASELLO, M.; CARPENTER, M.; CALL, J.; BEHNE, T.; MOLL, H. Understanding and sharing intentions: The ontogeny and phylogeny of cultural cognition. *Behavioral & Brain Sciences*, v.28, p.675–691, 2005 .
- TOMOVA, L.; VON DAWANS, B.; HEINRICHS, M.; SILANI, G.; LAMM, C. Is stress affecting our ability to tune into others? Evidence for gender differences in the effects of stress on self-other distinction. *Psychoneuroendocrinology*, v.43, p.95-104, 2014.
- TOOBY, J.; COSMIDES, L. Friendship and the banker's paradox: Other pathways to the evolution of adaptations for altruism. *Proceedings of the British Academy*, v.88, p.119-143, 1996.
- TOPCU, Ç.; ERDUR-BAKER, Ö. Affective and cognitive empathy as mediators of gender differences in cyber and traditional bullying. *School Psychology International*, v.33, p.550–561, 2012.
- TORRÉNS, M. G.; KÄRTNER, J. Affiliation motivates children's prosocial behaviors: Relating helping and comforting to imitation. *Social Development*. v.28, p.501-513, 2018.
- TRIVERS, R. Parental investment and sexual selection. In: B. CAMPBELL (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man 1871-1971*. Chicago: Aldine Press, 1972.
- TROMMSDORFF, G.; COLE, P. M. Emotion, self-regulation and social behavior in cultural contexts. In: X. CHEN; K. H. RUBIN (Eds.), *Socioemotional Development in Cultural Context*. NY: The Guilford Press, 2011.
- TRUMPETER, N. N.; WATSON, P. J.; O'LEARY, B. J.; WEATHINGTON, B. L. Self-functioning and perceived parenting: Relations of parental empathy and love inconsistency with narcissism, depression and self-esteem. *The Journal of Genetic Psychology*, v.169, p.51-71, 2008.
- TSUJIMOTO, S. The prefrontal cortex: Functional neural development during early childhood. *The Neuroscientist*, v.14, p.345–358, 2008.

- ULEMAN, J. S.; KRESSEL, L. M. A brief history of theory and research on impression formation. In: D. E. CARLSTON (Ed.). *The Oxford handbook of social cognition*. Oxford: Oxford University, 2014.
- UMMET, D.; EKSI, H.; OTRAR, M. Altruism among University Students: A Study of Transactional Analysis Ego States and Life Satisfaction. *The Antropologist*, v.20, p.625-635, 2017.
- UNDERWOOD, B.; MOORE, B. The generality of altruism in children. In: N. Eisenberg (Ed.). *The development of prosocial behavior*. New York: Academic Press, 1982.
- VAN DER MARK, I. J.; VAN IJZENDOORN, M. H.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. J. Development of empathy in girls during the second year of life: Associations with parenting, attachment, and temperament. *Social Development*, v.11, p.451-468, 2002.
- VAN LISSA, C. J.; HAWK, S. T.; BRANJE, S. J.; KOOT, H. M.; VAN LIER, P. A.; MEEUS, W. H. Divergence between adolescent and parental perceptions of conflict in relationship to adolescent empathy development. *Journal of youth and adolescence*, v.44, p.48-61, 2015.
- VIEIRA, B. DE A.; KUPERMANN, D. Uma adaptação da escuta clínica: A ferramenta da empatia como modificação técnica chave para a clínica contemporânea. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*, v.33, p.41-48, 2017.
- VIEIRA, M. L.; PRADO, A. B. Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogêneses e ontogênese no desenvolvimento infantil. In: M. L. SEIDL-DE-MOURA (Org.), *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- VILALVA, S.; LÖHR, S.; GUEDES, M. Comportamento Altruísta na Infância: O que a Literatura nos Mostra. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.37, p.e373514, 2021.
- VILLADANGOS, M.; ERRASTI, J.; AMIGO, I.; JOLLIFFE, D.; GARCÍA-CUETO, E. Characteristics of Empathy in young people measured by the Spanish validation of the Basic Empathy Scale. *Psicothema*, v.28, p.323-329, 2016.
- VISSER, M. S.; ROELOFS, M. R. Heterogeneous preferences for altruism: gender and personality, social status, giving and taking. *Experimental Economics*, v.14, p.490-506, 2011.
- WAGERS, K. B.; KIEL, E. J. The influence of parenting and temperament on empathy development in toddlers. *Journal of Family Psychology*, v.33, p.391-400, 2019.
- WALLACH, M. A.; WALLACH, L. *Psychology's sanction for selfishness*. San Francisco: Freeman, 1983.

- WAMEKEN, F.; TOMASELLO, M. Varieties of altruism in children and chimpanzees. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 13, p. 397—402, 2009b.
- WARNEKEN, F. The roots of human altruism. *British Journal of Psychology*, v.100, p.455-471, 2009.
- WARNEKEN, F. The roots of human altruism. *British Journal of Psychology*, v.100, p.455-471, 2009.
- WARNEKEN, F. *On the origins of altruism in ontogeny and phylogeny*. Palestra apresentada no Boston University Dialogues on Biological Anthropology, Boston, MA, 2010.
- WARNEKEN, F. Young children proactively remedy unnoticed accidents. *Cognition*, v. 126, p. 101-108, 2013.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. Altruistic helping in human infants and young chimpanzees. *Science*, v.311, p.1301-1303, 2006.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. Helping and cooperation at 14 months of age. *Infancy*, v.11, p.271-294, 2007.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. Extrinsic rewards undermine altruistic tendencies in 20-month-olds. *Developmental Psychology*, v.44, p.1785-1788, 2008a.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. *Roots of human altruism in chimpanzees*. *Primate Eye* 96 (Special Issue: Abstracts of the XXII Congress of IPS), v.16, 2008b.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. The roots of human altruism. *British Journal of Psychology*, v.100, p.455-471, 2009.
- WARNEKEN, F.; TOMASELLO, M. Parental presence and encouragement do not influence helping in young children. *Infancy*, v.18, p.345–368, 2013.
- WARNEKEN, F.; CHEN, F.; TOMASELLO, M. Cooperative activities in young children and chimpanzees. *Child Development*, v. 77, p.640-663, 2006.
- WARNEKEN, F.; HARE, B.; MELIS, A. P.; HANUS, D.; TOMASELLO, M. Spontaneous altruism by chimpanzees and young children. *PLoS Biology*, v.5, p.1414 – 1420, 2007.
- WARRIER, V.; TORO, R.; CHAKRABARTI, B.; BØRGLUM, A. D.; GROVE, J.; HINDS, D. A.; BOURGERON, T.; BARON-COHEN, S. Genome-wide analyses of self-reported empathy: Correlations with autism, schizophrenia, and anorexia nervosa. *Translational Psychiatry*, v.3, p.1-10, 2018.

- WATANABE S; ONO K. An experimental analysis of “empathic” response: Effects of pain reactions of pigeon upon other pigeon’s operant behavior. *Behavioral Processes*, v.13, p.269–77, 1986.
- WAUGH, W.; BROWNELL, C.; POLLOCK, B. Early socialization of prosocial behavior: Patterns in parents’ encouragement of toddlers’ helping in an everyday household task. *Infant Behavior and Development*, v.39, p.1–10, 2015.
- WEINBERGER, M.; ZHITOMIRSKY-GEFFET, M.; BOUHNİK, D. Sex differences in attitudes towards online privacy and anonymity among Israeli students with different technical backgrounds. *ERIC*, v.22, p.1-23, 2017.
- WELLMAN, H.; CROSS, D.; WATSON, J. Meta-analysis of theory of mind development: The truth about false belief. *Child Development*, v.72, p. 655– 684, 2001.
- WENG, H. Y.; FOX, A. S.; SHACKMAN, A. J.; STODOLA, D. E.; CALDWELL, J. Z. K.; OLSON, M. C.; ROGERS, G. M.; DAVIDSON, R. J. Compassion training alters altruism and neural responses to suffering. *Psychological Science*, v. 24, p.1171-1180, 2013.
- WINKELER, M.; FILIPP, S.-H.; BOLL, T. Positivity in the aged’s perceptions of intergenerational relationships: A ‘stake’ or ‘leniency’ effect?. *International Journal of Behavioral Development*, v.24, p.173–182, 2000.
- WRZUS, C.; WAGNER, J.; BAUMERT, A.; NEYER, F. J.; LANG, F. R. Adult parent–child relationships through the lens of social relations analyses: Prosocial personality and reciprocity of support. *European Journal of Personality*, v.25, p.133–145, 2011.
- YAMAMOTO, S.; HUMLE, T.; TANAKA, M. Chimpanzees help each other upon request. *PLoS ONE*, v.4, p. e7416, 2009.
- YARROW, M. R.; SCOTT, P. M.; WAXLER, C. Z. Learning concern for others. *Developmental Psychology*, v.8, p.240-260, 1973.
- YOULL, D. J. B.; DUTSCHI, J. P. The empathy-altruism association and its relevance to health care professions. *Society for Personality Research*, v.40, p.395-400, 2012.
- ZAHN-WAXLER, C.; ROBINSON, J. J.; EMDE, R. N. The development of empathy in twins. *Developmental Psychology*, v.28, p.1038–1047, 1992.
- ZAJDEL, R. T.; BLOOM, J. M.; FIREMAN, G.; LARSEN, J. T. Children's Understanding and Experience of Mixed Emotions: The Roles of Age, Gender, and Empathy. *The Journal of Genetic Psychology*, v.174, p. 582-603, 2012.

ZAJDEL, R. T.; BLOOM, J. M.; FIREMAN, G.; LARSEN, J. T. Children's understanding and experience of mixed emotions: The roles of age, gender, and empathy. *The Journal of Genetic Psychology*, v.174, p.582-603, 2012.

ZYCH, I., BALDRY, A. C.; FARRINGTON, D. P.; LLORENT, V. J. Are children involved in cyberbullying low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different cyberbullying roles. *Aggression and Violent Behavior*, v.45, p.83-97, 2018.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos as senhoras e seu (sua) filho(a) para participar de uma pesquisa que está sendo realizada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e tem como objetivo estudar comportamentos sociais de crianças de 8 a 12 anos e suas respectivas mães. Todas as famílias que concordarem em participar, autorizando neste termo de consentimento, participarão de atividades em suas próprias casas, onde mães responderão instrumentos padronizados e questionário sociodemográfico e as crianças responderão tarefas e a uma escala.

Os procedimentos utilizados seguem as normas estabelecidas pelo Código de Ética do Psicólogo e sua participação tem como risco apenas a possível fadiga que o preenchimento destes instrumentos e a realização destas atividades podem normalmente trazer. Os resultados deste estudo deverão ser publicados em artigos e encontros científicos, contudo sem que nomes sejam revelados. Você não terá nenhuma despesa e não receberá nenhum pagamento para participar desta pesquisa, mas esperamos que ela possa contribuir para um melhor conhecimento científico sobre as famílias, especialmente no que tange aos comportamentos sociais verificados no seio familiar.

Sempre que se desejar, você pode pedir informações sobre o estudo, pois a pesquisadora responsável Hysla Moura estará ao seu dispor para tirar qualquer dúvida antes e durante a pesquisa pelo telefone (21) 9969-85774. Você tem total liberdade para recusar a sua participação e/ou de seu(sua) filho(a) neste estudo a qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Caso você tenha dificuldade de entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, Nº 524, sala 3020, bloco E, 3º andar – Maracanã -Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br – Telefone: (21) 2334-2180. Tendo em vista as informações acima apresentadas, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e autorizo a participação do meu filho(a).

Assinatura da Mãe

Assinatura da criança

Hysla Magalhães de Moura (Pesquisadora responsável)

ANEXO A - Escala de Multidimensionalidade de Reatividade Interpessoal de Davis

INSTRUÇÕES. As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, identifique o quanto você concorda ou não que seu pensamento ou sentimento é descrito por cada afirmação. Escreva o número que você identifica como sendo o mais apropriado ao lado das afirmativas.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

1. ____ Eu frequentemente tenho sentimentos de ternura e preocupação por pessoas menos afortunadas do que eu.
2. ____ Às vezes, eu não lamento muito por outras pessoas que estão tendo problemas.
3. ____ Em situação de emergência, eu me sinto ansioso(a) e desconfortável.
4. ____ Eu tento considerar os argumentos de todas as pessoas em uma discussão antes de tomar uma decisão.
5. ____ Quando eu vejo alguém sendo roubado eu sinto vontade de protegê-lo.
6. ____ Às vezes, eu me sinto desconfortável quanto estou no meio de uma situação muito emotiva.
7. ____ Às vezes, eu tento entender melhor meus amigos(as), imaginando como as coisas são vistas da perspectiva deles(as).
8. ____ As desgraças e os problemas dos outros, em geral, não me perturbam muito.
9. ____ Estar em uma situação emocional tensa assusta-me.
10. ____ Quando vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele.
11. ____ Frequentemente eu fico emocionado(a) com coisas que eu vejo acontecer.
12. ____ Eu acredito que existem dois lados para cada questão e tento olhar para ambos.
13. ____ Eu descreveria a mim mesmo(a) como uma pessoa de coração mole.
14. ____ Eu tendo a perder o controle durante emergências.
15. ____ Quando eu estou incomodado(a) com alguém, geralmente eu tento me colocar em seu lugar por um momento.
16. ____ Quando eu vejo alguém que tem grande necessidade de ajuda em uma emergência, eu fico desesperado(a).
17. ____ Antes de criticar alguém, eu tento imaginar como eu me sentiria, se eu estivesse em seu lugar.

ANEXO B - Escala de Altruísmo Autoinformado

INSTRUÇÕES. Considere a lista de frases a seguir. Utilizando a escala de resposta que se segue, indique a alternativa que corresponde ao quanto cada uma das afirmativas se aplica a você. Lembramos que não existem respostas certas ou erradas. Deste modo, pedimos que, por favor, responda a todas as frases de forma mais sincera possível.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

01. ____ Já ajudei a empurrar um carro enguiçado (quebrado) de um estranho.
02. ____ Já dei direções ou orientações a um estranho.
03. ____ Já troquei dinheiro para um estranho.
04. ____ Já dei dinheiro para uma organização de caridade.
05. ____ Já dei dinheiro para um estranho necessitado (ou que me pediu).
06. ____ Já doei bens ou roupas para uma organização de caridade.
07. ____ Já trabalhei como voluntário(a) para uma organização de caridade.
08. ____ Já doei sangue.
09. ____ Já ajudei a carregar os pertences de um estranho (livros, sacolas, etc.).
10. ____ Já segurei um elevador e mantive a porta aberta para um estranho entrar.
11. ____ Já deixei alguém passar na minha frente em uma fila (na fotocopiadora ou no supermercado).
12. ____ Já dei carona a um estranho no meu carro (dos meus pais ou amigos).
13. ____ Já mostrei a um(a) balconista (por exemplo, no supermercado, na lanchonete) seu erro por ter me cobrado menos do que eu deveria pagar.
14. ____ Já ajudei um(a) vizinho(a), que não conheço muito bem, dando emprestado algo de valor (por exemplo, ferramentas, eletrodomésticos).
15. ____ Já comprei cartões de Natal de organização de caridade só por saber que se tratava de uma boa causa.
16. ____ Já ajudei um(a) colega de classe, que não conheço muito bem, com um trabalho da faculdade quando meu conhecimento era maior que o dele(a).
17. ____ Já fui solicitado, voluntariamente, para tomar conta de animais de estimação ou crianças do(a) vizinho(a) sem receber qualquer pagamento em troca.
18. ____ Já ofereci ajuda a um deficiente ou idoso desconhecido para atravessar a rua.
19. ____ Já ofereci meu assento no ônibus para um(a) desconhecido(a) que estava de pé.
20. ____ Já ajudei um(a) conhecido(a) a mudar de casa.

ANEXO C - Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne

INSTRUÇÕES. Leia as sentenças a seguir e avalie o quanto cada item representa verdadeiramente (V) ou não (F) seu próprio comportamento.

01. ____ É difícil fazer meu trabalho se não sou encorajado(a).
02. ____ Nunca antipatizei com alguém intensamente.
03. ____ Já duvidei sobre minha habilidade para ter sucesso na vida.
04. ____ Sinto-me chateado(a) quando falo algo e não me compreendem.
05. ____ Meus modos à mesa são os mesmos em casa ou em um restaurante.
06. ____ Entraria em um cinema sem pagar, se soubesse que não seria visto(a).
07. ____ Gosto de fazer fofoca.
08. ____ Já senti vontade de me rebelar contra pessoas com autoridade.
09. ____ Já fingi estar doente para fugir de alguma responsabilidade.
10. ____ Já tirei vantagem de alguém.
11. ____ Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo um erro.
12. ____ Tento acertar as contas, em lugar de perdoar e esquecer.
13. ____ Sou sempre educado(a), mesmo com pessoas desagradáveis.
14. ____ Já insisti em ter as coisas feitas do meu modo.
15. ____ Nunca me chateei quando alguém me pediu para retribuir um favor.
16. ____ Já senti vontade de quebrar coisas.
17. ____ Não me aborreço com pessoas que têm ideias diferentes das minhas.
18. ____ Já senti inveja da boa sorte de outras pessoas.
19. ____ Fico irritado(a) com pessoas que me pedem favores.
20. ____ Nunca disse algo que magoasse alguém de propósito.

ANEXO D - Escala de Desejabilidade Social Infantil

INSTRUÇÕES. Leia as sentenças a seguir e avalie o quanto cada item representa verdadeiramente (V) ou não (F) seu próprio comportamento.

01. ____ Sempre escuto com atenção quando alguém fala comigo.
02. ____ Me irrita quando alguém não concorda comigo.
03. ____ Sempre estou disposto(a) a assumir meus erros.
04. ____ Me irrita quando me pedem favores a cada hora.
05. ____ Sempre deixo minhas coisas organizadas.
06. ____ Sinto um pouco de inveja quando alguém tem muita sorte.
07. ____ Sempre faço tudo o que meus pais pedem.
08. ____ Algumas vezes fingi que entendia tudo mesmo sem entender nada.

ANEXO E - Tarefa de Empatia – vinheta tristeza

João é um menino de sua idade. Ele tem um amigo chamado Felipe. Felipe e João são amigos desde quando eram bem pequenos. Sempre que podiam estavam juntos para brincar e fazer outras atividades que gostavam, como acampar, ouvir música ou mesmo sonhar e planejar como seriam a casa da árvore que iriam construir juntos. Mas um dia, João soube que toda a família de Felipe iria mudar de cidade, e então eles não poderiam mais passar as tardes juntos como sempre fizeram. Chegou o dia da grande despedida, e João foi até a casa de Felipe dizer adeus.

- 1) Como João se sente?
- 2) Como você se sente sobre isso?
- 3) Por que você acha que João se sentiu assim?
- 4) Por que você se sentiu assim?

ANEXO F - Tarefa de Empatia – vinheta alegria

Julia é uma criança da sua idade. Ela mora em um pequeno apartamento com sua família, mas este apartamento não tem muito espaço para brincar. Os pais de Julia trabalham bastante e quase não tem tempo para levar Júlia para outros lugares para se divertir. No entanto, Júlia acaba de saber que sua família vai para seu parque favorito para fazer um piquenique e ela finalmente vai poder brincar e se divertir em seu lugar predileto.

- 1) Como Júlia se sente?
- 2) Como você se sente sobre isso?
- 3) Por que você acha que Júlia se sentiu assim?
- 4) Por que você se sentiu assim?

ANEXO G - Tarefa de Altruísmo – vinheta repartir

Paula é uma menina da tua idade que estuda na mesma escola que Sara. Um dia, Paula teve fome e queria lanche, mas não tinha lanche nem dinheiro para comprar. Então pediu à Sara que repartisse seu bolo com ela. Mas Sara tinha muita fome e só tinha esse bolo para o lanche. Se Sara repartisse o bolo com Paula, Sara só poderia comer metade de seu bolo e ainda ficaria com um pouco de fome.

- 1) O que você acha que Sara vai fazer? Dividir seu bolo com Paula ou comer seu bolo sozinha e por quê?
- 2) Como você acha que Sara vai se sentir mais feliz? Dividindo seu bolo com Paula ou comendo seu bolo sozinha, e por quê?
- 3) Em qual opção você acha que Sara se daria melhor? Dividindo seu bolo com Paula ou comendo seu bolo sozinha e por quê?

ANEXO H - Tarefa de Altruísmo – vinheta abdicar

Dora está triste. Todas as meninas da turma do colégio foram brincar no parque de diversão, mas ela não pode ir porque adoeceu e tem que ficar em casa para não piorar da gripe. Francisca e Catarina são amigas da Dora e elas sabem que Dora está doente, mas elas gostam muito de brincar no parque. Francisca decidiu ir para o parque brincar, então Catarina tem que decidir se vai visitar Dora que está doente ou se irá com sua outra amiga (Francisca) brincar no parque junto com todas as outras garotas do colégio. Se Catarina for visitar Dora, ela perderá o dia de diversão com a turma para ficar com sua amiga que está doente.

- 1) O que você acha que Catarina vai fazer? Visitar sua amiga Dora que está doente ou ir brincar no parque de diversão com Francisca e suas outras amigas do colégio, e por quê?
- 2) Como você acha que Catarina vai se sentir mais feliz? Visitando sua amiga Dora que está doente ou indo brincar no parque de diversão com Francisca e suas outras amigas do colégio, e por quê?
- 3) Em qual opção você acha que Catarina se daria melhor? Visitando sua amiga Dora que está doente ou indo brincar no parque de diversão com Francisca e suas outras amigas do colégio e por quê?

ANEXO I - Questionário Sociodemográfico

- 1) Qual sua idade: _____
- 2) Qual a idade da criança: _____
- 3) Sexo da criança: Masculino () Feminino ()
- 4) Quantos filhos você tem? _____ 5) Caso, tenha mais de um(a) filho(a), por favor indique a idade de cada um: _____
- 4) Qual seu estado civil: Solteira (); Casada/união estável (); Separada/divorciada (); Viúva ()
- 5) Quantas horas você passa com o filho(a), sem considerar o período de sono noturno: _____
- 6) Qual sua religião: Católica (); Evangélica (); Espírita (); Sem religião (); Outra _____.
- 7) Em que medida você se considera religiosa:

1	2	3	5	6
Nada religiosa	Pouco religiosa	Medianamente religiosa	Muito religiosa	Totalmente religiosa

- 8) Qual sua escolaridade: Analfabeto (); Ensino Fundamental Incompleto (); Ensino Fundamental Completo (); Ensino Médio Incompleto (); Ensino Médio Completo (); Ensino Superior Incompleto (); Ensino Superior Completo (); Pós-graduação Incompleta (); Pós-graduação Completa ().
- 9) Qual a série do seu(sua) filho(a): _____
- 10) Em comparação com as pessoas da cidade em que você vive, você se considera de qual classe social?

1	2	3	4	5
Classe baixa	Classe média baixa	Classe média	Classe média alta	Classe alta